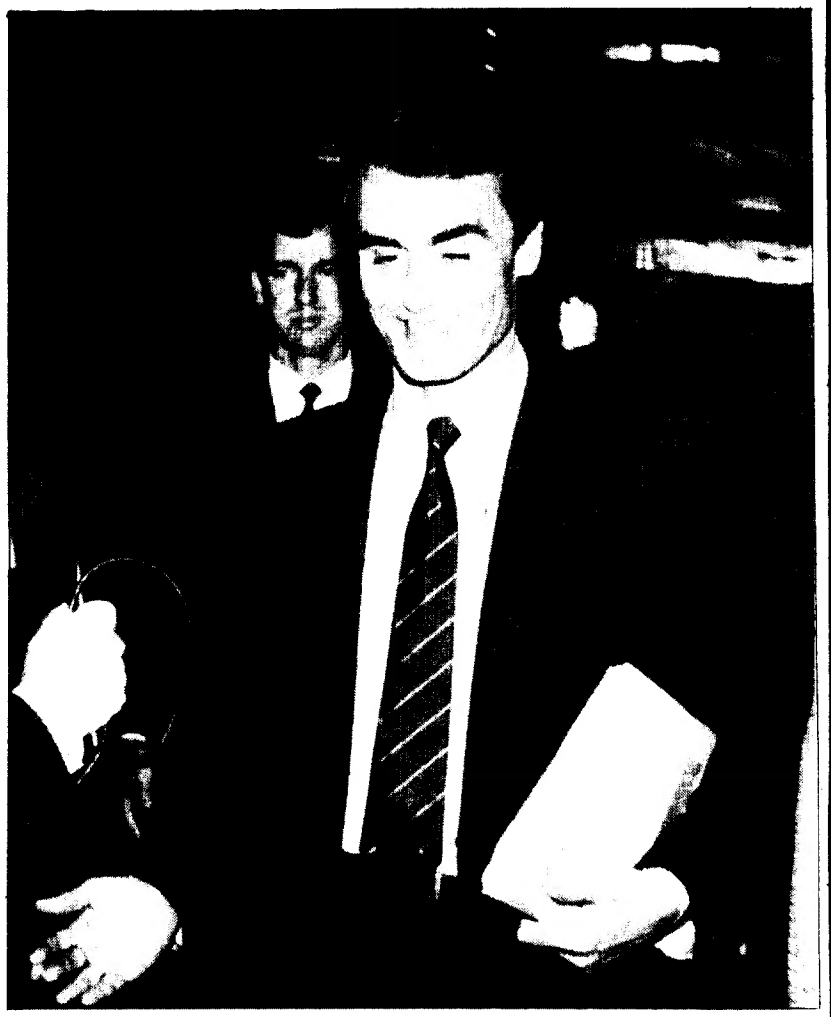
Diário de Lisboa

ANO 66 N.º 22 332 Segunda-feira, 6 de Abril de 1987 Preço 40$00

CAVACO EM BELÉM: PSD SÓ QUER ELEIÇÕES



Soares à chegada («tudo decorrerá dentro de normalidade democrática») e Cavaco à saída do Conselho Nacional do PSD («eleições são a única saída»)

SOARES AUSCULTA CORAÇÃO DA CRISE

Págs. 5 e 8

Mitterrand em Lisboa com muitos "dossiers" na pasta

Sessenta «dossiers» viajaram na bagagem de François Mitterrand, que esta tarde se encontra em Lisboa com Mário Soares, no início de uma curta visita oficial a Portugal. Relações bilaterais, papel de Portugal na NATO, África Austral, situação internacional são alguns dos temas que o presidente francês vem preparado para abordar. Trata-se da segunda visita de Estado que efectua a Portugal e ocorre, tal como a primeira, em período de crise governativa. No entanto, a presença de Mitterrand marcará uma pausa na agitação ultimamente registada na vida política nacional, já que Mário Soares remeterá para depois da sua partida o início dos contactos com partidos e forças sociais, tendentes à procura de uma solução para a crise aberta pelo PRD.

Págs. 6 e 7

Rio Ave-Benfica

Dois golos para trono

Págs. 15 e 18

Rui Águas atirou à rede: 1-0, festa já em Carlos Manuel. Benfica a um passo do trono

ASSISTÊNCIA TÉCNICA A NÍVEL NACIONAL

CLÍNICA DE TELEVISÃO A CORES

SOS CTC

OS PROFISSIONAIS DO SOM, TELEVISÃO E DO VÍDEO

GARANTIMOS RAPIDEZ E EFICIÊNCIA

ESTAÇÃO DE SERVIÇO PERMANENTE

☎ 88 27 86
89 98 26

A MELHOR ASSISTÊNCIA TÉCNICA AO SEU TELEVISOR E VÍDEO

20 ANOS AO SERVIÇO DA ELECTRÓNICA • SONORIZAÇÕES PARA TODOS OS FINS

AV. S. JOÃO DE DEUS, 13-B • R. DE MACAU, 8-1.º – LISBOA

CEM ANOS DE RÁDIO — I

Hertz descobre, Marconi aperfeiçoa

Antonio Parra

Celebra-se, em 1987, o centenário de um dos maiores inventos da Modernidade, algo que tem sido sinónimo de progresso e que abriu caminho para a consolidação da actual alta tecnologia. A radiofonia figura como causa «sine qua non» da comunicação instantânea, da navegação aérea, da guerra moderna, da aventura do espaço e da robótica.

Quando estava numa sessão de experiências num laboratório de Londres, Heinrich Hertz descobriu que, quando se gera energia eléctrica, irradia-se também uma corrente pelo espaço. Foi assim que, numa situação do Genesis — origem da física — foi feita a luz.

Na verdade, o físico alemão tinha colocado dois arames em forma de laço, separados alguns metros de distância e sem nenhuma ligação plástica entre os dois. Ao produzir uma corrente eléctrica, que fazia faísca, num dos arames, produzia-se no outro o mesmo efeito, apesar de não haver um elo condutor. Era o princípio das ondas hertzianas.

Dez anos antes, outro brilhante matemático escocês, James Clerk Maxwell, levou um relatório à Royal Society for Sciences, no qual levantava uma hipótese que não pôde demonstrar, isto é, a existência de ondas eléctricas, chegando inclusivamente a determinar a velocidade a que estas ondas viajavam no espaço. Contudo, até às citadas experiências de Hertz não se tinha qualquer notícia da existência das ondas eléctricas, que foram detectadas e medidas em 1887. Hertz veio confirmar que a teoria de Maxwell estava no caminho certo.

Nos anos seguintes, embora as experiências tivessem aumentado e o mundo europeu assistisse a todo um «boom» científico, (Edison, o pai da lâmpada, os irmãos Lumière, que descobriram o cinematógrafo e Bell com o seu telefone) as ondas hertzianas não tiveram aplicação prática. Só serviriam, de momento, de joguete nos laboratórios de física e nas barracas de feira.

Marconi

Contudo, houve três mentes privilegiadas — Lodge, Muirhead e Marconi — que se aperceberam imediatamente da transcendência da descoberta e de quanto estava em jogo: a comunicação sem fios podia dar uma volta de 360 graus na concepção das relações humanas e no nascimento de um Homem novo. Encurtar-se-iam distâncias e cairiam as barreiras. Ao difundirem-se, à velocidade da luz, as mensagens e as ideias colocariam a Humanidade numa nova fronteira. A fronteira dos novos conceitos: poder psicológico, arma de propaganda, lavagem de cérebro, publicidade, sociedade de consumo, democracia (que encontrou na rádio e na TV o seu grande baluarte). A descoberta das ondas hertzianas pôs em movimento um processo irreversível.

Trabalho de pioneiros

Muito se poderia escrever sobre as experiências daqueles pioneiros, dos seus fracassos e dos seus êxitos. Contudo, basta dizer que teriam que passar dez anos desde as primeiras provas de Hertz até Marconi, em 1897, demonstrar aos funcionários do governo de Sua Majestade, que a comunicação sem fios era factível a quatro milhas. Mas as ciências avançam. No final desse mesmo ano, Guillermo Marconi estava lançado, pois conseguiu emitir e captar sinais entre Salisbury e Bath, cidades do Sueste inglês separadas por uma distância de 34 milhas. A rádio tinha conseguido, mas nos primeiros tempos tinha apenas uma valor crematístico e comercial.

Em 1900, o físico italiano funda uma companhia comercial dedicada à transmissão de mensagens através do Atlântico (nesse mesmo ano um sinal de Morse com a letra S cruzou pela primeira vez o oceano, da Cornualha até à Terra Nova) e vende as acções a figuras superiores do governo britânico: Lloyd George, primeiro-ministro, Rufus Isaacs, ministro da Justiça e Herbert Samuel, ministro dos Correios. As acusações de corrupção não tardariam a chegar para Marconi e para os seus accionistas.

Heinrich Rudolf que descobriu as ondas transmissores

Marconi com um dos seus primeiros rádios

JOVENS QUE SE PUDESSEM...

António Manuel Teixeira
22 anos,
distribuidor numa editora livreira

"Não me importo com o dia de amanhã"

Foi o último recurso?
— Foi. Tentei o comércio mas não deu. Se tivesse ficado lá já não andaria à chuva. Este trabalho é chato.
Custa-te a levantar de manhã?
— Um bocado.
Deitas-te tarde, não?
— Aos dias de semana não. Mas nos fins-de-semana dou as minhas voltas pelos bares e pelas discotecas. Depois de cinco dias de trabalho é bom desopilar.
Continuas a divertir-te?
— Bem, até isso já entra na rotina. Mashá sempre coisas novas, estou sempre a mudar de lugar.
E de miúda?
— Agora não. Ando com uma e com as outras acabou-se.
O que tem o teu emprego de pior?
— Ando muito. Mas o problema maior nem é esse: preferia ganhar mais.
O dinheiro fica para ti ou entregas aos teus pais?
— É para mim. Vivo sozinho. Os meus pais têm umas terras em Coruchee foram para lá viver.
O que gostas mais e detestas mais em Lisboa?
— Gosto imenso do Bairro Alto. Sinto-me bem nestas ruas. Até parece que parou o tempo. E detesto as Amoreiras, acho aquilo feio.
Não ligas a modas, a modernidades?
— Não. Há outra coisa que eu não estou a gostar aqui em Lisboa. Os putos de doze, treze anos a «snifarem» cola. O hax é muito melhor. E mais ainda a liamba.
Tens as tuas próprias ideias?
— Tenho. Considerome anarquista.
Anarquista em quê, como?
— Olha: não me importo com o dia de amanhã.
Costumas ler os livros da editora em que trabalhas?
— Sim. Leio muito. Da minha editora e de outras...
Que tipo de leituras preferes?
— Os surrealistas. E o Boris Vian, por exemplo.

CRÓNICA DE ECONOMIA POLÍTICA

MÁRIO MURTEIRA

No Sul de Angola

A 5.ª Região Militar da República Popular de Angola compreende as províncias do Namibe, Huíla e Cunene, na vizinhança do território da Namíbia, controlado pela República da África do Sul. Na referida região vivem mais de um milhão e trezentas mil pessoas, incluindo cerca de cem mil refugiados provenientes do Sul do Cunene onde forças sul-africanas provocaram grandes destruições. A capital da Huíla e sede da 5.ª Região Militar é Lubango (antiga Sá da Bandeira), segunda base militar do país. É esta cidade que visitámos recentemente, a convite da autoridade regional a fim de tomarmos contacto com os problemas do desenvolvimento económico-social da área. Tais problemas têm hoje uma significação particular em Angola, por várias razões, como referiremos a seguir.

A Huíla e o Namibe gozam duma tranquilidade e segurança excepcionais na presente conjuntura de Angola e, aliás, de grande parte da África Austral. É por exemplo possível encontrar numerosas fazendas agro-pecuárias, g eridas por particulares, que funcionam em condições quase normais, ou pelo menos em condições que permitem produzir.

Claro que esta situação contrasta com a grande parte do restante território angolano. A UNITA não tem aqui qualquer presença, não há escassez de alimentos essenciais e o sistema económico regional funciona assim com autonomia e especificidade no interior da economia angolana.

Acresce que o primeiro responsável político da região — que acumula funções civis e militares como noutras regiões criadas em 1983, face às «acções armadas de agressão, vandalismo e banditismo», como refere a Lei n.º 5/83 — é o antigo primeiro-ministro e posteriormente ministro do Plano, Lopo do Nascimento. Trata-se dum homem profundamente conhecedor da realidade angolana e gestor sensato e pragmático numa conjuntura político-económica singularmente difícil e complexa. Além do mais, Lopo do Nascimento pode pôr aqui em prática medidas e concepções de política económica que seriam impraticáveis — por várias razões, nem todas evidentes — à escala de todo o território angolano, mesmo que fossem decididos em Luanda.

Sucede ainda que um substancial auxílio financeiro e técnico oriundo de países ocidentais se encontra disponível para o desenvolviemnto da região, numa altura em que Angola atravessa uma crise grave da balança de pagamentos, com um elevado serviço de dívida externa e uma economia praticamente reduzida — ao menos em termos de geração de divisas — ao sector dos petróleos.

Finalmente, não pode ignorar-se a importância estratégica e militar da região face à ameaça sul-africana. Aviões e mísseis concentrados na Huíla, com considerável apoio militar soviético e cubano, representam um dissuasor importante da penetração do inimigo no coração de Angola.

Tudo isto configura uma situação muito particular com numerosos aspectos insólitos para o recém-chegado. Um deles reside na proximidade (em certo sentido) e no distanciamento (noutro sentido) da presença portuguesa nesta região da sua ex-colónia, sem dúvida a jóia mais amada e possuída da última fase do império colonial português. Proximidade, porque se fala a língua, abundam os sinais da passagem portuguesa por ali, continuam presentes portugueses — mesmo que de certo modo alguns o sejam contravontade, pois escolher a nacionalidade angolana não pode mudar a personalidade construída em toda a vida — e a convivência dum português com a população, mesmo totalmente alheio ao meio, continua espantosamente fácil. Ainda que as ligações «culturais», em sentido amplo, passem sobretudo por coisas como o jornal **A Bola,** os cigarros SG gigante, ou os fados de Carlos do Carmo.

Distanciamento, porque nos aspectos essenciais em que a cooperação portuguesa poderia desempenhar papel decisivo, a política oficial não permite lá chegar rapidamente e com força comparável à que Salazar aplicou na repressão dos movimentos de libertação nos anos 60, com aquelas consequências que todos conhecemos. E claro que há técnicos portugueses presentes na região por conta de empresas nacionais ou estrangeiras ou simplesmente por conta própria, como é o caso de quem escreve.

Mas o Estado português não tem nada a ver com isso. E não insistindo no óbvio, o facto é lamentável sobretudo no plano cultural e também no da assistência técnica, designadamente no domínio da agro-pecuária, em que técnicos portugueses que aqui viveram e investigaram longos anos têm conhecimentos práticos que mais ninguém possui. Como nos dizia Lopo do Nascimento, os laços culturais ainda existentes não durarão muito: as novas gerações de políticos e quadros angolanos poucos ou nenhuns contactos terão com Portugal; e, inversamente, as novas gerações de políticos e quadros portugueses nada saberão de África. É todavia possível que ambas as coisas sejam necessárias quer à «modernização» de Portugal quer ao desenvolvimento de Angola.

Voltando ao elemento insólito na Huíla, e sem pretender esgotar o assunto, longe disso! É merecedor de nota a coexistência de elementos culturais e níveis tecnológicos amplamente diferenciados no espaço e no tempo: ao lado de Migs e Antonovs soviéticos e Boeings americanos (por exemplo), encontramos carros de bois de tradição boer ou utensílios agrícolas indígenas de origens bem mais remotas; construções portuguesas ao estilo do início dos anos 70 — como o grande cinema na praça principal do Lubango que não chegou a ser concluído — estremecem à passagem dos grandes camiões oriundos da RDA e a graciosa e apalaçada estação de caminho-de-ferro, que há décadas os portugueses construíram, mantém-se hoje como centro de formação profissional, onde os comboios já não chegam. Mesmo uma visão breve e superficial da paisagem física e humana levanta imediatas interrogações sobre o estilo ou padrão de desenvolvimento possível e adequado em circunstâncias tão heterogéneas e particulares. E não será talvez necessário recordar que, no fim de contas, de várias formas, Moscovo e Washington não estão assim tão remotamente distantes da capital da Huíla como a paisagem tranquila e pacífica sugere: o clima temperado e a atmosfera transparente, as flores vermelhas e amarelas que predominam nas ruas da cidade, o monumento ao Cristo Rei que (ainda) domina a cidade num degrau acima do planalto, perto dos dois mil metros de altitude.

Tudo isto, como é óbvio, torna particularmente estimulante a reflexão sobre a estratégia de desenvolvimento adequada ao espaço e ao tempo característicos desta região do Sudoeste de Angola. Voltaremos ao assunto.

Caminhos sindicais

Orlando Cardoso

Em edição recente um semanário noticiava que se realizara no Porto uma reunião dando origem à Tendência Sindical Renovadora. Tal notícia coloca-nos perante a eventualidade de aparecimento de mais uma estrutura de intervenção sindical criada a partir de um partido político. Esse facto nada tem de inovador para além da sua origem.

Já vão distantes os tempos da unicidade sindical a que se contrapôs uma mítica unidade sindical. O tempo, cruel carrasco das várias demagogias, recolocou a discussão ao seu nível. O problema da divisão sindical não existia em si mesmo. Reflectia quase exclusivamente a luta pelo poder travada entre os partidos portugueses. O mundo do trabalho e o mundo sindical não escaparam a essa voragem e as suas consequências são, por de mais, conhecidas.

A divisão sindical, colocada sob a falsa dicotomia unicidade contra unidade, reflectiu e ainda reflecte a divisão e afastamento dos dois partidos que maior representatividade reclamam no mundo do trabalho: o Partido Comunista e o Partido Socialista.

Os sindicatos saídos do regime corporativo eram uma presa fácil e indefesa nesse panorama. As suas estruturas não eram autónomas do poder político e continuaram a não o ser

Hoje a dessindicalização em muitos sectores é um facto que nem as duas centrais actualmente existentes pretendem iludir. E esse processo de degradação do mundo sindical é óbvia consequência das lutas velhas e antigas dos seus tutores. Não somos nós que o afirmamos mas são as próprias centrais sindicais que se acusam mutuamente de serem meras correias de transmissão dos partidos políticos. Assim, a UGT não seria mais que uma correia de transmissão do PS e do PSD e a CGTP do PCP. Acusações altamente redutoras e simplistas para problema tão vasto e complexo.

Seria ingénuo supor que os partidos, por um golpe de mágica, deixassem os movimentos sindicais caminhar com as suas próprias pernas, com as suas próprias contradições, com a sua aprendizagem constante nos locais de trabalho onde, estatutariamente, a sua acção se exerce.

Compete aos sindicatos e às suas centrais sindicais quebrar os espartilhos em que estão envolvidos e que condicionam a sua acção a estratégias alheias.

A nosso ver um dos grandes problemas do sindicalismo europeu, e não só português, é o controlo férreo exercido pelos grandes partidos políticos. Os sindicatos são uma das armas mais poderosas que os partidos agitam por conveniências estratégicas. A Espanha, a França, a Inglaterra, a Alemanha Federal, são alguns dos países que têm uma assinalável experiência histórica dessa subordinação sindical.

Portugal tem uma longa experiência de subordinação dos sidicatos à situação política. Os sindicatos nacionais de 1934 fizeram parte integrante do aparelho corporativo. Os sindicatos depois de 1974 reflectiram as contradições inerentes ao movimento revolucionário.

Os partidos e as centrais sindicais contam hoje os sindicatos como em 1974/75 os militares contavam espingardas. A sua atracção pela predominância no mundo sindical, que não deve ser confundido com o mundo do trabalho, é demasiado grande. É a miragem dos milhares de votos de sindicalistas ordeiramente enfileirados nos actos eleitorais obecedendo às directrizes mais ou menos claras dos seus dirigentes. E a ambição do aumento de influência sem olhar a meios, mesmo que para tal se pretenda reduzir o sindicalismo a uma caricatura de sim mesmo.

A imunização contra as tentativas de controlo do movimento sindical é extremamente difícil. Nem mesmo o PRD consegue resistir a essa sereia, pondo de parte posições inovadoras como as assumidas em pontos diversos da sua existência e que defendiam a autonomia das organizações de trabalhadores, sindicais incluídas.

A independência dos sindicatos face aos partidos políticos é, a nosso ver, a condição fundamental para poderem cumprir os seus objectivos: a defesa dos trabalhadores enquanto tal. Só desse modo poderá ser invertido o rumo actual da dessindicalização. São necessários sindicatos fortes e politizados o que, evidentemente, não significa partidarizados.

(Membro da Comissão Directiva do PRD em Leiria)

Portugal e a defesa da civilização Ocidental

Leja Santos

O regime salazarista alimentou desde a primeira hora o imperativo da defesa de valores cristãos associados à própria defesa da civilização ocidental. Na prática, esta orientação traduzia-se na definição categórica da existência de um inimigo do povo português: o sistema comunista internacional (na ordem externa) e o marxismo ateu, a maçonaria e a própria oposição ao regime (na ordem interna). Em termos de política externa, o regime de Salazar e Caetano viu-se orgulhosamente só, sujeitando o povo português, e em especial a sua juventude, a catorze anos de guerra absurda e desgastante, por incapacidade natural em fazer reconhecer aos seus próprios aliados que havia um inimigo comum. Não esquecer que a partir de 1955, os EUA apoiaram todos os movimentos emancipalistas e está completamente provado que deram apoio, como o Leste, às organizações pró-independência em África. Acresce que todos os países da NATO, a quem Salazar e Caetano pediam auxílio, sabiam que a nossa permanência em África mais não era que a manutenção do regime de «apartheid» sul-africano (em Angola e Moçambique, as tropas portuguesas eram massivamente apoiadas em meios aéreos, transmissões, alimentos, etc., pelo governo de Pretória).

Em termos de política interna, foi a criação de uma polícia política, de milícias paramilitares e ideológicas e do desvirtuamento das missões das próprias forças de segurança (PSP, GNR e Guarda Fiscal). Estes instrumentos de repressão visavam fundamentalmente suster ou desbaratar o inimigo interno, objectivado no PCP.

De uma tal cegueira política conhecemos o saldo calamitoso, ou seja: Portugal como país isolado no contexto mundial, mesmo dos seus aliados ocidentais e os valores intelectuais ou perseguidos e silenciados ou forçados ao exílio.

Com o 25 de Abril e a abertura de Portugal ao Mundo, recuperou-se a identidade perdida e que estava subjugada à mitologia da «civilização ocidental». Portugal ficou sem inimigo interno (toda a oposição e todos os valores perseguidos pelos mestres do nacionalismo regressaram, colaborando, ainda que num ambiente de disputa do poder, na edificação do novo tecido constitucional) e no âmbito externo, ainda que integrado na aliança atlântica, não deixou de se acentuar no texto constitucional o apoio à dissolução dos blocos político-militares e o estabelecimento de um sistema de segurança colectiva, com vista à criação de uma ordem internacional capaz de assegurar a paz e a justiça nas relações entre os povos (n.º 2 do art.º 7 da Constituição).

Decorrente desta realidade vivida, sentida e institucionalizada, subscrevemos a Acta Final de Helsínquia, na qual o então Presidente Costa Gomes, além de ter invocado o significado do 25 de Abril para o povo português em termos de descolonização, democratização e de desenvolvimento para o País, se tornou solidário com o texto da Acta em questões relativas à segurança europeia e à cooperação em diversos domínios desde os económicos aos humanitários.

No entanto, nos acontecimentos político-militares inerentes ao 25 de Novembro ressuscitaram por arrastamento velhas concepções, velhos paradigmas, e até mesmo alguns avatares da velha ordem, que emergiram na área do poder como aliados circunstanciais da ala político-militar mais moderada do 25 de Abril.

Regressou o inimigo interno: nos saneamentos, nas reformas compulsivas, nas calúnias, na manipulação de informação, tudo em nome da civilização ocidental, dos bons usos e costumes da Nação, na velha noção do direito, da autoridade e da ordem. O que porventura deixará dentro de algumas décadas os historiadores perplexos é a coexistência, a partir dessa data, entre o obsoleto e o obscurantismo com as ideias do 25 de Abril, a aproximação permissiva nos negócios, nos tribunais, na educação, na Imprensa, entre retrógrados e democratas, entre aqueles que sempre apostaram na identidade europeia e aqueles que não passaram de servos da gleba do colonialismo e do imperialismo.

Não nos percamos, porém, nesta análise de elementos ainda por sedimentar, em que todos os dias se beija e se atraiçoa o texto constitucional para nos atermos ao regresso do quadro mitológico anterior ao 25 de Abril.

Nada como exemplificar com o desenrolar dos acontecimentos nos seguintes domínios: política externa, forças armadas e movimento associativo.

O mais grave do episódio da Estónia, em que foi posta em causa a dignidade do Estado Português, reside no facto de ter sido consequência do 25 de Abril a abertura diplomática a Leste sem quaisquer restrições a não ser aquelas que impõem a solidariedade com os países da NATO. Ora o que o «lapso» da justificação do Palácio das Necessidades deixa antever é o pesadelo salazarista e razões de Estado na óptica da defesa da civilização ocidental contra «bolcheviques», o «perigo vermelho» e a «finlandização da Europa».

No interior das forças armadas a ambiguidade foi ainda mais fácil de se instalar. Instituição pesada, com uma hierarquia sempre actuante e exibindo comportamentos conservadores, fechada sobre si própria, e com reduzida informação interna e externa, tornou-se a seguir ao 25 de Novembro, o local ideal para o ressurgimento da antiga ordem que Jean Daujat ilustrava em publicação do Estado-Maior do Exército, de 1962, intitulada «Conhecer o comunismo»: «...é vão procurar na crise actual do mundo soluções de transigência ou soluções intermediárias entre cristianismo e comunismo: é preciso escolher um ou outro, o primado marxista do poder material e da acção transformadora do mundo ou o primado cristão da contemplação, subordinando à verdade a conhecer, ao bem a amar, finalmente a Deus. o homem que busca a sua perfeição.

Instaurar o reino de Deus ou instaurar em poder de «transformação» da natureza, tal é o dilema: embriaguês orgulhosa de acção revolucionária dominando o mundo ou dom de si próprio para a construção da Cidade de Deus: os nossos leitores que escolham» (pág. 79/80).

O inimigo interno passou a fazer parte de todos os cenários militares em que as nossas forças armadas treinam as suas capacidades de resposta a eventuais crises de Leste (bloco laranja), na forma de invasões através da Europa Central ou de impedimentos ao reforço rápido de Portugal ao teatro europeu. O inimigo interno, em tais cenários, aparece genericamente caracterizado por populações afectas ao bloco laranja, pela existência de um «partido laranja português» por manifestações de grupos pacifistas, pela efectivação de greves de trabalhadores, pelo aparecimento de militantes de partidos afectos ao bloco laranja, ameaçando bloquear saídas de unidades militares (quando necessário), e pelo tratamento deformado de termos como: classe operária, trabalhadores, sessões de solidariedade, frentes proletárias, agentes de extrema-esquerda, reforma agrária, marchas unitárias, etc.

Assiste-se, por consequência, à simultaneidade do aparecimento de um inimigo externo e interno nas «ordens de batalha» do exército português.

Temos, por último, a hostilidade indisfarçada às associações cívicas que emanam do 25 de Abril. A recente notícia da indisponibilidade da Biblioteca Nacional para a realização de colóquios promovidos pela Associação 25 de Abril não é só uma atitude anti-cultural de um qualquer anónimo director de biblioteca. Trata-se de procurar identificar partidariamente uma associação que prossegue valores cívicos perfeitamente evidenciados em estatutos, aprovados por mais de 1500 militares do 25 de Abril, a que o próprio comandante militar do 25 de Novembro não é alheio.

Isto acontece ainda num país onde a comunicação governamental privilegia, face aos problemas que lhe surgem, a identificação dos seus porta-vozes com forças políticas que importa denunciar em prol da defesa da civilização ocidental...

Conclui-se, ainda que com carácter provisório, reafirmando estar-se em presença de situações que atentam contra o quotidiano dos cidadãos e contra o aprofundamento da democracia. Quanto à primeira situação, constata-se um injustificado esgotamento de energias, devido à fantasmagoria do inimigo interno, da criação de suspeição entre cidadãos do mesmo país, do fabrico de mecanismos de censura das consciências, manipulação da informação; enfim, a alegada «defesa da civilização ocidental impulsiona o descrédito nas instituições democráticas, do médio ao longo prazo. Outra coisa não esperam as múmias da autoridade, da ordem, da ancestralidade.

Quanto à segunda situação, resulta mutilar-se o quadro constitucional quando se nega implicitamente a participação de partidos políticos na resolução dos problemas do País; e ao atacar-se uma organização cívica como a Associação 25 de Abril constrange-se a dignidade da participação democrática. Dito doutro modo, todo este processo messiânico, artificial e passadista, de defesa de valores ocidentais, comporta os germes da destruição, entre nós, dos autênticos valores da civilização ocidental.

CARTAS MULTADAS

Todas as segundas-feiras neste local

Fim do estado de graça para Soares

A circunstância em que Mário Soares iniciou hoje o seu labor de mediação, na crise provocada pelo derrube do Governo, é, para quem ainda se apaixona pelo jogo político, das mais fascinantes:

Abstractamente, este é o momento em que a vertente presidencialista da Constituição mais surge à luz do dia, oferecendo ao chefe de Estado vasta margem de manobra.

Em concreto, dados os antecedentes e o posicionamento actual, em termos políticos, de Mário Soares, dada também a configuração da relação política de forças com que ele terá de lidar até que novo Governo seja empossado e dada, ainda, a importância futura do que agora se jogà, a margem de manobra presidencial vê-se confinada a um espaço bem mais reduzido do que o garantido pelo texto constitucional.

Soares já no Brasil iniciou movimentos: não interrompeu a sua viagem, anunciou que se mantém todo o programa de acompanhamento da estada de Mitterrand em Portugal e que o Primeiro-Ministro irá à China como previsto.

Em abstracto, estas decisões enfatizam a sua confiança na estabilidade das instituições democráticas; em concreto, foram uma forma de criticar a inoportunidade da crise e de travar as suas eventuais conseqências imediatas. Não tivesse o derrube do Governo sido causado por uma moção de censura *do PRD* a que se associou *este* PS, e talvez a perturbação do Presidente fosse maior.

É conhecida a multiplicidade de soluções formalmente legítimas que a Soares se deparam e não insistiremos nelas aqui.

Interessa sim, a esta coluna, considerar a legitimidade *política* e o espaço de que o Presidente dispõe para a exercer.

É curioso que tenham surgido, no dia da votação da moção de censura, comentaristas «de esquerda» dando conta da origem *governamental* de uma hipótese já por nós considerada — a de que o primeiro gesto de Soares deverá ser o de voltar a convidar Cavaco Silva a formar Governo. E é curioso que tal sucedesse, porque, para além dos interesses do instante, a manutenção do actual quadro parlamentar é uma solução que viria a interessar sobretudo à «esquerda» que actualmente tem assento parlamentar, tendo em conta a maioria necessária à revisão constitucional que se aproxima e o conhecimento que se tem das tendências de voto do eleitorado, através de sucessivas sondagens.

A manutenção do actual quadro parlamentar, mas com o PSD transformado em principal partido da oposição, não aparece, no momento em que escrevemos, como uma solução a que o Presidente deseje dar o seu aval. Recapitulando: os *renovadores* são os principais interessados na aliança com o PS; e um governo minoritário socialista ficaria em situação parlamentar ainda mais precária do que a que foi a do Governo do PSD. Além de que o PS não é *apenas* o segundo partido nacional: é também o partido que o eleitorado mais penalizou nas últimas legislativas, como os sociais-democratas não deixaram de saalientar depois do seu Conselho Nacional de ontem.

Se Cavaco Silva não rejeitar publicamente, e de modo *absoluto*, a eventualidade de aceitar tal convite, será sobretudo para não dar campo a Constâncio, que, esse sim, evoluiu durante a semana passada até à admissão de se tornar, ele próprio, chefe de Governo sem recurso a eleições.

Mas é evidente que Cavaco Silva e o PSD querem a prova das urnas, que pode dar-lhes a maioria absoluta no Parlamento, e que talvez não se revele *desastrosa* para o PS (qualquer recuperação do «score» socialista, mesmo mantendo o partido a forte distância do PSD, consolidará, actualmente, a liderança dos constancistas).

Há uma questão intermediária que vai ganhar entre negociadores, nos próximos dias, primeira importância, e que todo o eleitorado presidencial (que não é, como se sabe, coincidente com o eleitorado das legislativas) considerará um «teste» para Soares: é o do Governo que, caso a saída da crise passe pelas urnas, preparará as eleições. Cavaco Silva tem todo o interesse em ser mantido em funções até ao eventual acto eleitoral, e todo o bloco que o derrubou vai tentar evitar a todo o custo que tal aconteça.

Depois de um primeiro ano de mandato em «coabitação» bem sucedida, e ao longo do qual Mário Soares trabalhou com o objectivo de se fazer aceitar pelas duas metades do eleitorado presidencial, surge agora o momento de uma definição mais profunda e verdadeiramente *política*. Depois dela, e qualquer que seja o desfecho da crise, terá terminado o estado de graça do Presidente: ele vai novamente ter de «sujar as mãos» na água que foi, durante toda a sua vida, a sua preferida.

João Mendes

Com Maria Barroso no momento do desembarque e o primeiro encontro com Cavaco Silva

MÁRIO SOARES NO REGRESSO A LISBOA: TUDO VAI CORRER NORMALMENTE

O Presidente Mário Soares regressou esta madrugada a Lisboa. No aeroporto, onde o aguardava o primeiro-ministro cessante, Cavaco Silva, respondeu a questões postas pelos jornalistas. No essencial para reafirmar o que já no sábado dissera no Brasil, depois de informado do resultado da votação da moção de censura: não há pressa, tudo vai decorrer na maior normalidade, o povo português não tem razões para se preocupar. «Na altura própria irei dando informações aos portugueses através dos meios de Comunicação Social», anunciou.

Já esta manhã, Mário Soares teve um primeiro encontro com Cavaco Silva. Seguir-se-à uma pausa, durante a qual o Presidente se dedicará exclusivamente à visita que François Mitterrand efectua desde hoje a Portugal. Entretanto, o primeiro-ministro cessante estará na China e Macau até à segunda quinzena deste mês.

De qualquer modo, depois da audiência de hoje com Cavaco, e após a partida do Presidente francês, Soares receberá os partidos políticos, os parceiros sociais, personalidades da vida nacional. A convocação do Conselho de Estado está também prevista, mas a data dependerá dos contactos que Soares desenvolverá nos próximos dias.

No seu regresso a Lisboa, após uma visita de 12 dias a seis cidades brasileiras, o Presidente da República recordou a declaração que havia feito, na véspera, aos jornalistas que o acompanhavam, classificando-a como «destinada essencialmente a tranquilizar o povo português», em cuja maturidade política disse acreditar.

«O povo português tem a maturidade política e democrática suficiente para que eu possa afirmar, no Brasil, com toda a tranquilidade, que tudo vai decorrer na maior normalidade e segundo o que está previsto na nossa Constituição», afirmara no sábado, no Rio de Janeiro.

Tal como já fizera antes, garantiu que se mantém as obrigações de Estado — visita de François Mitterrand a Portugal e de Cavaco Silva a Pequim e Macau — e salientou qye «não vai ser, obviamente, durante o momento em que ser está a efectuar uma visita de Estado a Portugal que vamos estar envolvidos nestes problemas internos que temos tempo de tratar com toda a calma».

A uma pergunta sobre se havia ou não sido previamente informado pelo PRD sobre a apresentação da moção de censura, Soares confirmou que aquele partido lhe dissera, nas véspera da sua partida, «o que tencionava fazer e o calendário» da iniciativa.

Referindo-se concretamente à visita que fez ao Brasil considerou que os objectivos da viagem «foram plenamente alcançados» e sublinhou que deu a conhecer aos brasileiros «a imagem do Portugal pluralista, europeu, democrático e moderno». Relatou os contactos havidos com as autoridades brasileiras e disse ter conseguido projectar a nova imagem de Portugal junto da comunidade portuguesa no Brasil.

Das conversações com o Presidente Sarney destacou o facto de Portugal ter sido o primeiro país a afirmar de forma clara a solidariedade com o Brasil, «país que atravessa um momento delicado com o problema da dívida externa».

Recordou ainda os projectos de natureza cultural, comercial e cientifica acionados durante a viagem.

PSD contesta "legitimidade" de outro Governo

SÓ ELEIÇÕES PODEM ULTRAPASSAR A CRISE

«Não é politicamente legítima a formação de qualquer Governo sem o recurso prévio a eleições». Eis a tónica do discurso político que o PSD vai desenvolver nos próximos dias, nomeadamente junto do Presidente da República. Os sociais-democratas não admitem sequer aceder a um eventual convite de Mário Soares para tentarem novo Gabinete.

Foram estas algumas das deliberações do Conselho Nacional contidas numa moção de estratégia aprovada por unânimidade e aclamação durante a reunião daquele orgão partidário que ontem decorreu num hotel do Estoril. Delas deu conta aos jornalistas o secretário-geral, Dias Loureiro, numa conferência de Imprensa realizada no final dos trabalhos.

Os sociais-democratas não negam a legitimidade jurídico-constitucional de um Governo alternativo ao agora derrubado formado na base do actual quadro parlamentar. Recusam, no entanto, conferir-lhe legitimidade política. «Não deve assumir responsabilidades governativas quem foi claramente derrotado nas últimas eleições legislativas», sentenciou Dias Loureiro, numa clara alusão aos resultados obtidos pelo PS em Outubro de 1985. Inaceitável é também para os sociais-democratas um governo PS-PRD. Isto porque não só um tal Executivo «mais não seria do que um novo e diferente palco de lutas partidárias», mas também porque «significaria o regresso do PCP à área do poder».

Eleições, eleições

Eleições para resolver a crise, eis a única solução avançada pelos conselheiros nacionais do PSD. Justificam-na antes do mais com uma resolução aprovada no seu último Congresso: «O PSD não participará noutra experiêcia governativa no actual quadro parlamentar com qualquer outra força política que directa ou indirectamente contribua para derrubar o Governo. Nesse caso devem ser realizadas eleições e apurada a vontade actualizada do eleitorado». Qualquer eventualidade de coligação com o CDS foi também remetida por Dias Loureiro para depois de uma nova consulta eleitoral. Isto não significa, no entanto, uma recusa à proposta avançada por Adriano Moreira na discussão da moção de censura, e que apontava claramente para a reconstituição da AD. Recorde-se que, na ocasião, o líder centrista baseava a sua proposta no pressuposto de que nenhum «partido obterá sozinho uma maioria absoluta», pelo «é dever» daqueles «que assumem o legado político ocidental contra o frentismo de esquerda, unirem-se num programa claro, para que o país finalmente institucionalize, e não perca uma oportunidade histórica com isolacionismos que excedem os riscos patrioticamente aceitáveis».

De qualquer modo, o secretário-geral do PSD afirmou que não foi ainda definida a forma como o seu partido se apresentará às urnas, só ou em coligação - no caso de serem convocadas eleições - ou mesmo qualquer estratégia eleitoral.

Crise versus estabilidade

Quanto à aprovação da moção de censura apresentada pelo PRD e que derrubou o Governo presidido por Cavaco Silva, Dias Loureiro repisou a argumentação que vem sendo aduzida pelo seu partido. «Que foi um acto de grande irresponsabilidade do PS e do PRD, no interesse e por conta do PCP», que tal iniciativa «mergulhou o país numa crise política» e que «pode abrir de novo o caminho ao retrocesso e aos tempos de austeridade». Em contraponto realçou «o clima de estabilidade, confiança e de progresso económico e social» em que Portugal vivia, com perspectivas que apontavam os próximos anos como sendo de «prosperidade e de melhores condições de vida para os portugueses, conforme foi reconhecido por organizações internacionais como a CEE e a OCDE».

Ainda de acordo com o secretário-geral do PSD, a queda do Governo não foi accionada «em nome dos interesses nacionais mas, pelo contrário, para servir os interesses particulares mais egoistas». Para justificar tal afirmação, Dias Loureiro apontou o objectivo «permanente do PCP em criar instabilidade para impedir o progresso e a modernização de Portugal, bem como os interesses do PS e do PRD na luta que travam para que, finalmente, um possa destruir o outro».

E mais uma vez «em nome da estabilidade» que o PSD fala quando propõe o recurso a eleições para resolver a crise cujos efeitos se «devem reduzir ao mínimo». O dirigente social-democrata defendeu ainda a manutenção do actual Governo, caso o Presidente dissolva o Parlamento e decida a realização de novo sufrágio. A propósito citou «a prática inequívoca» que vem sendo seguida em Portugal: «Sá Carneiro preparou as eleições de 1980; Pinto Balsemão as de Abril de 1983, aquando da dissolução da AD e Mário Soares as eleições de Outubro de 1985».

Foi calma a reunião do Conselho Nacional do PSD ontem realizada. Logo no início dos trabalhos foram aprovados rapidamente o relatório e contas de 1986 e orçamento do partido para 1987.

Seguiu-se depois uma longa intervenção de Cavaco Silva, em grande parte centrada no balanço da actividade governativa, que viria a ser interrompida por uma falha de luz. Recomeçados os trabalhos só da parte da tarde, o líder social-democrata completou o seu discurso após o qual se seguiram exposições entre as quais se destacam as de Barbosa de Melo, João Jardim, Mota Amaral, José Miguel Júdice e Carlos Coelho.

Por decisão da direcção

PRD levará a Soares alternativas à crise

O PRD apresentará ao Presidente da República, tão depressa quanto possível, «soluções alternativas à actual crise», que diz ter «desenvolvido e aprofundado» durante a reunião da comissão directiva nacional, efectuada anteontem.

Num comunicado distribuído no final do encontro, os renovadores manifestaram a sua «inquietação face ao teor de algumas intervenções de elementos do Governo que, além do mais, evidenciaram o mau perder de quem tem dificuldade em aceitar o veredicto da Assembleia da República». A aprovação da moção de censura ao Governo - lê-se no comunicado - «demonstra a pertinência da sua apresentação na Asembleia da República».

"Crise": mais noticiário na pág. 8

FÉRIAS DA PÁSCOA
— SEMANA SANTA —
30 DESTINOS DIFERENTES
CONSULTE O NOSSO PROGRAMA
FEIRA DE SEVILHA
DE 27 DE ABRIL A 1 DE MAIO
DE 1 A 5 DE MAIO E 3 A 5 DE MAIO
HOTEL D. PACO *** 37 400$00
HOLANDA FLORIDA
DE 1 A 16 DE MAIO 139 900$00
NOTA [illegible] MAIO TERÁ LUGAR A MAXIMA FLORAÇÃO
HOTÉIS DE 1.ª ★ PULLMANS LUXO
O SEU FILHO É N/CONVIDADO
LUSANOVA TURISMO
AV. JOÃO XXI, 9-A — M. MONIZ, 6-A-TEL. 894311-894480

Visitas oficiais: Mitterrand faz a segunda

François Mitterrand já esteve em Lisboa quatro vezes desde 1981, sendo esta a sua segunda visita oficial a Portugal. É o terceiro presidente francês a fazê-lo mediante convite dos governantes portugueses.

Do lado português, apenas dois presidentes se deslocaram oficialmente a França, ambos após 1974 — Francisco da Costa Gomes e António Ramalho Eanes.

Ainda existia em Portugal a monarquia quando, em Outubro de 1905, o presidente francês, Emile Loubet, realizou uma visita oficial a Lisboa, a qual seria retribuído, logo no mês seguinte, com a deslocação a França do rei D. Carlos.

Seria somente 72 anos depois, em Julho de 1978, que outro chefe de Estado gaulês viajaria até Lisboa para uma visita oficial — Giscard d'Estaing.

Eleito presidente em 1981, Mitterrand efectuaria, em 11 e 12 de Dezembro desse mesmo ano, a sua primeira deslocação oficial a Portugal, a convite do então Chefe de Estado português, Ramalho Eanes.

Mitterrand voltaria a Lisboa, em Junho de 1984, para, numa viagem-relâmpago, anunciar às autoridades portuguesas a data da adesão de Portugal à Comunidade Europeia — 1 de Janeirod de 1986. Em 31 de Agosto daquele ano voltaria a escalar a capital portuguesa em viagem privada, no regresso de uma deslocação a Marrocos.

Em Março de 1986, quando Mário Soares tomou posse como Presidente da República, François Mitterrand deslocou-se propositadamente a Lisboa para participar na cerimónia de investidura.

O chefe de Estado francês efectua assim, esta semana, e a convite de Mário Soares, a sua segunda visita oficial.

Foi Bernardino Machado o primeiro Presidente português a deslocar-se a França, embora sem carácter oficial, quando em 1917 visitou as tropas do corpo expedicionário português que combatiam na I Guerra Mundial.

Em Junho de 1975, o general Costa Gomes foi o primeiro Presidente português a visitar oficialmente a França.

O segundo seria o general Ramalho Eanes, que em Outubro de 1979 retribuiu a visita, que um ano realizara a Portugal Giscard d'Estaing.

MITTERRAND EM LISBOA A CONVITE DE SOARES

O primeiro presidente protagonista de uma «coabitação» política em França, François Mitterrand, encontra-se hoje com o seu homólogo português, que atravessa a primeira «prova de fogo» de uma experiência idêntica — Mário Soares. Mitterrand será o segundo presidente francês cuja visita oficial a Lisboa coincidirá com um momento de crise governativa em Portugal.

Ambos socialistas, Mitterrand e Soares, presidem actualmente aos destinos de dois países governados por executivos de Centro-diita, respectivamente chefiados por Jacques Chirac e Aníbal Cavaco Silva, embora este último tenha visto, sexta-feira, o seu gabinete derrubado no Parlamento por uma moção de censura. A visita decorrerá, ontudo, ainda com o Governo português em efectividade de funções, conforme anunciou sábado, no Brasil, o Presidente Mário Soares.

Também em Julho de 1978, quando o então presidente francês Giscard d'Estaing visitou Portugal, o País atravessava uma crise governativa. Mário Soares era então o chefe de um executivo formado pelo Partido Socialista e pelo Centro Democrático Social, coligação que viria a ser desfeita algum tempo depois.

Uma vasta agenda

Os temas europeus, a situação internacional, em especial na África Austral, e alguns assuntos bilaterais serão os tópicos principais nos contactos que o presidente francês terá em Portugal.

Fontes diplomáticas indicaram que Mitterrand debaterá com os seus interlocutores portugueses, em particular com o anfitrião, o Presidente Mário Soares, «a redefinição das relações entre os dois países, outrora meramente ilaterais num contexto cada vez mais europeu».

«Será sobretudo um reencontro de amigos, agora ambos presidentes de dois países da Comunidade Europeia» — adiantaram.

Mitterrand trará consigo cerca de 60 «dossiers» sobre diferentes temas, por forma a estar preparado para qualquer debate que as suas conversações com os dirigentes portugueses proporcionem, segundo disseram fontes do Palácio do Eliseu.

«Não há uma ordem de trabalhos prevista para os encontros que o senhor Mitterrand terá em Portugal — declararam — pelo que ele terá de estar pronto a debater quase todos os assuntos possíveis e imagináveis, no âmbito das relações entre os dois países».

«Isso compreende desde o ensino do Português em França até às bases norte-americanas na Península Ibérica» — afirmaram as mesmas fontes.

Esclareceram, contudo, não ser intenção específica do presidente francês abordar com as autoridades portuguesas a questão das bases dos Estados Unidos em Espanha, actualmente objecto de negociação entre Washington e Madrid, e que o governo espanhol pretende ver transferidas.

Fontes diplomáticas em Lisboa indicaram a possibilidade de, nos contactos de Mitterrand e do ministro francês dos Negócios Estrangeiros, Jean Bernard

Oito séculos de relações luso-francesas

Rory Amorim

Serviço Lusa/«DL»

De França os portugueses importaram os galicismos e a sífilis (o mal gálico) e para lá exportaram a Linda de Suza, quase um milhão de «manoeuvres» para satisfazerem a limpeza dos franceses (já que são eles quem faz os trabalhos mais sujos e mais incómodos), sem esquecer as riquezas artísticas que se nos foram com as invasões napoleónicas e abrilhantam as colecções do Louvre.

O balanço das relações entre os dois países é, forçosamente, bem mais complicado ao longo dos seus mais de oitocentos anos de duração e necessitaria, sem dúvida, de alguns volumes de grossas páginas.

Os galicismos são, culturalmente, tão irremediáveis, como a Linda de Suza. Começaram mesmo antes da nacionalidade, já que o Conde D. Henrique era francês (na realidade borgonhês, mas facilitem-se as coisas...), Afonso III dava pelo cognome de «O Bolonhês», D. Dinis teve como preceptor o Padre Émèric D'Ebrard, que viria a ser bispo de Coimbra, como S. Geraldo, um outro francês, já tinha sido um dos mais notáveis Bispos de Braga.

De França vieram os monges que povoaram as abadias medievais e divulgaram a cultura, mas para lá enviámos Santo António a meter na ordem os albigenses, um tanto à custa do seu verbo inflamado, outro tanto de umas boas fogueiras em que foram assados, o que lhe valeu o «recorde do mundo» na rapidez da canonização.

Carlos, «O Temerário», que foi «o melhor cavaleiro do mundo» e o último rei da Borgonha, era neto de D. João I e gostava que lhe chamassem «O Português».

É certo que durante a Renascença as relações entre os dois países foram um pouco mais vagas: preferíamos a Itália, Castela, sobretudo a Flandres. Da primeira, vinha-nos a cultura; da segunda, uma forte influência no idioma e na literatura; da terceira, o dinheiro dos negócios das especiarias e a pintura.

Mas, já no século XVIII, a França se torna novamente o centro do mundo para os portugueses. D. João V imita o fausto de Luís XIV e o bispo do «hissope» entende que uma estátua de Paris será de um tal Mr. Paris, lamentando os francesismos que tudo começam a invadir.

Entretanto, tínhamos feito apreciáveis exportações para a França: a de maior peso na história da cultura, a de Francisco Sanches, filósofo bracarense, catedrático em Montpellier e percursor de Descartes na dúvida metódica, que expôs no seu livro «Quod Nihil Scitur».

Para a inconveniência dos pulmões dos franceses, o embaixador francês em Lisboa daqui levou uns pezinhos de tabaco, que entendia como remédio universal. Era o sr. Nicot e daí a nicotina. Ao que se diz, o tabaco aliviou consideravelmente os achaques da rainha Catarina de Médicis...

Um outro francês, o sr. Parmentier, levou para o seu país a batata e com isso conseguiu fama imorredoira, mas um tanto injusta, pois por cá a «Castanha da América», como inicialmente se chamou ao tubérculo, já se cultivava e era comida à mesa de muita gente, principalmente nos Açores.

Também daqui se exportou o americano tomate, já que por essa Europa fora uma iguaria com tomate se chama geralmente de «à la portugaise». De Portugal foram as chinesas laranjas, o feijão também americano e com o qual os franceses continuam a fazer enorme confusão de designações, a tradicionalíssima marmelada.

Com tudo isto, juntando-se as especiarias que íamos buscar ao Oriente, se criou o que se costuma chamar de cozinha francesa, no fundo a cozinha que se fazia em Portugal pelos finais do século XVI, embora com um pouco menos de exagero nos temperos.

No final do século cabe a vez de importarmos as ideias da Revolução Francesa, apesar dos esforços em contrário do intendente Pina Manique, que conseguiu proibir a entrada em Portugal de Choderlos Laclos, o das «Liaisons Dangereuses», mas nunca conseguiu evitar que Cagliostro aqui fundasse uma primeira loja maçónica.

Em consequência da Revolução Francesa lá vieram as três sucessivas invasões napoleónicas. Derrotados, humilhados na sua glória, Junot, Soult e Massena levaram, pelo menos, para Paris, tesouros que enriqueciam os templos e as casas senhoriais, muitos dos quais podem ser vistos nos grandes museus franceses. Só não levaram os seus mortos, que foram muitos.

Consequência da Revolução Francesa, foi a Revolução de 1820, que iria estabelecer uma longa luta fratricida e uma tão confusa situação política entre direitas e esquerdas, que mais de século e meio volvido ainda está por esclarecer em Portugal.

A partir daí, a influência francesa passou a imperar. A moda vinha de Paris, as bailarinas de S. Carlos de lá vinham, a literatura era a francesa, para uns o sr. de Balzac ou Zola, para os mais levianos o sr. Eugéne de Sue, embora tanto uns como outros não despenhassem Victor Hugo.

Os salões decoravam-se à francesa, a comida era francesa, como pode ver-se no livro do «cuisinier-en-chef» Mata. Alberto Pimentel, que prefaceia o livro, fica intrigado com os «gateaux», que admite tratar-se de gatos de grandes proporções...

A própria literatura portuguesa, à excepção de Camilo, alinhava pelas correntes francesas. Que o diga Eça de Queirós como seu supercivilizado 202 dos Campos Elíseos.

Campos Elíseos que o presidente da Câmara, Rosa Araújo, tentara refazer com a Avenida da Liberdade, à custa do Passeio Público, tão caro dos lisboetas. Mas Rosa Araújo não era o Barão Haussman. A influência mantem-se até ao final da última Guerra.

Até mesmo o cinema nos chega por uma via francesa. Senão note-se que Charlie Chaplin o designamos por Charlot, à francesa, e não por Carlitos, como os espanhóis, ou Carlinhos. E as grandes vedetas do teatro eram a divina Sarah Bernhardt, a «azougada» Mistinguette e não a Duse, italiana, ou outra qualquer grande dama dos palcos britânicos.

Depois da guerra ainda tivemos um descendente de judeus portugueses a primeiro-ministro francês, Mendes-Frances, e, depois, foi a grande corrida «a salto» para além dos Pirenéus.

A última grande exportação portuguesa foi o Chalana, experiência ingrata, que ainda dará muito que falar.

Nos últimos tempos, os franceses vêm descobrindo que Portugal também sabe escrever. Já lêem Fernando Pessoa, Cardoso Pires, José Saramago e conhecem a pintura de Vieira da Silva, embora ela passasse a ser francesa, aliás com muito boas razões.

Até há bem pouco tempo, de português apenas sabiam dizer Eusébio e Salazar. Mas as coisas estão a mudar.

ENCONTRO EM TEMPO DE "CRISE

Encontro aquando da última visita a Lisboa, o qual se repete esta tarde

Raymond, que o acompanha, ser abordado o quadro de cooperação militar, no âmbito da qual a França utiliza uma base na ilha açoriana das Flores, mediante um acordo firmado em 1977.

Os últimos desenvolvimentos nas relações Leste-Oeste e as repercussões que o debate sobre desarmamento entre as superpotências podem vir a ter na Europa serão outros temas em foco nos encontros entre os dirigentes franceses e portugueses.

Com eles relacionado está o problema da defesa de segurança europeia, que tem vindo, nos últimos tempos, a ser novamente debatido, à luz da existência, ainda que ténue, da União da Europa Ocidental (UEO), de que a França é um dos principais animadores. Portugal solicitou a adesão à UEO há alguns anos, mas a integração neste grupo está presentemente congelada.

A particularidade da posição privilegiada de Portugal em relação aos países africanos, em especial os de língua oficial portuguesa, é sublinhada pelos conselheiros de Mitterrand, que referem poder Lisboa intervir com uma «voz original» no seio da Comunidade Europeia acerca da situação na África Austral.

Também a possibilidade de Portugal contribuir mais parar o debate sbre a situação no Médio Oriente é referida pelos mesmos conselheiros.

Da comitiva de Mitterrand fazem parte os ministros delegados Bernard Bosson, junto do ministro dos Estrangeiros e com a responsabilidade dos Assuntos Europeus, e Gerard Longuet, junto do ministro da Indústria e responsável pelos Correios e Telecomunicações.

As possibilidades de cooperação franco-portuguesa em diversas áreas industriais, científicas e tecnológicas deverão ser abordadas nos contactos destes responsáveis franceses com os seus interlocutores em Lisboa.

Alguns dos assuntos que vão ser aflorados nesta ocasião ficarão para ser debatidos com maior profundidade no Outono, altura em que está prevista a visita a Portugal do primeiro-ministro francês, Jacques Chirac, a qual, porém, poderá vir a ser adiada em função do desenvolvimento da actual crise governativa portuguesa.

BIOGRAFIA

Um velho resistente

Onze vezes governante entre 1947 e 1957, antigo resistente três vezes evadido, três vezes candidato à Presidência da República, que conquistou em 1981, pondo termo a 23 anos de Governos de centro-direita, François Mitterrand, com 70 anos, é o vigésimo primeiro presidente francês.

Nascido em Jarnac (Charente) em 1916, licenciado em Direito e em Letras, jornalista e advogado, François Mitterrand inicia a sua vida política activa como secretário-geral para os prisioneiros de guerra em 1944, no Governo do general De Gaulle.

Membro activo da Resistência, o actual Presidente francês entra para a União Democrática e Socialista da Resistência (UDSR) em 1946, ano em que é também eleito deputado da região de Nièvre, onde é reeleito em 1951 e 1956.

Dois anos depois, em 1958, vota contra a investidura do general De Gaulle e passa para a oposição, candidatando-se pela primeira vez à Presidência contra De Gaulle, em 1965, e é derrotado.

Grande lutador, não desiste do combate político e funda, em 1965, a Federação da Esquerda Democrática e Socialista (FGDS), consegue controlar o Partido Socialista Francês a partir do Congresso de Épinay-sur-Seine, em Junho de 1971, e assina, no ano seguinte, com o Partido Comunista, o Programa Comum de Governo da Esquerda, também subscrito pelo Movimento dos Radicais de Esquerda.

A sua segunda derrota nas eleições presidenciais verifica-se em 1974, quando, candidato único da esquerda, é batido pelo antigo ministro das Finanças de Georges Pompidou, Valéry Giscard D'Estaing.

Mas não só à direita Mitterrand tem, nessa altura, que combater, pois precisa de dominar a esquerda para se poder apresentar na próxima oportunidade às eleições presidenciais, em posição dominante em relação ao Partido Comunista.

A vitória vem, finalmente, aos 64 anos, quando é eleito à segunda volta das eleições presidenciais contra Giscard D'Estaing com o apoio do Partido Comunista.

Começa então uma nova era para François Mitterrand que vai poder afirmar o lado humanista da sua Presidência, as relações preferenciais com África e o Terceiro Mundo e o apelo à Organização de Libertação da Palestina (OLP) e a Israel para um reconhecimento mútuo.

Mas a sua presidência é também marcada pelo escândalo Greenpeace, pela demissão do ministro da Defesa, Charles Hernu, pela hostilidade na Nova Caledónia e, em 1984, pelo índice de popularidade mais baixo de um Chefe de Estado francês desde sempre, de acordo com uma sondagem do «Jornal de Dimanche».

A eleição de Mitterrand traz consigo a dissolução do Parlamento e as eleições legislativas então convocadas resultam num Governo formado por socialistas e comunistas.

Pierre Mauroy é então o Primeiro-Ministro socialista de um Governo de que os comunistas também fazem parte.

A necessidade de uma remodelação governamental leva à nomeação de Laurent Fabius em substituição de Mauroy.

Os governos socialistas não gozam, no entanto, de uma popularidade extrema e nas eleições legislativas de Março de 1986 o centro-direita francês volta de novo ao poder.

Jacques Chirac, presidente da Câmara de Paris, volta a ocupar o cargo de Primeiro-Ministro, que exercera durante a Presidência de Giscard D'Estaing, começando então aquilo a que se chamou «Coabitação», experiência política sem precedente em França.

A reprivatização da economia decidida por Chirac cria algumas tensões entre os dois governantes, no plano interno, agravadas pela crise estudantil em finais de 1986 e a retirada do projecto de lei «Devaquet» sobre o ensino.

A coabitação desenrolou-se, porém, no seu primeiro ano, sem problemas de maior, levando mesmo o chefe cozinheiro francês, Paul Bocuse, a celebrar o primeiro aniversário desta experiência política criando um prato simbolicamente composto de duas codornizes com recheios diferentes.

No entanto, este «cozinhado» azedou durante a cimeira franco-espanhola de Madrid do mês passado, tendo a iniciativa partido de Jacques Chirac, ao convocar uma conferência de Imprensa para dizer que a extradição dos bascos, de França para Espanha, se devia ao seu Governo. Mitterrand respondeu, na altura, que o processo tinha sido iniciado pelo Governo anterior, e que o importante nestes casos «era começar».

Desde então, as relações entre os dois governantes conheceram uma viragem a que não é certamente estranha a perspectiva de eleições presidenciais em 1988 e as estratégias que para elas se começam a desenhar.

François Mitterrand casou em Outubro de 1944, com Danielle Gouze, e o casal tem dois filhos, Jean Cristophe e Gilbert. O Chefe de Estado francês é também presidente da Câmara de Chateau Chinon.

VIAGENS AVIC TURISMO

EXCURSÃO DE LUXO
HOLANDA FLORIDA

17 DIAS — DE 17 ABRIL A 3 MAIO

- 3 NOITES E 2 DIAS COMPLETOS EM PARIS
- CIRCUITO PANORAMICO A CIDADE DE PARIS
- PASSEIO EM BATEAUX MOUCHES EM PARIS
- 3 NOITES E 2 DIAS COMPLETOS EM AMSTERDAM
- VISITA AO CAMPO DE FLORES KEJKENHOF
- CRUZEIRO NO RENO COM ALMOCO A BORDO
- CRUZEIRO COM ALMOÇO NO LAGO LEMAN
- 2 NOITES E 1 DIA COMPLETO EM ANDORRA
- HOTEIS SELECCIONADOS
- AUTOPULLMAN DE LUXO COM WC E VIDEO
- GUIA ALTAMENTE QUALIFICADO NESTA VIAGEM

PREÇOS DESDE 149 000$00

Peça programas e informações na sua agência de viagens ou na
AV. 5 DE OUTUBRO, 53
LISBOA
TEL. 56 11 16-52 11 17-57 29 70

AVIC

CONCEDEMOS DESCONTO ESPECIAL
AOS PORTADORES DO CARTAO JOVEM

CONVOCAR ELEIÇÕES ANTECIPADAS É CEDER À CHANTAGEM DE CAVACO

— adverte Álvaro Cunhal

«A realização de eleições antecipadas seria uma cedência à chantagem da reacção», considerou Álvaro Cunhal, numa sessão do PCP, sábado à noite, em Coimbra, ao visar a posição de Cavaco Silva de que a constituição de novo Governo sem recurso a eleições seria uma falta de respeito para com o eleitorado.

Perguntou, a propósito, o líder comunista: «Qual é a maior falta de respeito pelo eleitorado? Constituir um Governo que conta como seu apoio 29,8 por cento dos votos(percentagem do PSD nas Legislativas-85) ou constituir um Governo que por convergência dos partidos democráticos poderá dispôr à partida de 54,4 por cento dos votos dos eleitores?»

Cunhal, que esteve ontem em S. Pedro do Sul em idêntica sessão de esclarecimento político, indicou estar o PCP disposto a viabilizar um Governo do PS ou do PRD ou uma coligação destes dois partidos e sublinhou que a formação de um tal Executivo, com base na «maioria democrática existente na Assembleia da República», constitui «uma oportunidade única que as forças democráticas no seu conjunto não têm o direito de perder».

Relativamente à moção de censura apresentada pelo PRD, o secretário-geral do PCP acentuou não ter sido um acto fortuito mas o «termo quase inevitável do processo de contestação à política desastrosa do Governo» que movimentou várias camadas sociais, a oposição parlamentar e o «diálogo entre os partidos democráticos de que estavam resultando iniciativas políticas e legislativas convergentes».

«Se não fosse o PRD a apresentar a moção de censura, mais dia, menos dia, teria sido o PS ou o PCP a fazê-lo», frisou Cunhal, para acrescentar que Cavaco cometeu «um erro basilar», pois à medida que se tornou «mais fraco», pretendeu «afirmar-se cada vez mais forte, mais arrogante, mais autoritário, mais derespeitador da legalidade, mais arbitrário, mais agressivo para com os outros orgãos de soberania e.

com isso, precipitou a própria queda».

JCP: «Governo fez folclore»

A formação de um Governo, baseado no actual quadro parlamentar, que «resolva os problemas e aspirações fundamentais dos jovens portugueses» foi também defendido pela JCP(Juventude Comunista Portuguesa).

As conclusões da reunião de ontem da direcção nacional da JCP, apontam para a necessidade uma política de eliminação progressiva do desemprego juvenil, definição e aplicação de um plano nacional de formação profissional dos jovens articulado com as necessidades do país, a aplicação de um plano nacional de habitação(apoio às cooperativas de habitação, à auto-construção, uma política de crédito para habitação própria), expansão da escolaridade obrigatória, igualdade no acesso ao ensino,etc.

«O Governo Cavaco Silva fez muito folclore mas não agarrou nem resolveu os principais problemas da juventude, nomeadamente na área do emprego, do ensino e da habitação», frisou o dirigente da JCP, Carlos Rabaçal, ao apresentar as conclusões da reunião aos jornalistas.

A JCP anunciou ainda a realização, a 10 de Maio, de uma conferência sobre o Movimento Associativo e uma outra, a 31 de Maio, sobre a situação social da juventude.

Dirigentes do CDS criticam

O vice-presidente do grupo parlamentar do CDS, Andrade Pereira, acusou o Governo de Cavaco Silva de ter sido «arrogante com a Assembleia da República» e de manifestar «incapacidade total de diálogo com este órgão de soberania».

O dirigente centrista falava no Sabugal, este fim-de-semana, numa sessão pública durante a qual considerou que «os governos minoritários são inconvenientes como a experiência deste governo demonstrou». Para Andrade Pereira, o voto do seu partido contra a moção de censura e contra o PRD não significa «que concorde ou aplauda a actuação do PSD».

Também o secretário-geral adjunto do partido, Luis Sampaio, criticou, na mesma reunião, os sociais-democratas. «O PSD tem muitos filiados porque muitas pessoas foram obrigadas a filiar-se para conseguirem determinados poderes». Disse, por outro lado, que os dirigentes do partido de Cavaco Silva são de esquerda e o CDS é de direita».

Enquanto Andrade Pereira e Luis Sampaio faziam contundentes reparos ao PSD, Gomes de Pinho, deputado centrista, garantia 'a Rádio Renascença que a melhor solução para a crise política seria um Governo PSD/CDS que, embora minoritário, se opusesse aquilo que designou por «frentismo de esquerda». Numa entrevista ao programa «Ponto final», o mesmo deputado afirmou que uma proposta neste sentido fora feita pelo dirigente centrista, Adriano Moreira, ao PSD e que a sua aceitação pelos sociais-democratas viabilizaria uma solução preferíval a eleições gerais antecipadas». No entanto, caso se verifiquem eleições, Gomes de Pinho entende que deveria ser elaborado um acordo pré-eleitoral» entre os dois partidos, com vista à formação de listas conjuntas.

UDP desafia PS a formar Governo

A comissão política da UDP desafiou anteontem o PS (o maior partido da oposição) a que se proponha formar novo Governo «com o único objectivo de afastar a direita do poder». «O PS - acrescenta - está preparado com um governo-sombra, é o maior partido da oposição parlamentar, tem pois todas as condições para assumir uma tal posição».

Em comunicado divulgado, a comissão política da UDP considera que «a actual crise política tem como origem de fundo a ofensiva da direita no sentido de alcançar maioria absoluta em eleições antecipadas» e «dominar a revisão constitucional». «Por isso - sublinha a UDP - a direita, o PSD, o CDS e as confederações patronais exigem eleições para as quais vinham preparando-se, nomeadamente o Governo de Cavaco Silva que não tem passado de uma comissão eleitoral».

A UDP entende que «a permanência do PSD no Governo, nem que seja como Governo de gestão para preparar eleições, constitui um grave perigo que só ajudará a direita a manter o seu poder e tentar reforçá-lo».

Também o PCR defendeu ontem a possibilidade de o PS formar de imediato Governo no actual quadro parlamentar para «afastar de imediato Cavaco Silva e o seu Governo da área do poder». Para o PCR Mário Soares «está perante um dilema: ou tem em conta os mais de 50 por cento de votos que o elegeram, contra a direita e o seu candidato Freitas do Amaral, ou cede às exigências dos partidos que apoiaram esse cendidato».

Para vencer a crise

Pintasilguistas defendem constituição de executivo PS

As três associações políticas constituídas a partir do movimento de apoio à candidatura presidencial de Lourdes Pintasilgo defenderam, sábado, em Coimbra, que «não se justifica a realização de eleições legislativas antecipadas».

Em comunicado distribuído no final desta reunião nacional, as três associações sustentaram que eventuais eleições antecipadas não têm razão de ser «sem se esgotar no actual quadro parlamentar todas as possibilidades de formação de um novo Governo».

Na sua perspectiva, «cabe aos partidos que derrubaram o Governo, e em particular ao PS, como o mais votado entre eles, gerarem uma alternativa de Governo, que garanta as condições sociais e institucionais de estabilidade e de progresso». «No estreito respeito pelas normas constitucionais é obrigação do presidente da República não inviabilizar essa alternativa», lê-se no documento.

Acusam ainda o Executivo derrubado de ser a causa principal da crise e afirmam que o mesmo se revelou «sofrego na ocupação partidária e clientelas do aparelho de Estado e descarado no exagero dos seus méritos com utilização abusivo da comunicação social, tudo no quadro de uma estratégia eleitoralista», concluiram os pintasilguistas.

Dívida externa em questão

Pires de Miranda pediu à CEE "relacionamento especial" com o Brasil

O ministro português dos Negócios Estrangeiros, Pires de Miranda, defendeu junto dos seus homólogos da CEE um «relacionamento político especial» com o Brasil, e uma «flexibilização do sistema financeiro internacional» na resolução do problema da dívida externa brasileira.

O MNE, que esteve presente numa reunião de dois dias, durante o fim de semana, no norte da Bélgica, dos ministros dos Negócios Estrangeiros da CEE, fez uma longa exposição sobre a situação no Brasil que, segundo disse, «obteve grande receptividade» da parte dos seus parceiros na Comunidade.

Pires de Miranda salientou, em particular, a compreensão da RFA sobre esta questão, salientando que «o Brasil, juntamente com o México e com a Argentina, assume no contexto da América Latina um papel especial que deve ser seguido com muita atenção pela CEE».

Relações da CEE com EUA, Japão e Leste

As relações Leste-Oeste, a situação no Médio Oriente e as relações da CEE com a Hungria, Jugoslávia, EUA e Japão, foram, entretanto, os temas mais em foco da reunião dos 12 ministros.

Sobre o primeiro ponto, Pires Miranda disse que «as oportunidades existentes em matéria de desarmamento não devem ser desperdiçadas» mas acrescentou ter sido «julgado indispensável a continuação da presença de forças norte-americanas na Europa».

Quanto ao Médio Oriente, referíu haver receptividade para a realização de uma conferência internacional sobre a questão e sublinhou «não ser possível pensar que algo possa ser realizado na região sem uma intervenção directa ou indirecta da URSS no processo».

Sobre a Hungria, indicou haver «razões políticas» para a CEE avançar na celebração de um acordo de cooperação com aquele país «devido ao seu liberalismo». Também houve, disse, acolhimento para um novo protocolo financeiro da CEE com a Jugoslávia para dotações orçamentais a fundo perdido. Recorde-se que os Doze já celebraram acordos com Belgrado para concessão de créditos por parte do BEI(Banco Europeu de Investimentos).

No tocante às relações CEE-EUA, os ministros dos Doze consideraram, segundo Pires de Miranda, ser necessário institucionalizar um diálogo regular entre a Comunidade e Washington para evitar a frequência dos conflitos comerciais entre as duas partes.

Finalmente, em relação ao Japão, os ministros solicitaram aos seus técnicos uma análise das consequências do direito imposto pelos EUA sobre as exportações japonesas de semicondutores de forma a evitar que a CEE se torne um destino alternativo.

Falta de alvarás e aumento de rendas têm contribuído

COMERCIANTES DA ZONA J DE CHELAS DIZEM-SE À BEIRA DA FALÊNCIA

Nuno Ribeiro
Fotos de José Tavares

Os comerciantes que decidiram investir na zona J de Chelas, num bairro de habitação social que os projectos e promessas camarárias garantiam que não se ia transformar numa zona de dormitórios, vivem agora sob o espectro da falência. Poucos anos depois da aposta, pesa sobre eles a ameaça de fecharem as portas. A falta de alvarás, o aumento das rendas e uma descuidada instalação de lojas, para isso têm contribuído.

Maria de Fátima e Vitor Alves, da Comissão dos Comerciantes: a falência está à vista, para os lojistas de Chelas

«Eu não tenho dinheiro para pagar a renda, que é agora de 44.118 escudos», diz Vítor Alves, um dos comerciantes em «pé de guerra» com a Câmara de Lisboa. Como ele, estão muitos outros para quem a solução é, pura e simplesmente, não pagar as mensalidades. «Vim para aqui de automóvel e agora ando a pé», revela, evidenciando que o negócio não deu, que a sua loja funciona mais como ponto de encontro do desespero de colegas do que como posto de venda de blusas, saias de ganga ou elásticos para calças.

Do ponto de partida à constituição, em Fevereiro de 1985, de uma Comissão de Comerciantes, passou-se o tempo da esperança de fazer negócio, instalou-se o desânimo.

«Ao fim de um ano, recebemos uma carta do Director dos Serviços de Património da Câmara Municipal de Lisboa, na qual nos informava que as rendas subiam anualmente, de acordo com os índices de inflação», recorda Vitor Alves.

O espanto é tanto maior quanto «no mesmo ano, houve três concursos, dois com aumentos previstos de cinco em cinco anos, e outro anual». A disparidade de critérios leva o porta-voz da Comissão de Comerciantes a interrogar «se o senhorio, a Câmara, não é o mesmo?». «Finalmente», prossegue, «começaram a dar lojas sem concurso com o preço do metro quadrado entre 350 e 375 escudos, quando no concurso de 1983, pagámos o metro quadrado a mais de 800 escudos».

Segundo Vítor Alves, o que está em causa não são os comerciantes que conseguiram alugueres a preços diferentes, «mas a Câmara Municipal de Lisboa que, num país democrático, não tem critério igual para todos».

Esta situação levou os lojistas a apresentarem, em 15 de Setembro do ano passado, uma proposta para a elimimação de todos os concursos públicos, «para que as lojas tivessem uma renda na base dos 350 escudos por metro quadrado ocupado». «Até agora não nos responderam, e esta resposta é uma obrigação moral da Câmara», sublinha.

Concorrência ajuda à derrocada

Para a Junta de Freguesia de Marvila, todo o processo de atribuição das lojas devia ser sujeito a inquérito. «Com os vereadores da Aliança Povo Unido na Câmara Municipal de Lisboa fizemos um levantamento das situações e apresentámos uma proposta, em 1986, na qual se contemplava um estudo de todo o processo de atribuição das lojas», recorda o presidente da Junta.

«No entanto», prossegue Romão Martins, «a proposta discutida na reunião de 15 de Setembro foi recusada pelos votos dos vereadores do PSD, CDS e PS, e de então para cá, o assunto tem andado de vereador para vereador, e compete agora ao pelouro dos Abastecimentos apresentar uma solução».

Historiando o caso, o autarca assinala que «na sessão pública de Dezembro, o presidente da Câmara assumiu a responsabilidade do problema e deu até 15 de Janeiro ao vereador Pombo Cardoso para a sua resolução». «No entanto», prossegue, «estamos em Abril e continuamos a não saber que propostas há, mas consideramos que a solução não pode ser apenas um despacho e que os comerciantes têm que ser ouvidos».

Neste ponto, é com alguma apreensão que a Junta de Freguesia e a Comissão de Comerciantes registam que um pedido de encontro solicitado em Novembro ao responsável pelo pelouro dos Abastecimentos não tenha tido ainda, quase cinco meses depois, qualquer resposta.

Por outro lado, segundo refere o autarca, é com interesse que se espera a conclusão de um inquérito movido a uma funcionária daqueles serviços, face a declarações, em Setembro passado, de um eleito pelo CDS na Assembleia de Freguesia de Marvila.

A indefinição da situação levou a que a generalidade dos comerciantes não paguem as rendas e que, permitida a instalação de lojas do mesmo ramo, a derrocada esteja iminente.

«Pago pela renda 22 contos, e agora, aqui em Chelas, há cinco ou seis cabeleireiras clandestinas que funcionam em casas de habitação social», revela, por seu lado, a cabeleireira Maria de Fátima.

Esta forma de concorrência estende-se, também, «a pessoas que ocuparam passagens no meio dos lotes, de que há propostas de legalização». No entanto, prossegue o Presidente da Junta de Freguesia de Marvila, «estamos contra essa legalização».

Câmara constrói ilegalmente...

Este é apenas um dos problemas que afectam os comerciantes, confrontados com a indicação de que as suas lojas não teriam a altura legal para poderem funcionar.

Ao espanto, porque a obra foi construída para a Câmara de Lisboa, entidade que deve supervisionar a aplicação das normas do Regulamento Geral das Edificações Urbanas, juntaram-se as multas que eram passadas pela Polícia Municipal, corpo dependente da edilidade que assim dava cumprimento à lei, não respeitada pelo Município...

«Existem quatro ou cinco lojas com alvará que foi passado porque o anterior Delegado de Saúde não se apercebeu da falta de altura», sublinha o porta-voz da Comissão de Comerciantes. «A Câmara deu-nos razão e madou-nos esperar», prossegue, concluindo que «estamos sem alvarás e as multas continuam».

De facto, reconhecido o erro, a Câmara, por despacho de Nuno Abecasis, deu instruções à Polícia Municipal para não multar os lojistas, mas as multas continuam a chegar, agora via PSP, porque o «pé direito» de três metros não é respeitado, facto que e o Delegado de Saúde se limita a constatar.

Após a publicação em 20 de Agosto do decreto-lei 243/86, o problema ganhou outra acuidade, pois o diploma estabelece que os estabelecimentos sem o «pé direito» regulamentar deverão dispôr de meios complementares de renovação de ar.

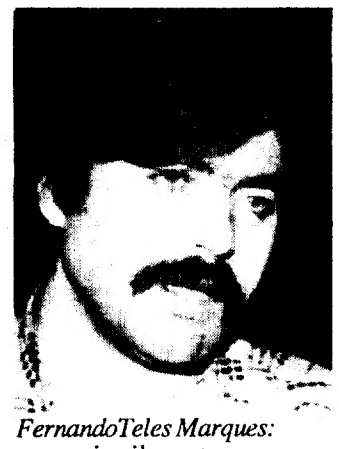
«Como foi a Câmara que licenciou a obra e é a proprietária do estabelecimento, compete ao Município os encargos com a instalação da ventilação», sustenta a Junta de Freguesia de Marvila. «As lojas foram a concurso público, foram entregues em «osso», os arrendatários tiveram que fazer as obras e, por isso, entendemos que deve ser a Câmara a pagar», corrobora Vítor Alves, da Comissão de Comerciantes.

«Gastei mil contos e não tenho alvará»

As críticas à Câmara atingem com particular rudeza o vereador socialista Pombo Cardoso. «Não podemos tolerar esta situação», sublinha Romão Martins. «O vereador Pombo Cardoso já teve o pelouro dos Abastecimentos no anterior mandato, não resolveu nada, e remete tudo para estudos sobre a situação do comércio na cidade de Lisboa», prossegue o presidente da Junta de Freguesia de Marvila, sublinhando que essa é uma forma «de esconder a sua incapacidade».

Na argumentação do autarca, em causa fica também a falta de orientação à instalação dos comerciantes: «os vendedores vieram para aqui em 1983, deixaram fazer dois concursos, cada um abriu o que quis sem um plano sobre o que deveria ser o comércio em Chelas, e agora os comerciantes vão a Tribunal».

Romão Martins, presidente da Junta de Freguesia de Marvila: «a Câmara tem que pagar a instalação da ventilação»



FernandoTeles Marques: «gastei mil contos em obras, paguei duas multas, fui a Tribunal, mas não tenho alvará».

Neste caso está Fernando Teles Marques que na quarta-feira compareceu em Tribunal de Polícia, levando consigo uma declaração da edilidade, na qual «se declara que a Câmara Municipal de Lisboa vem procurando solucionar junto do Ministério da Saúde problemas decorrentes da falta de alvará em estabelecimentos sitos na Zona J de Chelas, de que a CML é proprietária», e se refere que «tudo leva a crer que com brevidade o alvará será passado ao interessado».

Confrontado com a documentação e a argumentação do comerciante, o juiz mandou-o embora, só que o problema persiste.

«Quando vim para aqui, passado pouco tempo, a casa foi selada, e mais tarde soube que era por falta de alvará», recorda Fernando Teles Marques. «A Delegação de Saúde veio cá, mandaram--me fazer uma conduta para fumos e arranjar a cozinha», prossegue. «Obras feitas, pedi uma nova vistoria, para a qual paguei 600 escudos, e eles nunca mais cá vieram e posteriormente disseram--me que nunca me passariam o alvará por falta de altura».

De facto, no auto da vistoria a que o «DL» teve acesso, o Delegado de Saúde e o técnico auxiliar sanitário do Centro de Saúde de Lisboa não fazem qualquer referência ao «pé direito». No entanto, as obras pedidas foram realizadas, e o lapso da vistoria corrigido. Só que, conclui o comerciante alheio a toda esta situação, «gastei mil contos, não tenho alvará, já paguei duas multas e fui a Tribunal»...

Obras feitas, o problema dos estabelecimentos continua a ser a falta de «pé direito»

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E COMÉRCIO
SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA E ENERGIA

Direcção-Geral de Energia

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do Art.° 19.° do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.° 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção de Serviços Regional, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.°, e na Secretaria da Câmara Municipal do concelho de Sintra, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela EDP – Electricidade de Portugal-EP, Direcção de Distribuição Tejo, a que se refere o processo n.° 1/6596-1/1, arquivo 9, para o estabelecimento no concelho de Sintra, de uma linha mista a 10 KV, n.° 1880 com 1738 metros, parte aérea com 1698 metros, e parte subterrânea com 40 metros, da SE n.° 664 ao PS n.° 6596 anexo ao PT n.° 3271-C de Nunes & Filhos, Lda. em Morelena.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção de Serviços Regional, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Direcção de Serviços Regional de Lisboa, em 27 de Março de 1987

Pel'O ENGENHEIRO DIRECTOR DE SERVIÇOS
Joaquim Gonçalves dos Santos

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E COMÉRCIO
SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA E ENERGIA

Direcção-Geral de Energia

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do Art.° 19.° do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.° 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção de Serviços Regional, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.°, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela EDP – Electricidade de Portugal-EP, Direcção de Distribuição Tejo, a que se refere o processo n.° 1/2663, arquivo 95, para o estabelecimento na freguesia de Cunheira, concelho de Alter do Chão, de uma linha aérea a 30 KV, com 91 metros, do apoio n.° 57 da linha para o PT n.° 154 em Cunheira ao PT n.° 975 em Bairro da Cunheira.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção de Serviços Regional, dentro do citado prazo.

Direcção de Serviços Regional de Lisboa, em 27 de Março de 1987

Pel'O ENGENHEIRO DIRECTOR DE SERVIÇOS
Joaquim Gonçalves dos Santos

CÂMARA MUNICIPAL DE SINTRA

GAB. RECUPERAÇÃO DOS B.os CLANDESTINOS

EDITAL N.° 53/87

FERNANDO JORGE AMARAL TAVARES DE CARVALHO, PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL DE SINTRA

FAZ PÚBLICO QUE:

Foi iniciada a recuperação do Bairro Cabra Figa, na freguesia de Rio de Mouro, com a adjudicação da elaboração dos respectivos planos e projectos a uma das equipas técnicas que se apresentaram ao concurso efectuado pela Associação de Moradores e Proprietários de Cabra Figa.

Sendo a recuperação financiada pelos proprietários dos lotes e dos terrenos abrangidos pelo Plano em elaboração, torna-se necessário, nos termos da alínea C do n.° 1 do artigo 6.° e do art.° 9.° do D.L. 804/76 de 6 de Novembro, definir para a presente fase o montante e a forma de pagamento das comparticipações que cabem a cada um daqueles proprietários, devendo o critério ser aprovado pela sua maioria.

Aprovados o montante e a forma de pagamento das comparticipações, a sua aplicação será extensiva a todos os proprietários, sob pena do disposto no n.° 1 do artigo 10.° do supracitado diploma.

Assim, os proprietários de lotes e terrenos situados no Bairro de Cabra Figa dentro da área delimitada na carta anexa, deverão pronunciar-se no prazo de um mês a partir da data da publicação do presente edital, acerca do seguinte:

1 Todos os proprietários dos lotes ou terrenos localizados no Bairro Cabra Figa deverão, até dia 31 de Dezembro de 1987, ter liquidado a quantia de 26 500$00 (vinte e seis mil e quinhentos escudos) referentes aos estudos e projectos.

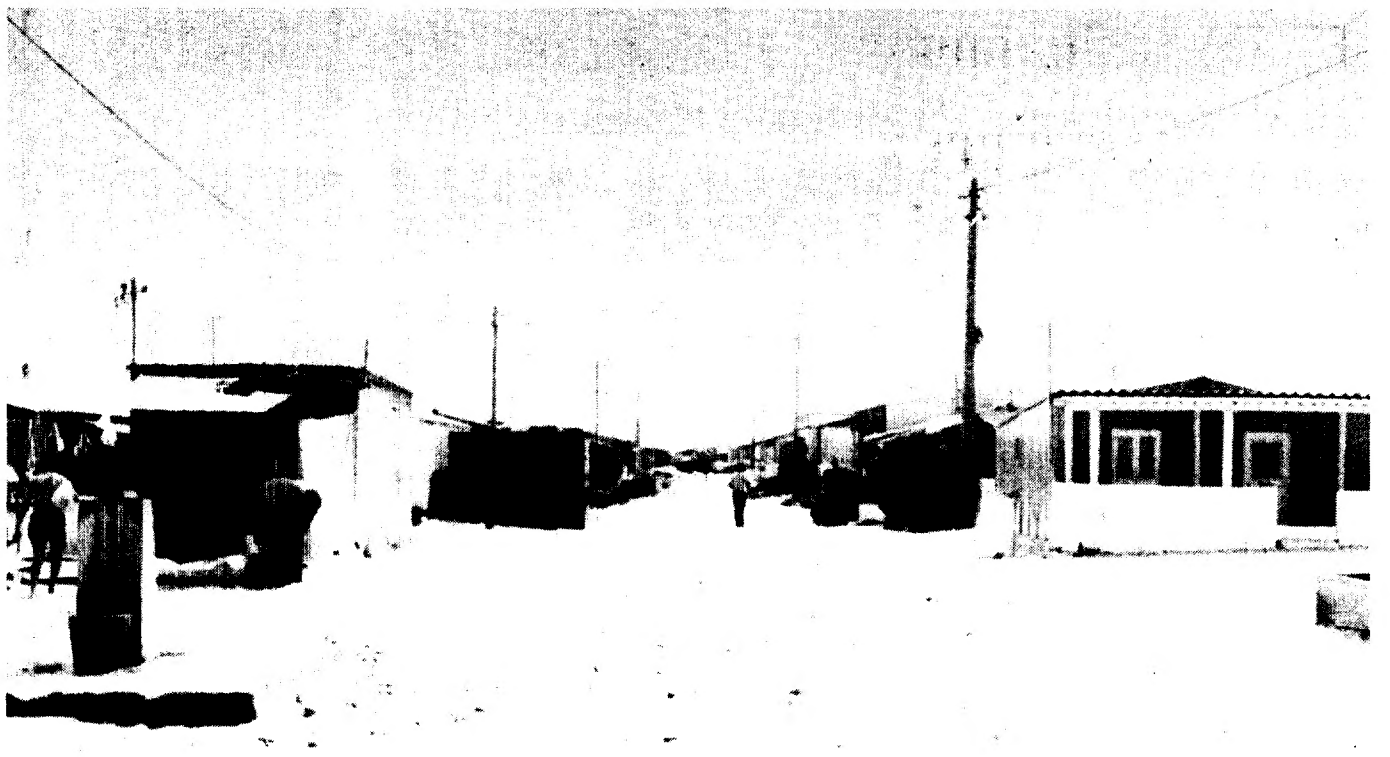
Esta quantia deverá ser entregue na Associação de Moradores e Proprietários de Cabra Figa.

O pagamento poderá ser de uma só vez ou em prestações.

Os proprietários que não concordarem com o estabelecido no número 1, ou que pretendam apresentar propostas alternativas, deverão fazê-lo por escrito no livro existente para o efeito na sede da Associação de Moradores e Proprietários de Cabra Figa.

Paços do Concelho de Sintra, 6 de Março de 1987

O Presidente da Câmara
Fernando Jorge Amaral Tavares de Carvalho



Ria Formosa: ocupantes manifestaram-se em Faro

"Nem mais uma casa abaixo" é a última palavra de ordem

«NEM mais uma casa abaixo», gritaram ontem na capital algarvia moradores da ilha de Faro durante a manifestação convocada pela Comissão Coordenadora de Moradores da Reserva Natural da Ria Formosa, cuja ameaça de camartelo já para este mês paira sobre mais de três centenas de casas/barracas, das quais duzentas e cinquenta na primeira fase de demolição que também abrange a ilha Deserta.

Cerca de duas centenas de pessoas, entoando também como palavra de ordem «Plano de Ordenamento, sim/edital não», desfilaram pela principal artéria de Faro até ao jardim Manuel Bívar, onde decorreu um comício. Neste, os diversos oradores afirmaram que «as argumentações do Governo são falsas», questionando Carlos Pimenta (e outros mais): «Quais são os interesses que estão por detrás das demolições?»

Os diversos oradores, ligados a forças políticas ou pertencentes à Comissão Coordenadora de Moradores, insurgiram-se contra um edital em que é determinada a remoção das construções ilegais naquelas zonas.

Em seu entender, nada deve ser removido ou demolido enquanto não for aprovado o Plano de Ordenamento para a ria Formosa», tal como dizem ter sido acordado com o Governo.

Os responsáveis da Comissão de Moradores acrescentaram que o plano elaborado, além de ainda não ter sido aprovado, não mereceu o apoio das autarquias e carece de «rigor técnico e científico».

«A defesa da ria Formosa não passa por acções isoladas, mas, sim, por um conjunto de acções integradas num plano de ordenamento elaborado com base científica e técnica e com o apoio das autarquias e populações locais» — afirmaram.

Um dos oradores chamou a atenção para outros problemas graves que afectam aquela área como dos esgotos industriais e domésticos que para ali desaguam e da retirada ilegal de areias.

«Não existirão interesses obscuros na ria Formosa?» — interrogou a Comissão de Moradores que se referiu a um alegado projecto de aproveitamento turístico que passaria pela proibição da pesca e pelo encerramento de algumas das barras da zona.

Numa moção entretanto aprovada, os moradores exigem ser recebidos pelo governador civil de Faro e que não seja efectuada qualquer demolição «sem a aprovação prévia de um plano de ordenamento singular, criterioso e transparente».

Exigem também que num prazo de cinco dias lhes sejam dadas «garantias formais de que o processo autocrático iniciado com a publicação do edital será definitivamente interrompido».

Um dos principais potenciais da ria Formosa é a biomassa. As suas virtualidades não se esgotam, no entanto, aí, uma vez que se trata de uma zona turística de lazer de alto nível, se bem que o seu aproveitamento integral esteja ainda por fazer.

O equilíbrio do sistema, delicado, assenta na conjugação de uma série de factores que a «intervenção desregrada do homem tem colocado em perigo», opinava o Ministério da Qualidade de Vida em Novembro de 1983. De certo modo o actual secretário de Estado do Ambiente retomou esse ponto de vista para levar a cabo as anunciadas demolições nas ilhas de Faro e Deserta, de modo a tentar evitar a rápida degadação de toda a região. O Plano de Ordenamento da ria Formosa foi uma das medidas aprovadas nesse sentido e a que os ocupantes da Reserva Natural contestam com mais veemência.

Recorda-se que já em 1983 o MQV acusava essa intervenção (dos ocupantes indevidos da Reserva Natural da ria Formosa), a qual assumia foros de escândalo relativamente à «recolha e posse clandestina» de bivalves e peixes — mais de um milhão de contos que escaparam aos circuitos da fiscalização económica e sanitária.

É também Carlos Pimenta que defende o facto da proliferação do fenómeno clandestino impedir a exploração da região por um turismo de qualidade que as ilhas, aliviadas das estruturas residenciais, assumiriam como zonas balneares de vocação de alto nível no contexto europeu.

Câmara de Tavira contrariada com atitude dos Amigos da Terra

A Ria Formosa está de novo na berlinda após a Câmara daquela cidade algarvia ter reagido mal à queixa que o grupo ecologista Amigos da Terra fez à Comissão das Comunidades Europeias contra o Estado português.

Fialho Anastácio, presidente da edilidade de Tavira, considerou leviano o procedimento dos Amigos da Terra, que diz não assentar «numa análise criteriosa ou devidamente fundamentada sobre o assunto», segundo as suas palavras.

A queixa pretendeu ser uma forma de «pressão sobre o Estado português para proteger a Ria Formosa», que foi listada como reserva natural a preservar.

O presidente da Câmara de Tavira é defensor de um projecto para aquela zona que envolve um investimento de 12 milhões de contos, incluindo uma marina e uma cidade lacustre em Quatro Águas.

«Queremos defender e preservar o nosso património natural, mas também lutamos pelo desenvolvimento do nosso concelho», disse Fialho Anastácio, elucidando que o projecto «está a ser rodeado de todas as cautelas através de estudos exaustivos sobre o impacte ambiental que poderá vir a ter para a região de Ria Formosa».

Aludindo ao «falso alarmismo» da atitude dos Amigos da Terra, o edil afirmou ainda que o projecto está «actualmente a ser analisado pelas diferentes entidades que, por lei, se têm de pronunciar».

E mais acrescentou o autarca, ao revelar que a Câmara de Tavira aprovou um plano de ordenamento e desenvolvimento urbanístico de todo o litoral do concelho.

A nova cidade lacustre estender-se-á por uma área de cerca de 30 hectares e contará com 153 habitações individuais e sete edifícios de habitação colectiva, num total de 900 fogos, prevendo-se ainda um hotel, piscinas, correio, banco, teatro, lojas e restaurantes.

A marina, por seu lado, vai dispor de estacionamento para 51 embarcações, com cais de embarque, posto de recolha de esgotos das embarcações e ainda um outro, para recolha de óleos.

Investimento de 15 milhões de contos em 1990

ALENTEJO E RIBATEJO ANIMAM LUTA POR FÁBRICA DE AÇÚCAR DE BETERRABA

Alentejo e Ribatejo disputam a instalação da primeira fábrica de açúcar de beterraba em Portugal. Directamente envolvidas na luta estão Alvalade do Sado e Salvaterra de Magos, cada qual atraindo à sua volta (e em sua defesa) as autarquias adjacentes. O Alentejo avançou no sábado com uma estrutura para se candidatar a essa fábrica: a Associação de Produtores de Beterraba Sacarina do Alentejo Ocidental.

Foi mais uma «batalha», numa «guerra» mais vasta, pelo local e região em que será construída, em Portugal, a primeira fábrica açucareira (de beterraba). Os alentejanos dizem que a altura de beterraba sacarina poderá ser uma saída alternativa que, a não ser encontrada, isto é, a não ser instalada na região, a «sepulturá» num «ciclo de miséria como outrora».

Como acima se anuncia, a nova forma organizativa da lavoura do chamado Alentejo Ocidental (Beja, Alvito, Cuba, Ferreira do Alentejo, Alcácer do Sal, Grândola, Aljustrel e Odemira) está interessada numa cultura até agora desconhecida e foi dada a conhecer no Encontro sobre Beterraba Sacarina, organizado pela Câmara de Ferreira, com o apoio de outras edilidades e de Caixas de Crédito Agrícola, nomeadamente a de Santiago de Cacém, a mais forte (financeiramente) de todas elas.

Para os cerca de 300 participantes no encontro, «O Alentejo tem sido ao longo de décadas uma região esquecida e ignorada pelos poderes públicos».

«A profunda crise da indústria do tomate e a necessidade de abandono de metade da capacidade instalada, aliada às dificuldades que se avizinham no que respeita à cultura dos cereais, têm constituído preocupação de todos os alentejanos» — foi frisado no encontro.

«Guerra» iniciou-se há cerca de um ano

Um Alentejo há longos anos deprimido «assiste, dia-a-dia, à morte progressiva do Complexo Industrial de Sines, com inutilização de investimentos públicos incalculáveis e o subaproveitamento, (primeiro) e a degradação (depois) de um conjunto de estruturas e infra-estruturas industriais e sociais que não encontram paralelo em Portugal» — disse Jorge Nunes, dirigente da Caixa de Santiago do Cacém.

A chamada «guerra da beterraba» iniciou-se há cerca de um ano, aquando da decisão política da construção de uma fábrica deterrabeira para fabrico de açúcar, mediante acordo a que se chegou em Bruxelas entre Portugal e os outros países da Comunidade.

Com uma quota anual de produção da ordem das 60 toneladas de açúcar, Portugal terá que ter cerca de 10 mil hectares dedicados à plantação de beterraba sacarina para atingir as 500 mil toneladas de raízes necessárias para apurar as 60 toneladas e rentabilizar a fábrica.

A produção na fábrica terá de arrancar até 1990, sob pena de a Comunidade Europeia retirar ao País a quota de 60 toneladas, por pressão dos países como a França, que se debatem neste momento com excedentes.

A localização desta unidade industrial, que a preços correntes custará 12 milhões de contos e empregará até 300 trabalhadores, está ainda por decidir, mas sabe-se que terá de ficar no coração da região produtora da beterraba. De outro modo não será rentável, devido aos problemas de transporte que a cultura enfrenta.

«Sucral» tem decisão nas mãos

O vale do Tejo (Coruche) ou o vale do Sorraia (Alvalade do Sado) são os locais concorrentes para a localização da fábrica, cada um procurando influenciar o poder político com argumentos de vantagem sobre si e de desvantagem para a região rival.

Quem vai decidir, apoiada em pareceres técnicos e volumes de produção a decorrer neste ano experimental de 1987, é a empresa a quem o Estado concedeu o monopólio de exploração da indústria beterrabeira: a «Sucral7.

Esta empresa, com 51 por cento de capitais públicos (Investimentos e Participações do Estado — IPE) e 49 por cento de capitais privados (Refinarias de Açúcar Reunidas — Grupos RAR), colocou técnicos à disposição da lavoura de ambas as regiões, fornecendo-lhe as sementes e os cuidados técnicos necessários para que neste momento já haja 70 a 80 hectares plantados de beterraba, entre os vales do Tejo e do Sorraia.

A «Sucral» analisará, depois, os resultados obtidos nesta colheita experimental — que será enviada para uma refinadora espanhola, em Badajoz — e decidirá, no segundo semestre deste ano, finalmente, sobre onde será construída a fábrica.

Um estudo prévio da empresa, segundo fontes das Caixas de Crédito Agrícola, inclina-se para a zona de Coruche, embora representantes da «Sucral» digam que nada está ainda decidido.

O problema da fábrica já provocou mesmo alguma divisãono seio do movimento das Caixas de Crédito Agrícola, com os representantes de cada região e acusarem-se mutuamente de «jogadas» menos claras.

Tudo isto porque a cultura é mesmo atraente, pela perspectiva de quantidade e qualidade a obter, pelos rendimentos que proporciona e pela resposta que poderá, aos becos sem saída face à Europa que são o vinho de má qualidade, na região do vale do Tejo, ou o milho e tomate de fraca competitividade do vale do Sorraia.

Por mais que a «Sucral» continue a insistir na «resposta técnica e científica» para este dilema, tanto os agricultores do Ribatejo como os do Alentejo começam a aperceber-se de que o desfecho do conflito será dado de forma política.

Entre estas duas posições, e num papel de advogado do diabo, estão alguns observadores mais cépticos que, perante um investimento que em 1990 será da ordem dos 15 milhões de contos, reflectem e procuram que a solução seja cuidadosamente ponderada: complexos do Cachão, projectos da Cova da Beira, e outros elefantes brancos do sector primário não são mais do que «Sines agrícolas» a que a nova fábrica não se deveria juntar.

MINISTÉRIO DA SAÚDE
HOSPITAIS CIVIS DE LISBOA
DIRECÇÃO DOS SERVIÇOS DE APROVISIONAMENTO
SERVIÇO DE AQUISIÇÕES

(ANÚNCIO)

Concurso público n.º 3-2-161/87

FORNECIMENTO DE PASTA DE CELULOSE

Recebem-se propostas até às 9.30 horas do dia 28 de Abril próximo, para o mencionado concurso.

Os concorrentes poderão pedir no Serviço de Aquisições (Rua José António Serrano — Hospital de S. José), todos os dias úteis das 9 às 11.30 horas e das 14 às 16, as respectivas condições.

Serviço de Aquisições dos Hospitais Civis de Lisboa, em 26 de Março de 1987.

O Chefe do Serviço
Ilídio Luís de Sousa

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E COMÉRCIO
SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA E ENERGIA
Direcção-Geral de Energia

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do Art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção de Serviços Regional, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.º, e na Secretaria da Câmara Municipal do concelho de Sousel, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela EDP – Electricidade de Portugal-EP, Direcção de Distribuição Tejo, a que se refere o processo n.º 1/2655 arquivo 95, para o estabelecimento na freguesia de Casa Branca, concelho de Sousel, de uma linha aérea a 30 KV, com 16 metros, do poste n.º 13 da linha para o PT n.º 534 de Almadafe ao PT n.º 96 de Almadafe.

Linha aérea a 30 KV, com 760 metros, do poste n.º 43 dalinha para o PT n.º 535 de Vale do Freixo ao PT n.º 970 de Vale do Freixo.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção de Serviços Regional, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Direcção de Serviços Regional de Lisboa, em 27 de Março de 1987

P/O ENGENHEIRO DIRECTOR DE SERVIÇOS
Joaquim Gonçalves dos Santos

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E COMÉRCIO
SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA E ENERGIA
Direcção-Geral de Energia

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do Art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção de Serviços Regional, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.º, e nas Secretarias das Câmaras Municipais dos concelhos de Nisa e Crato, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela EDP – Electricidade de Portugal-EP, Direcção de Distribuição Tejo, a que se refere o processo n.º 1/3308 arquivo 95, para o estabelecimento nas freguesias de Tolosa e Gafete, concelhos de Nisa e Crato, de uma linha aérea a 30 KV, com 3129 metros, do poste n.º 84 da linha para o PT NIS 4 Tolosa ao PT n.º 80-Gafete.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção de Serviços Regional, ou nas Secretarias daquelas Câmaras Municipais, dentro do citado prazo.

Direcção de Serviços Regional de Lisboa, em 27 de Março de 1987

P/O ENGENHEIRO DIRECTOR DE SERVIÇOS
Joaquim Gonçalves dos Santos

Brincar a ter medo

IDEIA DE MORTE AJUDA AS CRIANÇAS A CRESCER

«A ideia de que a criança é um anjinho vem do romantismo e nada tem de verdade. Sucede é que o adulto recusa ver a criança como ela é, mas qualquer psicólogo com um mínimo de experiência sabe que na infância se desenvolvem fantasias de uma agressividade extradordinária», afirmou este fim-de-semana o psicanalista Mário Casimiro num encontro organizado pela Sociedade Portuguesa de Psicanálise, sob o tema «O Drama e a Vida».

O colóquio pretendeu debater os dramas da vida interior vistos sob a perspectiva da psicanálise e do teatro, surgindo com destaque a relação das crianças com a morte. Como referiu João Brites, do grupo de teatro O Bando, «as crianças gostam e precisam de brincar a ter medo para melhor enfrentarem o medo real».

Isto concluiu após a apresentação de uma peça daquele grupo do teatro independente em Trás-os-Montes: «Nós de um Segredo». O tema foi a morte, e as crianças aceitaram-no bem, ao contrário do que pensa a maioria dos educadores, que tentam preservá-las destas questões.

Coimbra de Matos, presidente da Sociedade Portuguesa de Psicanálise, advogou que «só permitindo às crianças confrontarem-se com a morte e fazerem o luto pelas pessoas que morreram elas podem desenvolver-se correctamente, sem que o desgosto que sentiram e não puderam manifestar se transforme em obstáculos com que vão tropeçando ao longo da vida».

Segundo o dr. Mário Casimiro, têm mais saúde mental as crianças que ouviram contos de bruxas, fadas e ogres. A ideia de morte, afirmou ainda o dr. Coimbra de Matos, é «indispensável ao crescimento porque só a ideia de que não se vive ilimitadamente, de que temos um prazo para fazer as coisas, permite ao indivíduo desenvolver um projecto».

A criança entende a violência e exerce-a, mas para ela, considerou aquele psicanalista, a violência é «mais uma agressividade dirigida a vencer obstáculos» que outra coisa. Necessário é combatê-la quando for excessiva, cabendo sobretudo à mãe a função de «combater a agressividade da criança muitas vezes geradora de angústia, dando-lhe tempo a integrar os factores perturbadores e fazendo-a viver os conflitos no plano da fantasia».

Presente também no encontro sobre o «O Drama e a Vida» o actor e cineasta Jorge Silva Melo, que considerou que o espectador que vai ao teatro «quer ouvir falar de si mesmo e da sua vida, dos medos, ridículos e obstinações que sente e nem às paredes confessa».

Provedor de Justiça fala sobre "Relações Internacionais"

O provedor de Justiça, dr. Angelo de Almeida Ribeiro, vai intervir hoje e amanhã num seminário sobre Relações Internacionais a realizar no Centro de Formação de Jornalistas, no Porto.

Com base no tema «As Relações Internacionais à Luz dos Direitos do Homem», o provedor de Justiça falará da «História dos Direitos do Homem e os ses Diplomas Fundamentais», «A Comissão Europeia e o Tribunal Europeu dos Direitos do Homem, sua Estrutura e Métodos de Actuação», «A Acta Final de Helsínquia, suas Esperanças e Frustrações», «O Papel das Organizações Não-Governamentais (ONG's) em Matéria de Direitos Humanos», «Intolerância Religiosa e a Liberdade de Crença, Consciência e Pensamento», «Paz Mundial e Direitos Humanos» e «A Recente Abertura Soviética e os Direitos Humanos».

PJ investiga morte de "Borboleta" em Setúbal

A Polícia Judiciária investiga o caso de homicídio de um indivíduo de nome Valentim, ontem de manhã encontrado morto, em Setúbal, na casa onde vivia no Bairro da Trindade. Valentim, de 53 anos, conhecido entre os amigos pela alcunha de «O Borboleta», era servente de pedreiro e morava na Rua Joaquim Baptista de Castro, número 9, onde um vizinho o descobriu ao ter sido alertado para o facto de a porta da residência se encontrar aberta.

Condutor ferido em choque na Rua da Conceição

Um automóvel e um táxi chocaram ontem à tarde no cruzamento da Rua do Ouro com a Rua da Conceição, em Lisboa, tendo ficado ferido com gravidade o condutor do primeiro veículo, Vítor Almeida Garcia Alves, de 41 anos, que recolheu ao Hospital de S. José com várias escoriações, sobretudo na cabeça. Na origem do embate esteve uma avaria nos semáforos colocados na Rua da Conceição.

Sexagenário assassinado com uma barra de ferro

A GNR deteve três indivíduos acusados de terem assassinado um sexagenário em Aldeia Nova do Cabo, nos arredores de Fundão. Os agressores (Reis, de 61 anos, Parente, de 49 e Costa de 24), cujo móbil foi o furto, assassinaram Manuel Macelo, agredindo-o com uma barra de ferro.

Duas são naturais de Goa e uma é de Guimarães

Portuguesas libertadas pela RENAMO chegaram "magras, mas bem dispostas"

As três portuguesas entregues pela Renamo à Cruz Vermelha Internacional junto da fronteira com o Malawi, chegaram a Maputo, magras, mas bem dispostas, tendo sido recebidas por entre abraços e beijos por pessoas amigas, sobretudo sacerdotes e religiosas. Uma delas, Maria Adelaide da Silva, natural de Guimarães, é freira da Congregação do Amor de Deus. Quanto às outras duas (mãe e filha), Clarinda Rodrigues e Ana Alexandre, são naturais de Goa, residindo habitualmente em Quelimane, segundo afirmaram.

De Blantyre até ao Malawi, viajaram num avião alugado pelo governo moçambicano, acompanhadas por um alto funcionário do Ministério dos Negócios Estrangeiros daquele país.

A representação diplomática portuguesa compareceu em peso no aeroporto, estando presente o embaixador Paulouro das Neves. As três portuguesas, juntamente com três sacerdotes italianos, também libertados na mesma ocasião, seguiram imediatamente para suas casas, sem formalidades de qualquer espécie. Esta manhã houve uma pequena cerimónia de boas-vindas e entrega formal dos ex-reféns aos seus países nas pessoas dos representantes diplomáticos.

As portuguesas saíram de Nauela, na província da Zambézia, a 16 de Novembro do ano passado, tendo chegado a Morrumbala, um dos principais acampamentos da Renamo, a 22 de Dezembro, e aí permanecendo até iniciarem a caminhada em direcção ao Malawi, onde foram entregues à Cruz Vermelha Internaional quando chegaram à fronteira daquele país. Funcionários da Cruz Vermelha levaram depois as reféns para Blantyre, entregando-as ao governo malawiano.

Maria Adelaide da Silva deverá seguir em breve para Portugal encontrando-se já numa casa que a Congregação do Amor de Deus possui na capital moçambicana. Os padres italianos, Ezio Toller, Vittorino Biasiolo e Onorino Venturini, da Congregação dos Deodianos, seguiram também para a residência dos seus confrades. Os três sacerdotes ainda não sabem se regressarão imediatamente a Itália, mas o governo moçambicano não terá qualquer interferência na sua decisão.

Afirmado num encontro em Matosinhos

Pró-Sindical da PSP recusa "instrumentalização política"

Durante um almoço de confraternização que efectuou anteontem em Matosinhos, para comemorar o 5.º aniversário da sua fundação, a Comissão Pró-Associação Sindical da PSP (ASP/PSP) revelou existir unanimidade entre as forças políticas com assento na Assembleia da República em reconhecer que «a Associação Sindical da PSP será uma realidade irreversível em termos de formalidade legal».

«Para nós, o futuro só é entendido enquanto polícias de um instituição cívica pronta a cumprir as missões que lhe estão destinadas pela legislação de um Estado democrático, pelo que recusamos a instrumentalização política», lê-se numa declaração do Executivo da ASP/PSP lida no decorrer do almoço, que reuniu cerca de duzentos elementos da instituição pertencentes a todas as graduações.

Congratulando-se com o arquivar dos processos que haviam sido movidos contra activistas sindicais, o executivo da ASP/PSP frisou pretender «agir sempre e só em defesa das populações, no combate à criminalidade, actuando sempre no respeito pela dignidade humana».

ARTIGO DE FUNDO

Mário Castrim

Encontrei-a por acaso na rua, certa manhã deste princípio de Abril a desfazer-se em chuva e em granizo. Não me senti nada obrigado a envergar a máscara da hipocrisia.

-Não tenho prazer nenhum em ver-te — *disse-lhe com a faca mais afiada que encontrei à mão.* E bem podias evitar-nos a tua visita.

Ela riu, com os dentes todos à mostra:

— Lamento muito informar-te, excelentíssimo, de que eu cheguei de novo com armas e bagagens...

— Em minha casa não entras tu.

— Então porquê? A tua mulher é ciumenta?

Fiz gesto de lhe amandar com um cinzeiro à cabeça maluca. Ela fingiu-se medrosa:

— Ai, ai, tão nervoso que ele está! Pois não te ponhas a pau, não, e vais ver o que te acontece...

Encontro basto desagradável, aquele. O raio é que eu olhava para ela, fascinado, queria afastar os olhos e não podia, passavam entre mim e ela imagens doutros tempos, fantasmas, isto é, medos cristalizados...

Ela deu uns passos adiante:

— Deixa-me ir. Não quero perturbar as tuas recordações...

Segurei-a por um braço.

— Ouve lá, tu vens mesmo para ficar?

— Vamos a ver, vamos a ver o que se arranja — *respondeu ela.* — Durante alguns anos vocês não me quiseram cá. Foram uns idealistas. Mandaram-me embora. Podem agradecer ao gonçalvismo...

— Já cá faltava.

— Mas é a verdade, ou tu pensas que eu esqueço. Vocês não me queriam cá, mandaram-me embora e eu fui. De alma arrasada. Mas fui.

— E agora regressaste...

— Já regressei, sim. Criaram-me excelentes condições, eu esqueci os agravos, tenho boa boca, aqui estou, como se diz em futebol, «pronta a dar o meu melhor».

Com aquele sorriso sinistro:

— O que lá vai, lá vai! Mãos à obra...

Estendeu-me a mão. Afastei-me, naquele gesto brusco e teatral do cinema nos anos trinta. Fiquei a espreitá-la, afastando-se, preocupada em tratar da vidinha. Sempre oportunista, a Tuberculose...

Novas tecnologias de barragens

RECURSOS HÍDRICOS NÃO PASSAM PELO TERREIRO DO PAÇO

— diz especialista em Coimbra

OS pioneiros mundiais da moderna tecnologia de barragens, entre eles dois portugueses, foram ontem homenageados em Coimbra, no primeiro dia de uma mesa-redonda internacional de quatro dias, sobre barragens de abóboda. Um dos membros da organização disse que o regadio é a base da agricultura rica, mas o desenvolvimento dos recursos hídricos não passa pelo Terreiro do Paço — afirmou.

Mnuel Rocha e Carvalho Xerez foram os projectistas portugueses evocados, a par de técnicos e cientistas estrangeiros, já falecidos, entre eles, o prestigiado norte-americano Roy Carlson.

Centena e meia de especialistas, representando 26 países, assistiram à sessão evocativa e participam, até quinta-feira, nos trabalhos da mesa-redonda sobre arquitectura de barragens, critérios de projecto e aspectos históricos.

«Conseguimos reunir em Coimbra, com a ajuda da Universidade da Califórnia, o melhor que há no mundo do conhecimento de estruturas tão essenciais para os aproveitamentos hídricos como são as barragens de abóbada» — disse o professor Laginha Serafim.

Este catedrático de engenharia civil, que preside à reunião, considera-a não só de «grande importância técnica e científica, como de interesse social».

Segundo o construtor das primeiras grandes barragens de abóbada, em Portugal, «elas foram sempre tão importantes para a humanidade que os antigos chineses não as dispensaram e os romanos as espalharam abundantemente no nosso território, sobretudo a sul do Tejo».

«Aquilo que o homem sabe hoje de barragens é o somatório de milénios de experiência e de ciência que o homem passou a utilizar a partir do terceiro quartel do século passado» — esclareceu Laginha Serafim.

Acrescentou que «actualmente as barragens são as estruturas mais importantes para o desenvolvimento de qualquer país na medida em que devolvem a água e aproveitam os seus recursos hídricos».

«Estes recursos trazem mais trabalho, mais água regularizada e disponível e, portanto, mais regadio, que é a base da agricultura rica, mais energia hidroeléctrica, melhores possibilidades de fazer saneamento básico e de se dominarem situações de catástrofe como as cheias.»

A este propósito Laginha Serafim afirmou que «pensar no Terreiro do Paço, em planos de desenvolvimento, com paragem do desenvolvimento dos recursos hídricos, é profundamente errado».

Referiu-se, nomeadamente, à paragem nos planos do Alentejo (Alqueva, d Cova da Beira (Sabugueiro) e do Vouga.

Aquele especialista adiantou que «as barragens de abóboda são as mais apropriada em Portugal por serem construídas nos vales rochosos das montanhas».

PS arrebatou Junta de Ponte da Barca aos sociais-democratas

O PS venceu ontem as eleições para a Junta de Freguesia de Ponte da Barca, arrebatando a Junta ao PSD que t inha obtido a maioria nas eleições autárquicas de 1985.

Esta eleição foi provocada pelo facto de o anterior presidente da Junta e restantes membros da autarquia pertencentes ao PSD se terem demitido na sequência de desacordos com a Câmara (também PSD) provocados pela mudança da sede da Junta de Freguesia.

Os socialistas, por seu turno, recusaram-se a encabeçar a Junta após as demissões dos sociais-democratas pelo que foram convocadas eleições para ontem.

Nestas, havia 1196 eleitores inscritos dos quais 345 votaram PS (que ficou com seis mandatos), 194 votaram PSD (que ficou com três mandatos), 26 CDS, 23 APU. Houve 597 abstenções e verificaram-se ainda dois votos brancos e nove nulos.

O novo presidente da Junta é António Gonçalves de Araújo, um socialista que é professor do ensino secundário.

O cabeça de lista do PSD tinha sido eleito para a anterior Assembleia de Freguesia como independente do PRD.

A anterior Junta de Freguesia tinha sido eleita, em 1985, com 328 votos para o PSD (quatro mandatos), 325 para o PS (quatro mandatos), 132 para o PRD (um mandato), 24 para a APU, não tendo concorrido o CDS.

A freguesia de S. João Baptista de Ponte da Barca, sede de um concelho que se estende pela margem Sul do rio Lima, até à fronteira espanhola, aparece pela primeira vez citada num documento de 4 de Abril de 1450.

Antes disso, «a barca», como lhe chama o povo, foi um simples lugar da vizinha paróquia de Paço Vedro de Magalhães, ponto de passagem, de barco, para os peregrinos que de Braga se dirigiam a Compostela e para os viajantes que da Ribeira Lima iam para Orense.

Célebre na vila é a casa que se diz ter pertencido a Maria Lopes da Costa, alegada fundadora do burgo, onde o rei D. Manuel se teria hospedado no regresso de uma peregrinação a S. Tiago de Compostela.

A casa, que era então a única casa de dois pisos que havia na terra, ostenta ainda hoje duas toscas carantonhas em granito que, segundo a tradição popular, representam «D. Manuel e sua mulher».

A região de Ponte da Barca foi pátria de dois notáveis poetas do século XVI, os irmãos frei Agostinho da Cruz (considerado o maior bucólico da poesia portuguesa) e Diogo Bernardes Pimenta, e ainda de D. João de Aboim, que foi principal ministro do rei D. Diniz.

15.º Salão Internacional de Invenções

Português de 84 anos expõe em Genebra

A criatividade é acessível a todas as idades: um português de 84 anos, de Chaves, tem exposto a partir de ontem, em Genebra, o seu protótipo «abrigador de vento giratório para chaminés».

Júlio dos Santos Pereira deve ser, provavelmente, um dos mais idosos inventores que enviaram as suas criações para o 15.º Salão Internacional de Invenções e Novas Tecnologias que, a partir de ontem e durante nove dias, vai estar patente ao público.

A sua criação consta de um abrigador de vento, constituído por um corpo giratório provido de um cavatento, para orientação, com uma abertura para a saída de fumo, ficando esta sempre do lado contrário de onde sopra o vento.

Um colector solar, uma célula de difusão isotérmica, um sistema electrónico de segurança de automóveis e uma estrutura para parqueamento de 12 viaturas auto na vertical com elevadorsão os inventos que vão estar no «stand» de Portgal naquele certame mundial.

A inteligência dos portugueses começou ontem a medir forças com a criatividade de outros países.

Os inventores portugueses já conquistaram mais de uma centena de medalhas de ouro, prata, prata dourada, bronze e outros títulos, ao longo das suas presenças nos saloes mundiais de Genebra e Bruxelas.

Portugueses: Menor representaço de sempre

O presidente da Associação Portuguesa de Criatividade, coronel Alves dos Santos, que é um dos membros do júri internacional do Salão Internacional de Inventores de Genebra, afirmou ontem que «a delegação Portuguesa é a menor representação de sempre» aos salões mundiais.

Considerou como factor principal a falta de meios financeiros que a APC dispõe para estar presente com uma maior representatividade.

Referiu que, dos 16 protótipos com possibilidades de fazerem boa figura, foram escolhidos cinco.

A APC recebeu somente u subsídio do Laboratório Nacional de Tecnologia (LNETI), que permitiu apenas a limitação aos protótipos presentes.

Sublinhou que também tem recebido subsídios da Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica, mas que em relação a este Salão não foi possível contactar com osresponsaveis.

Para o presidente da APC, a situação financeira da Associação apresenta-se preocupante.

Quanto à presença dos cinco protótipos, disse que o desejo «é não quebrar a tradição» dos criadores portugueses que todos os anos conquistam as principais medalhas nos salões mundiais de Genebra e Bruxelas.

O coronel Alves dos Santos, a terminar, disse que Portugal tem nos seus criadores condições de apresentar uma mais ampla representação comos apoios do LNETI, da Junta Nacional de Investigação Cienífica e Tecnológica e da indústria.

federação nacional dos sindicatos da função pública

AOS TRABALHADORES ADMINISTRATIVOS DAS ESCOLAS

AVISO — CONCURSOS

Avisam-se todos os trabalhadores que concorreram aos concursos para chefes administrativos de 1.ª e 2.ª classe, 3.ºs oficiais e escriturários dactilógrafos de 2.ª classe das escolas e chefes de secção das Direcções Escolares de que se encontram, a partir de hoje, para consulta nas sedes e delegações distritais dos Sindicatos da Função Pública as listas de colocações da **2.ª fase de colocações** daquele mesmo concurso.

Estas listas serão publicadas brevemente no «Diário da República». Brevemente estarão também disponíveis as listas de colocações dos concursos para 1.º e 2.º Oficial.

Lisboa, 6 de Abril de 1987

A Comissão Executiva da Federação Nacional dos Sindicatos da Função Pública

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E COMÉRCIO

SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA E ENERGIA

Direcção-Geral de Energia

ÉDITOS

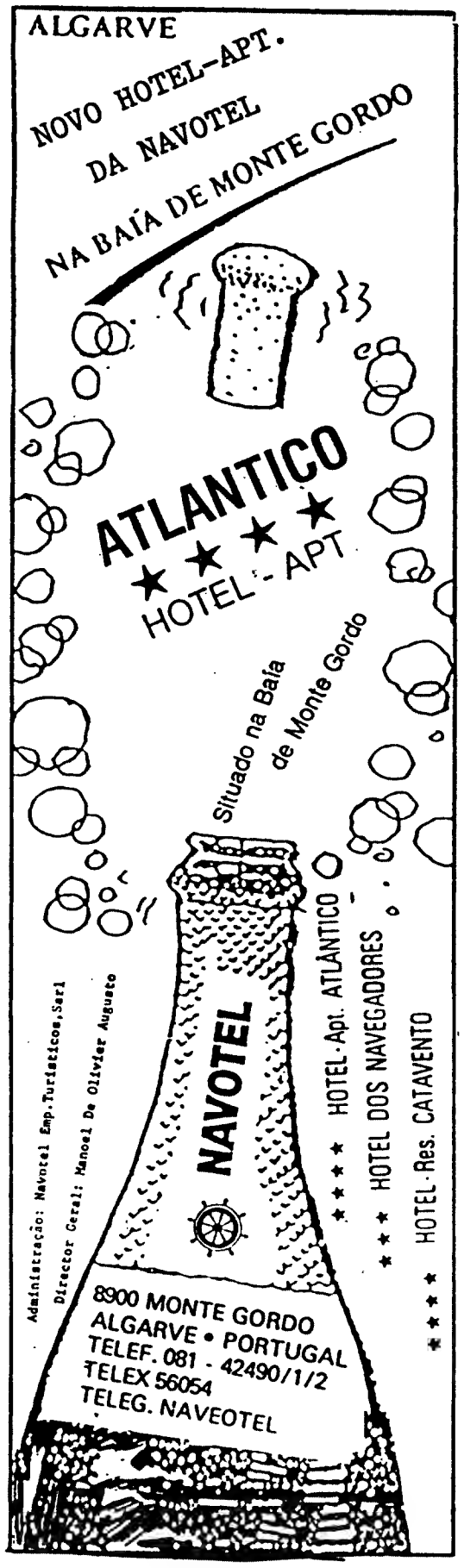
Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do Art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção de Serviços Regional, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.º, e na Secretaria da Câmara Municipal do concelho de Castelo Branco, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela EDP – Electricidade de Portugal-EP, Direcção de Distribuição Tejo, a que se refere o processo n.º 1/2653, arquivo 95, para o estabelecimento na freguesia de Benquerenças, concelho de Castelo Branco, de uma linha aérea a 30 KV, com 573 metros, do poste n.º 16 da linha para o PT de Benquerenças de Cima, ao posto de transformação dos Estaleiros, de António Pina Vieira do Vale, Lda.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção de Serviços Regional, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Direcção de Serviços Regional de Lisboa, em 27 de Março de 1987

Pel'O ENGENHEIRO DIRECTOR DE SERVIÇOS

Joaquim Gonçalves dos Santos



NOME DE JOSÉ AFONSO PARA LARGO DE SETÚBAL NA BASE DE CONTROVÉRSIA

A atribuição do nome do cantor José Afonso ao Largo do Sapalinho, em Setúbal, vai voltar a ser analisada pela Comissão de Toponímia do município, visto não haver unanimidade quanto ao projecto.

«Depois das críticas feitas, vai ser convocada nova reunião da Comissão de Toponímia para analisar as objecções. Se a Comissão confirmar a proposta, então, trá-la-ei à próxima sessão para aprovação», disse quinta-feira o jornalista José Rebelo, autor da proposta e presidente da Comissão Municipal de Toponímica.

A Comissão a que preside o correspondente do jornal «Le Monde» aprovou por unanimidade a atribuição do nome de José Afonso, falecido em finais de Fevereiro, ao Largo do Sapalinho.

A proposta, no entanto, suscitou contestação, nomeadamente por parte do presidente da Câmara, que considerou que as pequenas dimensões da praça não se coadunam com a dimensão cultural do cantor e que o recinto já tem um nome próprio enraizado na história da cidade.

Segundo argumenta o vereador José Rebelo, o Largo do Sapalinho, na baixa da cidade de Setúbal, «tem profundas tradições culturais e fica próximo do Círculo Cultural de Setúbal, de que José Afonso foi um dos fundadores».

Mas até agora não surgiram propostas alternativas.

Jardins de infância oficiais abrangem só 30% das crianças

A rede dos estabelecimentos oficiais de educação pré-escolar em Portugal «é manifestamente insuficiente», afirmaram no Porto os participantes de um seminário nacional sobre educação pré-escolar.

Numa comunicação apresentada neste seminário, promovido pela Federação Nacional dos Professores (FENPROF), sublinha-se que «osujardins de infância do Ministério da Educação, da Segurança Social, de iniciativa cooperativa e particulares com fins lucrativos, cobrem apenas 30 por cento das crianças em idade pré-escolar».

«Impõe-se que seja alargada a rede pública existente e que sejam criadas alternativas metodológicas e estruturais ao jardim de infância que permitam a todas as crianças o acesso à educação», acrescentou o autor da comunicação, António Teodoro, secretário-geral da FENPROF.

Esta perspectiva é, no entender deste dirigente, «contraditória com a realidade, porquanto cerca de 2000 educadores ficaram por colocar no ano transacto e no concurso deste ano abriram apenas 336 vagas de efectivos em contrapartida a 102 vagas a extinguir».

António Teodoro lembrou que os professores «têm apontado, como medida fundamental de uma política educativa voltada para a formação global das crianças e jovens, o desenvolvimento da educação pré-escolar».

Em seu entender, «é possível elevar, nos próximos cinco anos, a taxa de cobertura na educação pré-escolar para valores da ordem dos 55 por cento, através da expansão da rede pública de jardins de infância, assente numa planificação conjunta da administração central e do poder local».

Cerca de 200 educadores participaram neste seminário, de dois dias, organizado pela FENPROF nas instalações da Casa da Cultura do Sindicato dos Professores do Norte.

Câmara de Lisboa entregou prémios e medalhas

A Câmara Municipal de Lisboa entregou prémios e medalhas municipais a diversas personalidades que, pela sua acção, na óptica do Município, se distinguiram.

Com a medalha de mérito Municipal, grau em prata, foi distinguido José Luis da Silva Coelho, há 12 anos presidente do Centro Social do Casal Ventoso, responsável pela gestão de um lar para idosos, um jardim infantil e uma creche para crianças dos seis aos 13 anos.

A medalha de honra da cidade foi atribuída, a titulo póstumo, ao arquitecto Martins Bairrada, recentemente falecido, tendo a viúva do autor da obra «Empedrados Artísticos de Lisboa» recebido das mãos de Nuno Abecasis o prémio Municipal Júlio Castilho 1985.

Os prémios literários municipais de 1984 foram atribuídos a Lídia Jorge, Vasco Graça Moura e António Quadros, respectivamente pelas obras «Noticias da Cidade Silvestre», «Os Rostos Comunicantes» e «Fernando Pessoa: vida, personalidade e génio», enquanto que Luiz Francisco Rebello recebeu uma menção honrosa pela obra «História do Teatro de Revista em Portugal».

Os jornalistas do «Diário Popular» Eduardo Guerra Carneiro e Marina Tavares Dias, receberam, respectivamente, o prémio Municipal Júlio Castilho pelo artigo «Pessoa revisitado nas ruas de Lisboa», e uma menção honrosa, por três artigos sobre cafés de Lisboa.

Maria Teresa Assunção Cortez Pinto e Thebar Rodrigues receberam o prémio Municipal de Azulejaria pelo painel de cerâmica e pelo projecto do edifício MCB, na Avenida da Liberdade.

Com a medalha de honra da cidade foram ainda distinguidas a Academia Nacional de Belas Artes, Academia Portuguesa de História, Associação Naval de LIsboa, Casa Batalha e Escola Secundária Passos Manuel.

A medalha de mérito municipal, em grau de ouro, distinguiu antigos vereadores, entre os quais Silva Graça, Teresa Corte Real, António Russel, Carlos da Cunha Casanova, Júlio César Romão e Luis Alberto Lopes Gallego, as Associações de Estudantes do Instituto Superior de Agronomia e do Instituto Superior Técnico, a Sociedade Filarmónica União Capricho Olivalense, a Liga Portuguesa dos Deficientes Motores, e a directora daquela instituição, Guida Faria.

Desde Cascais a Lisboa em tempo "record"

Pág. 19

'Dragões' sticam 'águias' para fora da Europa

Pág. 18

Há Petróleo em Braga

Não se trata de qualquer descoberta do Solnado e tampouco se lobrigou o precioso líquido no Beato. Petróleo é brasileiro e já chuta pelo Braga.

DESPORTO

Houtman abraça Frasco: lance legal?

Aí vai o golo de Rui Águas em Vila do Conde

Nacional de futebol

"JACKPOT" DO BENFICA

Neves de Sousa

A escassas nove horas de arrumar na estante este livro que se abriga sob o genérico «nacional de futebol-86/87», bem se poderá dizer que, em Vila do Conde, bastou ao Benfica puxar um nadinha a alavanca e, inventando ali mesmo, no Casal do Monte, uma espécie de casino, fazer saltar o mais apetecido «jackpot».

Meus caros: não é apenas quando se deseja que toda a concorrência perca terreno que a sorte toca no ombro. Fundamental é (também) o nervosismo falhão do opositor na linha mais directa. E aconteceu isso mesmo: quando o ponteiro do relógio bafejava as gentes de Alvalade, erguia-se aos céus a grande festa rubra. É que, apesar dos bons propósitos de António Morais (inclusive garantindo que em nada temia os homens da Luz) o certo é que os pupilos de Mortimore, graças a desfasamento da defesa adversa, passearam em Vila do Conde de ouvido sôfrego (e feliz) pelo que acontecia na Alameda das Linhas de Torres onde, de uma assentada, ficou escrito o futuro máis próximo dos «dragões»: expulsão de Frasco, entrada de Mário Jorge e muito tardio apelo a Juary. Enquanto o experiente «internacional» de Leça da Palmeira caía numa armadilha que já não pode ser derrotada pelo seu conhecimento das coisas, o ainda menino de Ponta Delgada entrava no palco e, por falta de antídoto (do lado de Artur Jorge) retalhava os «dragões», de tal modo que, não fora o excelente bastião que se chama Mlynarckzic e, a esta hora, teríamos no séquito das Antas, erro mais copioso. Reconhecido (portanto) que, ao mesmo tempo que o Benfica nunca passou por chamas, lá pelas margens do escapanço do Ave para o grande mar, os portistas (desperdiçado aquele soberano ensejo que Madjer deitou às urtigas) tiveram de assistir, uniformemente retardados na sua marcha, a uma galopada **verde** que só não atingiu expressão mais dilatada porque à óptima manobra de Mário Jorge, Silvinho e Mário, também correspondeu colocação apurada de um polaco que veio até nossa terra para que lhe tiremos o chapéu. No resto, vulgaridade (atraz) de um «team» onde fez frio a falta de Paulo Futre, possivelmente poupado ao conclave de Alvalade.

Na relva do Rio Ave: abraço (insólito) de Carlos Manuel a Figueiredo

Dezassete foram os golos colocados no cartaz em toda a 24.ª rodada deste campeonato que parece definir os contornos. Enquanto flavienses permitiam que o tento de Paulinho Cascavel fixasse o segundo nulo no «placard», esse grande senhor do futebol que se chama Francisco («Paco» Gento voltava a Madrid hesitante: negociar um Jorge Plácido já embrenhado nos milhares de portistas ou tentar um brasileiro que Pimenta Machado não quer deixar escapulir da sombra do «Fundador», de onde (parece) teremos brevemente rendição de zairenses por latagões das terras de Ademir e Roldão?

Adiante. Magras e escassas (mas para eles muito saborosas) foram as vitórias de Salgueiros e Portimonense: alentejanos e funchalenses voltaram a casa com o antigo pecúlio no bornal. Desenha-se, com pressão maior, o toque da queda para o KO: de qualquer dos emblemas em tombo livre haverá suspiros de mágoa mas (também) culpas alinhadas no cartório. Para um dia chegarem à barra do tribunal, então, se culparem a negro os verdadeiros donos desta incerteza, filha amiga dos produtores de mezinhas para (se possível) renovado saltitar cardíaco.

Belíssimo, opíparo e festivo foi o ponto conquistado pelos boavisteiros em reduto bracarense: o homem que o Sporting afastou (com todo o pleno domínio dos seus ordenados mas não mais uma palavra para os comandados) poderá dar a volta a minhotos que continuam com a borda bebendo água? E, em contrapartida, a chamada de Torres (o técnico federativo que a «entourage» de Silva Resende tinha condenado à corrida para a rua, mesmo que Portugal chegasse ao trono mundial) conseguirá retornar à visão de Valentim Loureiro o emblema «boavistão»?

Lautos, fáceis de digerir, foram os triunfos academistas e belenenses: se, em Coimbra, ainda aconteceu réplica farense, pela área do Restelo assistiu-se (apenas e só) a um «bombardeamento» **azul** às malhas do mais só e estático Lúcio de toda a carreira de um excelente profissional do futebol que (decididamente) deve ter esquecido a sina que recomendava bem claro **mais atenção ao trabalho.** Fraquejou: foi o que se viu.

Bem: a partir daqui, deve estar marcado o destino do trono, enquanto residem algumas dúvidas em torno do pasaporte europeu. Depois, uma dúzia de pontos permanece bailando em torno do fiel da balança: e (provavelmente) mora aí, a dúvida de maior altitude. Porque, aqui para nós, João Santos e a nova direcção rubra, bem podem estender a mão (também) aos parceiros que moram perto do parque da Avenida Norton de Matos: ao Porto, sem sombra de qualquer pecado, o horizonte mais rápido chama-se Taça dos Campeões Europeus. Onde, de braço dado, todos moramos a seu lado. Grande e nunca vencido Porto: não dás essa festa á gente?

A anteceder a partida para mais uma prova de atletismo o dr. Vítor Gonçalves «passa revista» aos participantes

"Desporto é giro"

"Jogos Desportivos da Cidade de Lisboa"

— *uma realidade que importa aplaudir*

Terá valido a pena o total empenhamento do dr. Vítor Gonçalves (vereador do Pelouro de Desporto e Turismo) e dos seus colaboradores — devendo destacar-se o esforço e competência que tem vindo a ser desenvolvido pelo professor Mário Silva — no sentido de dar corpo aos Jogos Desportivos da Cidade de Lisboa, já que, na 1.ª fase (jogos de freguesia), participaram cerca de três mil jovens pertencentes ao escalão etário dos 13 aos 15 anos, o que corresponde 15% da população lisboeta daquelas idades. Bem se poderá dizer que o homem sonhou e a obra nasceu. Nesta cidade que conta com 386 clubes, 46 associações, 39 federações e 53 freguesias é fácil saber-se, quantas dificuldades surgem para que uma iniciativa fincada em propósitos de estimular a prática desportiva através de manifestações de sensibilização e, quanto a verbas, colocadas ao dispor do pelouro, é bem sabido serem insuficientes em função das carências existentes. Talvez valha a pena recordar-se que a cidade de Lisboa apenas dispõe de 5 piscinas e quanto a demais estruturas tudo está por fazer. Para 1987, soubemos junto do pelouro de desporto da CML de que foi dotada a verba de 259 640 contos que, naturalmente, irá ser aplicada na actividade de fomento desportivo (apoio a colectividades) projectos da actuação camarária com relevância para a animação de zonas verdes em Belém e no Parque Eduardo VII (devidamente enquadrados por técnicos da Câmara), actividades de animação desportiva que tem como ponto de partida a rentabilização desportiva do pavilhão «Carlos Lopes» onde, neste momento, crianças de várias escolas desenvolvem uma das vitais formas de cultura, campanha para angariação de voluntários para o desporto (visando o recrutamento de antigos praticantes árbitros e juízes), felizmente, será feito o levantamento (já em curso) da caracterização desportiva.

Previstos dois grandes complexos

Naturalmente que o dr. Vítor Gonçalves e os competentes colaboradores que o apoiam, estão fortemente vocacionados para, a médio prazo, dotar a cidade de Lisboa com as estruturas bastantes para satisfazer uma primária necessidade da população, com particular atenção a dedicar à juventude e daí que esteja prevista a construção de dois grandes complexos desportivos compreendendo: pavilhão polivalente, piscina de 25 metros, ginásios campo de jogos com pista de atletismo e respectivos balneários e instalações sociais de apoio. Só que cada complexo custará um milhão de contos...

Quanto à localização, o Pelouro de Desporto da CML pensa que a solução mais conveniente será erguer os complexos da zona oriental (Chelas) e na zona ocidental (antigo Estádio das Salésias).

Clubes recebem apoio

O dr. Vítor Gonçalves está atento aos problemas que preocupam os dirigentes das colectividades, sobretudo no que respeita á degradação do equipamento, e raramente, os pedidos deixam de ser atendidos, depois de devidamente fundamentados e quando os próprios técnicos camarários verificam a veracidade dos factos, o apoio é materializado. Como exemplo recente, foi atribuído o subsídio de 350 contos ao Boa Hora para obras de beneficiação do seu parque desportivo e ainda 750 contos para a compra de duas carrinhas destinadas ao transporte dos seus atletas. Este é um exemplo entre outros e o Pelouro de Desportos da CML a todos atende. No Pavilhão dos Desportos «Carlos Lopes» a movimentação responde aos objectivos prioritariamente estabelecidos pela actual autarquia.

Jogos Desportivos da Cidade de Lisboa

Como se vê, no quadro (publicdo em separado) relativo às presenças à adesão da população jovm aos I Jogos Desportivos Cidade de Lisboa, o êxito da iniciativa foi conseguido mercê da movimentação, em diversos locais da cidade, na prática de andebol, atletismo, futebol de salão e basuetebol durante a 1.ª fase, na qual ficaram apuradas 130 equipas nas quatro modalidades, estando o encerramento marcado para 13 e 14 de Junho no Terreiro do Paço, onde se realizarão as finais, antecedidas dum festival de animação ecreativa e actividades no rio Tejo, sendo para o efeito montadas bancadas com lotação para 2000 pessoas.

Colaboram nesta iniciativa da CML, a TAP, RN Tours, Sociedade Portuguesa de Seguros e a MIND, empresa de artigos desportivos que ofereceu 1600 pares de ténis para os participantes que atingiram a «fase da cidade» (fase final).

Foi-nos tamém informado pelo professor Mário Silva de que em 1988 os «Jogos da Cidade» terão mais dois escalões (10/12 anos e veteranos) incluindo-se provas de natação e ténis de mesa.

Jogos desportivos da Cidade de Lisboa: uma ideia que nasceu, uma obra que cresce.

Alves Henriques

Sporting, 2-Porto, 0

"DRAGÃO" PER

Neves de Sousa

A dúvida que se arrastou durante toda a semana e poderia retardar até à última apitadela, os sonhos de todos os emblemas interessados no páreo de Alvalade, estilhaçou-se em três momentos cruciais: falhanço de Madjer à portinha de uma baliza escancarada (naquele soberbo centro da sua esquerda que vergou toda a defensiva **verde**), expulsão de Frasco (lógico e correcto cumprimento da lei por parte do árbitro, infantilidade de um jogador com o gabarito do «internacional» portista) e entrada no palco do sr. Mário Jorge de Pinho Fernandes, o menino-homem nascido em Ponta Delgada a 24 de Agosto de 1961 que, logo acertando o passo pelos parceiros Silvinho e Mário, iria tornar-se o vértice do demolidor triângulo que pode ter liquidado o caminhodo título aos portistas.

Podem (legitimamente) os portistas alegar que, embora sentindo a tremenda falta do seu fulgurante Paulo Futre, estavam equilibrando as operações até àquele gesto infeliz e inútil de António Manuel Frasco Vieira: mas, verdade se diga, também o Sporting é senhor para atirar até à mesa do julgamento o volume de defesas de Mlynarczyk em que o perigo rondou as malhas **azuis**, especialmente por falência quase absoluta dos laterais e, depois, porque Lima Pereira não podia jogar por si e ainda por um Celso que andava completamente perdido em cada centro de um furacão.

Artur Jorge mantém fora das suas cogitações valores como Semedo e Eurico, Festas, Vermelhinho e Paulo Ricardo, para já não falar em Sousa e Eduardo Luís, que vão alternando o banco com uma outra chamadita ao trabalho activo. Ora como o Porto (embora possuindo um superplantel) está impossibilitado de chamar à liça artistas como Casagrande e Jaime Pacheco ou Laureta, sempre se imaginou que o apelo ao vertiginoso Juary acontecesse mais cedo. Ou que o pé-canhão de António Augusto Gomes de Sousa tivesse ensejo de aparecer perante a ainda recente entidade patronal. Não aconteceu nada disso: e, vistas bem as coisas, ponderada a asneira de Frasco e sabido como é difí-

Mário para Frasco: **«então isso faz-se ao Virgílio?»** *Rosa Santos leva a mão ao bolso: lá vem o «icterícia». Daí a instantes seria o rubro.*

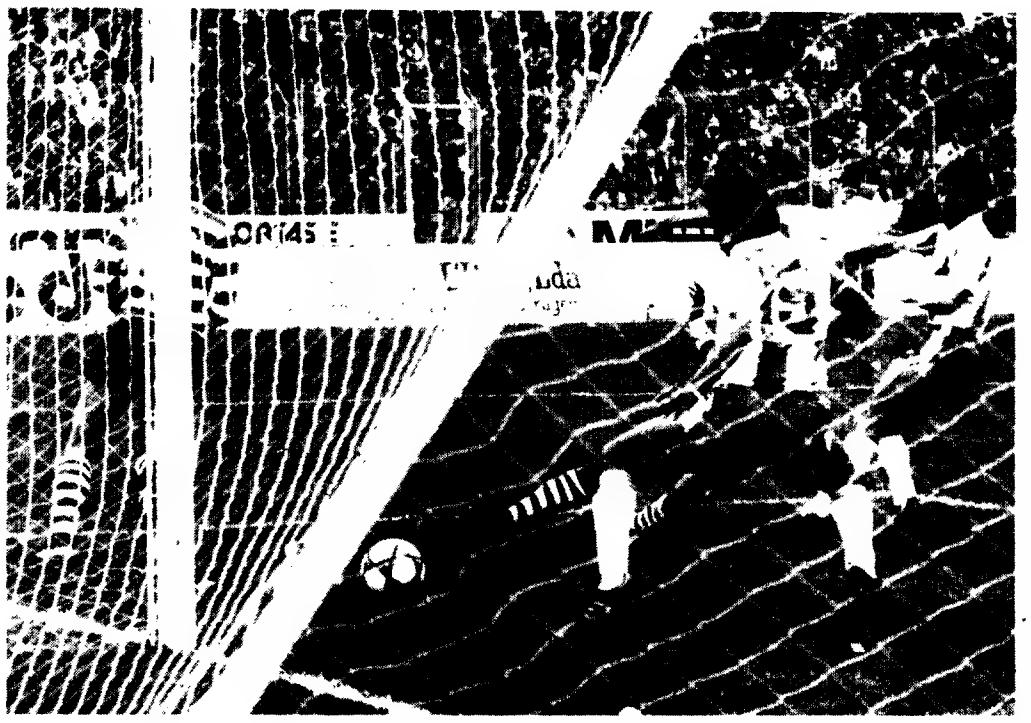
Lobanovski espera "um outro Porto"

O soviético Valeri Lobanovski, treinador do Dínamo de Kiev (adversário do FC Porto nas meias-finais da Taça dos Campeões Europeus), espera um **«Porto mais agressivo»** do que aquele que viu perder, em Alvalade, por 2-0. **«O Porto não vai jogar assim 4.ª-feira»** — disse Lobanovski, considerando que a equipa de Artur Jorge actuará de **«forma mais agressiva, muito mais atacante».**

O técnico soviético, que assistiu da tribuna de honra de Alvalade ao encontro Sporting - FC Porto, declinou analisar individualmente a actuação dos portistas, referindo ser **«difícil destacar seja quem for»**. Confrontado com a derrota sofrida pelo seu clube frente ao Dniper (2-0), em jogo do campeonato soviético, Lobanovski disse que o desaire **«não terá qualquer influência, quer física quer psicológica»**, na equipa do Dínamo de Kiev». **«Não possuo informação suficiente sobre o que se passou, mas sei que a minha equipa dominou durante toda a partida»** — acrescentou o técnico soviético, referindo que o **«Dniper marcou dois golos num minuto, enquanto o Dínamo não conseguiu concretizar as muitas oportunidades criadas». «Este mau resultado não vai influir no jogo de 4.ª-feira»**

— concluiu Lobanovsky, que, além de treinador do Dínamo de Kiev, é também o seleccionador soviético.

RDEU-SE NA SELVA



Golo de Meade: nenhum portista consegue a travagem

cil a qualquer equipa jogar 42 minutos com menos uma unidade, em terreno adverso e perante esquadrão de sua igualha, estaria explicado o fracasso dos «dragões» se não existissem (ainda) outras peças a completarem o «puzzle». Exacto: o belíssimo espectáculo dado por Mário e Silvinho, a que se somou o fulgor e a alegria trazidos no bolso de Mário Jorge e imediatamente colocados ao serviço da sua inteligência. Que, amigos, contagiou imediatamente todos os colegas de função: e, assim, a dupla Burkinshaw/Fernando Mendes pode continuar a gabar-se de permanecer invicta desde que tomou as rédeas a um destroçado exército.

●

Porque é obrigatório que se frise bem: este Sporting de agora nada tem a haver com qualquer outro «onze» com a mesma camisola que andou no início do campeonato, salvo aquele fogacho ante o Benfica que tombou do céu apenas para retardar umas semanas a despedida de Manuel José. Hoje, com entusiasmo e vibração, com sentido posicional exacto e alto companheirismo em cada lance, o bloco **verde-branco** surge como uma Fénix renascida. Sábio aproveitamento da irmandade: e, aqui cabe uma palavra de apoio para se reconhecer que ao jovem Fernando Mendes será necessário ganhar serenidade, maturidade e compenetração profissional para voltar a entrar no grande areópago. Dizem, em bastidores bem informados, que também Manuel Negrete andava completamente desmotivado: e estava prestes a concluir o seu contrato, não se aplicava suficientemente nos treinos e tapava a entrada de um outro atleta com maior ambição. Não somos juízes dessa causa: apenas e só poderemos dizer que, tal como se apresentou perante o Porto, este Sporting tem estrutura e estatura. Não é mais a equipa amorfa e retalhada que viajava indiferente sobre os relvados: agora, dá a plena sugestão de estar inteiramente virada para a baliza contrária e sempre decidida a tapar todos os caminhos que possam conduzir até à porta de Vítor Damas.

André versus Manuel Fernandes

Voltando exclusivamente ao duelo na Alameda das Linhas de Torres. Sporting sem Zinho, mas tendo na dupla Mário-Silvinho (bem apoiada por João Luís) uma representação brasileira de fina água, a tentar escamotear a bola aos portistas, porque é dos livros que apenas joga quem está na posse da redondinha. Todavia foi a visita quem dispôs do mais flagrante ensejo para rasgar o branco do «placard', no tal lance em que Madjer chegou um milésimo de segundo atrasado a endosse de ouro, que cruzou toda a dianteira do último risco branco do leão, sem que ninguém lhe tocasse.

Foi então que, amainado o incentivo dos «dragões azuis», saltou para o calor da fogueira a animação vinda da bancada mais jovem dos donos da casa: «Juventude leonina», «Torcida verde», «Força verde», «Norte leonino», «Forza leonina», «Leo boys», tudo a tentar empurrar as suas vedetas para um êxito que logo se palpitou quando Frasco (cabisbaixo e envergonhado como um galgo que tivesse deixado escapar um elefante) se encaminhava mais cedo para o duche do retempero e da reflexão.

Claro que o leão não podia, com toda a afoiteza, ir lá adiante: havia sempre o perigo de Duilio prolongar os dois incríveis falhanços da etapa inicial, de Mliynarczyk continuar com mãos de ferro ou fazendo «mancha» igual à que impediu o despacho eficiente de Manuel Fernandes, de Madjer continuar a trocar mimos com Virgílio e o n.º 5 acabar por vir para a rua, já que tinha conhecido o «icterícia» por «desgaste» durinho em Fernando Gomes. Todavia o maior volume de perigo carrilado pelos sportinguistas até à frontaria nortenha não encontrava expressão numérica: foi preciso o «dragão» estar desfalcado para se suspirar de alívio nas hostes lisboetas.

Aconteceu uma preciosa jogada-raide de Mário Jorge que o britânico Meade se limitou a concluir com o facilidade maior. Depois, Houtman demorou duas vezes a marcar novo tento, mas a «chance» chegou no soberbo endosse de Mário para o esguio holandês. Feio (isso, sim) foi o cobertor de lenços que logo envolveu Alvalade, corroendo ainda mais o ânimo portista que via ficar a léguas o sonhado trono. Mas a multidão tem saídas destas: nem toda a gente pode conter dentro da pele o que lhe vai na alma.

●

Eloi foi rendido por Jaime Magalhães: tudo ficou na mesma, portistas (porém) ainda graças a Juary a estabelecerem uma certa confusão face à portaria do solar, mas também o último reduto azul vivendo de «Mly», porque toda a demais cortina estava rasgada como cetim ante o vendaval. E sucedeu aquela nítida falta sobre Oceano que Rosa Santos não quis que fosse grande penalidade contra os colegas de André, a unidade mais válida de todo o vasto esquadrão das Antas. Mas seria castigado demasiado: o Porto (pobre do Frasco que vai acabar por pagar as favas) retirava a penates com certo desgaste para a tarefa em que vai ser fundamental bem representar todo o nosso futebol, tentando limpar a vergonhosa onda que tem estado ao dispor do bem falante advogado que não nasceu para seleccionador de nada e, para cúmulo, até transporta azar para as equipas que os seus técnicos escolhem. Exacto: arriba, Porto! Que o Dínamo de Kiev é uma etapa dificílima, mas não inultrapassável: perca-se o anel, não se desperdice o dedo. E, agora, ainda que o campeonato tenha mais nove horas até à derradeira decisão e a «Taça» continue ao alcance portista, fundamental poderá ser o voo sobre a Europa. A nível de trono nesta área, a colocação Benfica-Sporting funcionou em pleno: alguém duvida?

Sob direcção do bejense Rosa Santos (que esteve acompanhado por José Manuel e Marcolino Baptista) alinharam:

Sporting: Damas; João Luís, Duílio, Morato e Virgílio (Mário Jorge, aos 5 minutos); Oceano, Mário e Silvinho; e Meade, Houtman e Manuel Fernandes.

FC Porto: Mlinarczik; João Pinto, Lima Pereira, Celso e Inácio; André; Frasco, Eloy (Jaime Magalhães, 72) e Quim; Madjer (Juary, 57) e Gomes.

Cartão amarelo para o sportinguista Virgílio (por carga sobre Gomes) e para Frasco (47), que carregou Virgílio em falta, tendo o jogador portista sido punido instantes depois com o cartão vermelho, por interceptar o esférico com as mãos.

Golos: Meade (59) e Houtman (67).

Sporting: duplo triunfo frente ao Imortal e ao Benfica

Basquetebol

Título mantém-se em "stand by"

Ao perder em Ilhavo com o Illiabum e em Alvalade frente ao Sporting o Benfica foi o grande derrotado da dupla jornada do fim-de-semana ainda que se mantenha a liderança da classificação com 31 jogos e 56 pontos enquanto o FC Porto tem menos um jogo e menos dois pontos. Deste modo, a decisão continua adiada para outra ronda.

Quanto a eventuais atenuantes que se podem considerar relativamente à fracassada jornada benfiquista poderá considerar-se a ausência de José Luís, as lesões sofridas por Guimarães, Lisboa e Henrique Vieira que os impediram do melhor rendimento e a expulsão de José Carlos Guimarães no encontro com os «leões».

Vejamos os resultados dos grupos «A» e «B» e respectivas classificações:

SÉRIE A: Illiabum - Benfica, 73-63; Sporting - Imortal, 78-47; FC Porto - Ovarense, 95-82; Sporting - Benfica, 83-67 e Illiabum - Imortal, 67-56.

Classificação: Benfica, 31 jogos/56 pontos; FC Porto, 30/53; Illiabum e Sporting 30/49; Ovarense, 30/48 e Imortal 31/43.

SÉRIE B: resultados: Sangalhos - Barreirense, 74-78; Sanjoanense - Queluz, 89-69; Beira Mar - Ginásio Figueirense, 98-99; Sangalhos - Queluz, 80-73 e Sanjoanense - Barreirense, 79-60.

Classificação: Queluz, 31 jogos/49; Beira Mar, 30/44; Barreirense, 31/41; Sangalhos e Sanjoanense 30/40 e Ginásio Figueirense 30/34.

Futebol de salão

"Expresso" vence torneio "DL"

A fabulosa turma futebolística do «Expresso» venceu, com todo o merecimento, o torneio de futebol de salão organizado pelo nosso jornal e que durante dois meses constituiu motivo de extraordinária euforia nas bancadas da Tapadinha e do Pavilhão Carlos Lopes. No encontro derradeiro, os «expressos» vingaram perante os rapazes da Travessa da Queimada a derrota que sofreram no torneio «Wilson Brasil», ainda que, apenas no prolongamento, tenham conseguido «violar» as bem guardadas redes de Vítor Cândido. Dois-zero foi o «score» e para apuramento dos 3.º e 4.º lugares o «DL» cuidou de ser gentil para com o DN/Foot não jogando com quatro titulares e daí que tenhamos consentindo quatro golos sem nada marcar. Hoje, no Páteo Alfacinha, jogaremos no petisco e na confraternização que caracterizou todo o torneio. Taças para todos os clubes e medalhas para os intervenientes: amanhã falaremos disso.

BENFICA: PARA CIMA, TODOS AJUDAM

● *Bloco 2: Espinho impecável, Covilhã mais primeiro, Setúbal e Amadora continuam na luta*

Foi escassa a marcação de tentos: nesta ronda (a 24.ª) do campeonato de futebol da mais alta instância lusa, somente 17 remates acertaram na rede. O «placard» ficou assim: Chaves - V. Guimarães, 1-1; Portimonense - Marítimo, 1-0; Rio Ave - Benfica, 0-2; Belenenses - Varzim, 4-1; Salgueiros - Elvas, 3-1; Sporting - FC Porto, 2-0; Académica - Farense, 1-0 e Braga - Boavista, 0-0.

Atiradores certeiros

O brasileiro Paulinho Cascavel (Vitória de Guimarães) ficou a dois golos do líder dos melhores marcadores do campeonato, o portista Fernando Gomes. Após uma jornada em que se marcaram 17 golos, a lista dos melhores marcadores (cumpridas 24 jornadas) é a seguinte: 1.º Gomes (FC Porto), 20 golos; 2.º P. Cascavel (V. Guimarães), 18;3.º Meade (Sporting), 15;4.º M. Fernandes (Sporting), 13; 5.ºs Jorge Andrade (Farense), Mapuata (Belenenses) e Rui Águas (Benfica), 12; 8.º Mladenov (Belenenses), 10; 9.ºs Radi (Chaves), Jorge Silva (Chaves) e Jaime (Belenenses), 8 golos.

Divisão 2

Jogou-se a 24.ª cartada do campeonato nacional do 2.º escalão. Desfechos:

ZONA NORTE: Aves - Gil Vicente, 1-1; P. Ferreira - Lourosa, 1-2; Espinho - Bragança, 4-0; Tirsense - Penafiel, 1-0; Leixões - Lixa, 0-0; Trofense - Felgueiras, 1-1; Vizela - Famalicão, 1-0; e Fafe -Freamunde, 0-1.

	J	V	E	D	G	P
1.º ESPINHO ...	**24**	**14**	**4**	**6**	**45-16**	**32**
2.º Gil Vicente ..	24	11	7	6	26-18	29
3.º Penafiel	24	9	10	5	31-22	28
4.º Fafe	24	9	8	7	28-18	26
5.º Leixões	24	7	12	5	20-20	26
6.º Vizela	24	8	10	6	22-21	26
7.º Freamunde ..	24	11	2	11	30-25	24
8.º Tirsense	24	8	7	9	25-28	23
9.º Famalicão ...	24	7	8	9	20-22	22
10.º Felgueiras ...	24	5	12	7	28-24	22
11.º Aves	24	8	6	10	30-30	22
12.º Bragança	23	8	5	10	22-43	21
13.º Trofense	24	7	7	10	27-38	21
14.º P. Ferreira ...	24	8	4	12	28-35	20
15.º Lixa	24	6	8	10	18-28	20
16.º Lourosa	23	7	6	10	21-33	20

Próxima jornada: Freamunde - Aves; Gil Vicente - P. Ferreira; Lourosa - Espinho: Bragança - Tirsense; Penafiel - Leixões; Lixa - Trofense; Felgueiras - Vizela e Famalicão - Fafe.

ZONA CENTRO: Covilhã -Torriense, 1-0; U. Leiria - U. Almeirim, 1-0; Ac. Viseu - Mirense, 2-1; Águeda - Beira Mar, 1-1; Estarreja - U. Coimbra, 3-2; Est. Portalegre - Marinhense, 6-0; Peniche - Mangualde, 2-0; e Feirense -Guarda, 2-1.

	J	V	E	D	B	P
1.º COVILHÃ	24	15	8	1	32-12	38
2.º Feirense	24	13	5	6	35-24	31
3.º Beira-Mar	24	12	6	6	48-23	30
4.º Estarreja	24	10	6	8	36-25	26
5.º Águeda	24	10	5	8	36-24	25
6.º Peniche	24	9	6	9	25-32	24
7.º U. Coimbra	24	9	5	10	32-33	23
8.º Torriense	24	6	11	7	26-24	23
9.º U. Leiria	24	9	5	10	24-30	23
10.º Ac. Viseu	24	9	5	10	23-23	23
11.º Marinhense	24	9	4	11	26-35	22
12.º Mirense	24	9	4	11	29-36	22
13.º Mangualde	24	7	5	12	27-42	19
14.º U. Almeirim	24	8	3	13	20-39	19
15.º Est. Portalegre .	24	8	3	13	33-33	19
16.º Guarda	24	5	5	13	24-41	15

Nova ronda: Covilhã-Torrense, U. Leira-U. Almeirim, Ac. Viseu-Mirense, Águeda-Beira-Mar, Estarreja-U. Coimbra, E. Portalegre-Marinhense, Feirense e Guarda Peniche

ZONA SUL: Montijo - Barreirense, 1-1; Lusitânia - Piedade, 1-0; Oriental - Atlético, 0-1; Nacional - Esp. Lagos, 1-0; Olhanense - U. Sant. Cacém, 1-0; Estoril - U. Madeira, 1-0; E. Amadora - V. Setúbal, 1-1; e Samora Correia - Sacavenense, 1-0.

	J	V	E	D	B	P
1.º V. Setúbal	24	15	6	3	41-15	36
2.º E. Amadora	24	12	8	4	33-17	32
3.º Estoril	24	9	10	5	18-15	28
4.º Montijo	24	9	9	6	34-31	27
5.º Esp. Lag.	24	9	8	7	28-24	26
6.º Olhanense	24	6	14	4	29-31	26
7.º U. Madeira	24	9	7	8	38-27	25
8.º Sacavenense	24	7	11	6	20-22	25
9.º Atlético	24	9	6	9	28-31	24
10.º Nacional	24	7	9	8	33-24	23
11.º C. Piedade	24	7	7	10	36-48	21
12.º Barreirense	24	7	7	10	35-33	21
13.º Lusitânia	24	6	8	10	23-37	20
14.º Oriental	24	5	8	11	17-26	18
15.º Sant. Cacém	24	4	9	11	19-39	17
16.º Sam. Correia .	24	3	9	12	16-28	15

A seguir: Sacavenense - Montijo; Barreirense - Lusitânia; C. Piedade - Oriental; Atlético - Nacional; Esp. Lagos - Olhanense; U. Sant. Cacém - Estoril; U. Madeira - Est. Amadora; e V. Setúbal - Samora Correia.

Divisão 3

Prosseguiu o torneiro da 3.ª divisão. Resultado na Série A: Vieira - Merelinense, 1-0; Ponte da Barca - Amares, 2-1; Delães - Limianos, 2-1; Vianense - Moreirense, 3-0; Macedo Cavaleiro - Neves, 2-1; Vinhais - Valdevez, 5-2; Esposende - Valpaços, 2-1; e Santa Maria - Joane, 1-1. Líder. Vianense tem 33 pontos.

Série B: Valonguense - Paivense, 1-0; Pedrouços - Cesarense, 0-0; Amarante - Ol. Douro, 10-1; Ermesinde - Ovarense, 4-1; Paredes - Marco, 3-1; Lousada - Leça, 2-1; U.Lamas - Vila Real, 0-1; e São Martinho - Infesta, 1-0. Líder: Marco, 35.

Série C: Naval - Tondela, 2-0; Gouveia - Tabuense, 0-0; Marialvas - Oliverense, 4-1; Anadia - Luso, 1-0; Mealhada - Ol.Bairro, 1-0; Oliveirinha - Seia, 3-2; Ol.Hospital - Belmonte, 3-1; e Santacombadense - Viseu e Benfica, 1-1. Líder: Oliveira do Bairro e Marialvas, 35.

Série D: Alcains - Bombarralense, 1-2; Eléctrico - Ferrel, 2-1; Caldas - Portalegrense, 2-0; Mirandense - Nazarenos, 2-2: Alcobaça - Lousanense, 2-0; Paroquial Fátima - Marrazes, 2-1; U.Santarém - Benf. Castelo Branco, 4-0; e Guiense - Usseira, 1-0. Líder: União de Santarém e Caldas, 36 pontos.

Série E: Vilafranquense - Santa Iria, 2-1; Santa Clara - Cartaxo, 3-0; Sintrense - Cacém, 1-0; Ol.Moscavide - C.Caparica, 1-2; Fronteirense - Lisboa Olivais, 0-1; Campomaiorense - Praiense, 1-1; Odivelas - Vialonga, 1-1; e Quimigal - Vitória, 1-0. Líder: Olivais e Moscavide, C.Caparica e Santa Clara, 32.

Série F: Piense - Sesimbra, 3-2; Lusitano - Seixal, 2-1; Vasco da Gama - Silves, 2-1; Louletano - Alvorense, 4-1; Quarteirense - Campinense, 1-3; Reg. Monsaraz - Juventude, 1-3; Amora - Moura, 0-0; e Torralta - Imortal, 1-0. Líder: Silves e Louletano, 34 pontos.

JUNIORES: NACIONAL

O Sporting assumiu o comando da zona sul do campeonato nacional de futebol de juniores, ao vencer (na Luz) o Benfica (anterior líder) por 4-1, em jogo da 8.ª jornada da segunda fase da competição. Por seu lado, o FC Porto (guia incontestado da Zona Norte) cedeu o 1.º ponto na 2.ª fase, ao empatar (0-0) na deslocação a Vila Nova de Famalicão. resultados da ronda e classificações nos dois blocos:

Zona Norte: Braga — Beira-Mar, 4-2; Boavista — União de Coimbra (adiado devido ao mau tempo) e Famalicão — Porto, 0-0; Classificação: 1.º FC Porto, 15 pontos; 2.º Braga, 11; 3.º Boavista, 8 (menos um jogo); 4.º Famalicão, 5; 5.º União de Coimbra, 4 (menos um jogo) e **6.º Beira** Mar, 1.

Zona Sul: Barreirense — Académica, 2-2; Torralta — União de Leiria, 0-1 e Benfica — Sporting, 1-4. Classificação: 1.º Sporting, 13 pontos; 2.º Benfica, 12; 3.º Barreirense, 5; 4.ºs Torralta e Académica, 4 e 6.º União de Leiria, 2.

INICIADOS: «TAÇA»

A Taça de Portugal (categoria de iniciados) teve a sua jornada inaugural, na qual se verificaram os seguintes resultados na Série A: Chaves-Braga, 2-1; Guimarães-Ponte da Barca, 6-0. Série B: Freamunde-FC Porto, 0-0; Lamego-Torre Moncorvo 4-0. Série C: Beira- Mar-Lourosa, 0-1; Boavista-União de Coimbra, 2-1. Série D: Sabugal-Mangualde, 3-2; Guarda-Covilhã, 1-3. Série E: Ferroviários-Caldas, 3-0; Académica-Marrazes, 5-0. Série F: Elvs-Cartaxo, 1-2; Benfica-Estrela Amadora, 3-1. Série G: Almada-Olivais e Moscvide, 1-2; Sporting-Setúbal, 4-1. Série H: Beja-Portimonense, 2-0; Salesianos-Marítimo Olhanense, 0-3.

Classificação

	J	V	E	D	G	P
1.º BENFICA	**24**	**18**	**5**	**1**	**45-19**	**41**
2.º FC Porto	24	15	6	3	53-19	36
3.º V. Guimarães	24	12	10	2	38-17	34
4.º Sporting	24	13	6	5	41-21	32
5.º Chaves	24	10	6	8	30-33	26
6.º Varzim	24	7	11	6	18-20	25
7.º Belenenses	24	11	3	10	42-29	25
8.º Académica	24	6	9	9	19-27	21
9.º Portimonense	24	7	7	10	20-38	21
10.º Boavista	24	6	9	9	25-28	21
11.º Marítimo	24	7	5	12	24-34	21
12.º Salgueiros	24	5	9	10	19-34	19
13.º Braga	24	7	4	13	22-28	18
14.º Rio Ave	24	5	8	11	23-34	18
15.º Sp. Farense	24	4	7	13	23-37	15
16.º «O Elvas»	24	3	7	14	15-39	13

Próxima jornada: Boavista-Chaves (0-1 na 1.ª volta); V. Guimarães-Rio Ave (2-1); Benfica-Salgueiros (1-1); «O Elvas»- Académica (1-1); Farense-Portimonense (2-3); Marítimo-Belenenses (0-1); Varzim-Sporting (0-3) e FC Porto-Braga (1-0).

Totobola
O "treze"

Rio Ave - Benfica	2
Sporting - Porto	1
Chaves - Guimarães	X
Salgueiros - Elvas	1
Académica - Farense	1
Portimonense - Marítimo ..	1
Belenenses - Varzim	1
Braga - Boavista	X
Aves - Gil Vicente	X
Tirsense - Penafiel	1
Águeda - Beira Mar	X
Oriental - Atlético	2
E. Amadora - V. Setúbal .	X

Totoloto

7, 9, 12, 14, 21 e 37 + 41

Totobola
A NOSSA APOSTA

Concurso n.º 15/87
12 Abril 87

Benfica-Salgueiros	1
Porto-Braga	1
Boavista-Chaves	1
Guimarães-Rio Ave	1
Elvas-Académica	1
Farense-Portimonense	1
Marítimo-Belenenses	1
Varzim-Sporting	2
Lourosa-Espinho	2
Famalicão-Fafe	1
Mangualde-Covilhã	X
Marinhense-Feirense	2
U. Madeira-E. Amadora	X

Restelo: varzinistas travados por um Belenenses perfeitamente oleado em todas as junções

Lisboa: distrital

Desenrolou-se a 23.ª etapa do campeonato lisboeta de seniores. Resultados na **Série A**: Fanhões-MTBA, 4-1; Monte Agraço-Carregado, 1-1; Malveira-Alhandra, 2-0; Pêro Pinheiro-Ponte de Frielas, 4-1; Loures-Povoense, 5-0; Ericeirense-Livramento, 2-2; e Lourinhanense-Alverca, 0-0. **Série B**: Algés-Cascais, 8-0; Charneca-Camarate, 0-0; 1.º Dezembro-Massamá, 0-0; Futebol Benfica-Queluz, 1-0; Casa Pia-Palmense, 1-0; Cruzeiro-Unidos, 1-1; e Operário/«CM»-Musgueira, 2-2.

Matateu: o regresso às origens

Matateu, o antigo goleador do Belenenses, vai deslocar-se a Moçambique no próximo mês, para participar nas comemorações do 70.º aniversário do «Primeiro de Maio», clube onde nasceu para o futebol.

Hóquei em patins

Benfica fora da Europa

A jornada europeia foi dominada pela esmagadora derrota sofrida pelos comandados de Jorge Vicente (Benfica) que perante os pupilos de Cristiano (FC Porto) baquearam pela contundente marca de 13-1, ficando irremediavelmente afastados da corrida para o título europeu.

Para a Taça das Taças, defrontaram-se o Óquei de Barcelos e a Sanjoanense em jogo efectuado em Barcelos, e que terminou com o «nulo» a três golos, deixando antever o favoritismo para a turma de S. João da Madeira.

Pra a Taça CERS o Sporting deslocou-se a Espanha e perdeu perante o Piera — que recentemente eliminara o Sp. Tomar em jogo a contar para a mesma competição — por 3-1, margem que parece facilmente superável no jogo que terá lugar em Alvalade.

O jogo das Antas

Ao intervalo, os portistas venciam já por 5-1.

O FC Porto, detentor do título europeu e campeão nacional, realizou uma exibição de luxo, dominando os benfiquistas desde o início e acabando por construir um resultado à partida impensável.

Os azuis e brancos entraram a jogar a toda a força, na tentativa de resolverem rapidamente o encontro, enquanto os benfiquistas se limitaram a sacudir, o melhor que podiam, a pressão dos locais, objectivo que nunca conseguiram alcançar.

A segunda parte começou da melhor forma para o FC Porto, que marcou o seu 6.º golo logo após o recomeço, embalando então para a goleada que transforma a viagem a Lisboa praticamente num «passeio».

Os encarnados, por sua vez, renderam-se ao hóquei de grande nível praticado pelo seu adversário e só as boas exibições realizadas quer por Chambel quer pelo seu substituto Vítor Silva impediram que o resultado fosse mais dilatado.

Sobre a arbitragem do espanhol Afonso Mestres, as equipas alinharam e marcaram:

FC Porto: Franklin (Domingos); Realista (3), Alves, Vítor Bruno (3), Vítor Hugo (4), Tó Neves (2), Domingos Carvalho (1) e Castanheira.

Benfica: Chambel (Vítor Silva); Vítor Rosado, Leste (1), Fanã, João Carlos, Garção e Garrido.

Quadro de resultados

O quadro completo dos resultados da primeira «mão» dos jogos das diversas competições europeias de hóquei em patins disputadas este fim-de-semana é o seguinte:

Taça dos Campeões Europeus: Dennemberg (Holanda) - Sohthsea (Inglaterra), 12-4; Liceu da Corunha (Espanha) - Montreux (Suíça), 10-1; FC. Porto (Portugal) - Benfica (Portugal), 13-1 e Vercelli (Itália)) - Coutras (França), 11-0

Taça das Taças: Barcelona (Espanha) - Lichstaad (Holanda), 11-3; Barcelos (Portugal) - Sanjoanense (Portugal), 3-3; Darmstaad (França) - Thuernstern (Suíça), 9-2 e Vendeme (França) - Novara (Itália), 3-9.

Taça CERS: Noia Freixenet (Espanha) - Raamstad (RFA), 12-3; Piera (Espanha) - Sporting (Portugal), 3-1; Pordenone (Itália) - Tordera (Espanha), 4-4 e Gazinentte (França) - Lodi (Itália), 1-9.

A segunda «mão» disputa-se no próximo sábado.

Ciclismo

Louletano pedala mais forte

Paulo Duque Silva, do Louletano, venceu a prova de ciclismo «Café Concerto», disputada em Fontanelas, na distância de 93 quilómetros.

O vencedor percorreu a distância em 2 horas e 37 minutos, à média de 35,541 km/hora, batendo no 'sprint» final Carlos Santos, do Torreense, e Marco Chagas, do Sporting, respectivamente segundo e terceiro classificados.

Por equipas venceu o Torreense.

A prova, para seniores e profissionais, foi disputada por 61 corredores, entre eles os das equipas profissionais do Sporting, Torreense, Louletano e um ciclista do Boavista, Alexandre Ruas.

Todos com os mesmo tempo do vencedor, os 10 primeiros foram: 1.º Paulo Duque, Louletano; 2.º Carlos Santos, Torreense; 3.º Marco Chagas, Sporting; 4.º Fernando Fernandes, Torreense; 5.º Carlos Nunes, Torreense; 6.º António Fernandes, Torreense; 7.º Jorge Corvo, Louletano; 8.º Benjamim Carvalho, Louletano; 9.º Serafim Vieira, Sporting; 10.º José Nicolau, Bombarralense.

Iam Smith vence no Milharado

O inglês Iam Smith (Louletano) venceu a prova «Cultura e Desporto da Charneca do Milharado) ao cobrir a distância de 96 quilómetros no tempo de 2 h.44 m. 1 segundos. Nas posições imediatas classificaram-se Raul Matias (Tavira) e Joaquim Carvalho (Feirense). Por equipas triunfou o Louletano.

Cadetes: Prova C.M.Alpiarça

Miguel Santos, do Grupo Desportivo de Peniche, venceu a prova de ciclismo da Câmara Municipal de Alpiarça, para cadetes.

O vencedor gastou 1 hora, 28 minutos e 59 segundos para cumprir os 58 quilómetros da prova, com partida e chegada a Alpiarça.

No segundo e terceiro lugares, com o mesmo tempo do vencedor, classificaram-se, respectivamente, Paulo Martins e Nuno Sabido, ambos do Mato Cheirinhos, clube que venceu por equipas, seguido do Grupo Desportivo de Peniche e do Fervil.

Juniores: «GP de Loures

António Silva, do Travanca, venceu o Grande Prémio de Loures para ciclistas juniores, ao triunfar na última das três etapas da prova. Em 2.º lugar terminou Joaquim Andrade, também do Travanca, clube que triunfou colectivamente, e o 3.º classificado foi Orlando Rodrigues, do Lousa.

O Grande Prémio, organizado pela Câmara Municipal de Loures e pelo Grupo Desportivo Lousa, reuniu 45 ciclistas juniores, em representação de dez clubes.

Atletismo

SPORTING VENCEU "CASCAIS-LISBOA"

O Sporting venceu pela quarta vez consecutiva a estafeta Cascais-Lisboa estabelecendo um novo recorde da prova, ao cobrir os 24.700 metros do percurso em 1 hora, 6 minutos e 42 segundos.

A equipa principal do Sporting, formada por Mário Silva, Joaquim Pinheiro, Fernando Mamede e os gémeos Dionísio e Domingos Castro, comandou a prova desde o início, tirando um minuto e 23 segundos ao anterior recorde da competição, que já pertencia aos «leões» desde 1985 (1.08,25).

O triunfo obtido foi a 34.ª vitória do Sporting nas 53 edições da clássica Cascais-Lisboa, que começou a disputar-se em 1933.

Em segundo lugar, ficou a formação principal do Benfica, integrada por Rafael Marques, João Campos, Luís Horta, Fernando Couto e António Leitão, que terminaram a 32 segundos dos sportinguistas, batendo também o anterior recorde da prova.

Na terceira e quarta posições terminaram as equipas «B» do Sporting e do Benfica, respectivamente.

Classificação final: 1.º Sporting «A», 1.06,42 horas; 2.º Benfica «A», 1.07,14; 3.º Sporting «B», 1.09,24; 4.º Benfica «B», 1.09,52; 5.º Belenenses, 1.11,30; 6.º Selecção de Aveiro, 1.12,03; 7.º Selecção Porto, 1.12,34; 8.º Núcleo de Atletismo de Odivelas, 1.13,09; 9.º Centro de Atletismo de Campolide, 1.14,13 e 10.º Primeiro de Maio de Agualva, 1.14,36.

Olivais Sul: títulos em «marcha»

O Olivais Sul sagrou-se campeão nacional, masculino e feminino, de marcha atlética, nos sextos campeonatos da modalidade por equipas realizados no Estádio Nacional.

A equipa masculina do Olivais Sul triunfou sobre o favoritismo do Belenenses, segundo classificado, enquanto o Benfica, campeão na época passada, foi terceiro classificado.

Na competição feminina, o Olivais Sul destronou a equipa do Oriental, este ano segunda classificada.

Os campeonatos foram disputados por cerca de uma centena de atletas, e constituíram uma das maiores manifestações da modalidade até hoje realizadas no País.

Na classificação final por equipas, as três primeiras foram: **Masculinas:** 1.º Olivais Sul 47 pontos; 2.º Belenenses 40 pontos; 3.º Benfica 22 pontos. **Femininas:** 1.º Oliviais Sul 37 pontos; 2.º Oriental, 30 e 3.º C.A. Galinheiras 20.

Nas marcas individuais salientou-se a queda do recorde nacional na categoria de infantis (masculinos), em que o anterior recordista, Nuno Flores, do Belenenses, melhorou a sua própria marca, fixando-a em 4.46, 2 minutos.

O vencedor da prova masculina de seniores, José Urbano, do Olivais Sul, ficou entretanto a um escasso segundo e meio do máximo nacional dos 10.000 metros, que pertence a José Pinto, do Belenenses.

Vencedores individuais: **Infantis** (1.000 metros): Nuno Flores, Belenenses, 4.46,2 e Carla Silva, Olivais Sul, 5.10,1; **Iniciados** (3.000): Amilcar Dias, Belenenses, 14.21,7 e Helena Pombo, individual, 16.43,3; **Juvenis:** Vítor Almeida, Olivais Sul, 24.07,4 (5.000 metros) e Ana Claúdia, Belenenses, 15.52,3 (3.000 metros); **Jniores:** (10 000): João Amaral, CDUL, 48.44,3 e Paula Marques, Oriental, 30.45,8 (5.000 metros); **Seniores:** 10 000): José Urbano, Olivais Sul, 41.22,0 Anabela Aires, CPMA, 26.27,5 (5 000 metros).

Canário: «canta» triunfo

Ezequiel Canário venceu o crosse Pradelle, na distância de 9 600 metros, disputado em Lozzo di Cadore, a 70 quilómetros de Veneza, cobrindo a distância em 29 minutos, 55,7 segundos, à frente do italiano David Bergamini, 30.46,2, e do francês Paul Arpin, 30.58,8.

Lúcio Pereira, que também alinhou à partida, desistiu a meio do percurso.

Ténis de mesa: campeonatos nacionais

No pavilhão de Vila Nova de Gaia realizaram-se os campeonatos nacionais individuais e de pares, cujos principais vencedores foram o Sporting, Casa Pia, FC Porto, Estrela da Amadora, Kapas, Azambuja, Palmeiras do Montijo e Moscavide. Os dois títulos principais foram alcançados por Pedro Miguel (sem oposição nenhuma) e por Mónica Salgado (com uma prova bastante equilibrada).

As classificações foram as seguintes:

●

PROVAS MASCULINAS — Seniores: 1.º Pedro Miguel (Sporting); 2.º João Portela (Sporting); 3.º Paulo Fernandes (E. Amadora); 4.º Nuno Dias (Sporting); Juniores: 1.º Ricardo Sedas (Sporting); 2.º Luís Dias (E. Amadora); 3.º Jorge Salvador (E. Amadora); 4.º José Carvalho (8 de Janeiro). Cadetes: 1.º Nélson Rocha (FC Porto); 2.º Artur Silva (S. Roque do Funchal); 3.º João Rosendo (Sp. Caldas); 4.º Rui Pedro (Arrudense). Veteranos: 1.º José Louro (C. Pia); 2.º João Oliveira (C. Pia); 3.º Carlos Picado (Sporting); 4.º Arménio Pinto (P. d'Arcos). Pares seniores: 1.º Portela/Miguel (Sporting); 2.º Dias/Sedas (Sporting); 3.º Alvoeiro/Pedro (Benfica); 4.º Silva/Jorge (SPN). Pares juniores: 1.º Dias/Salvador (E. Amadora); 2.º Varandas/Vieira (8 de Janeiro); 3.º, Romão/Carvalho (8 de Janeiro); 4.º Cavalheiro/Tentúgal (CPN). Pares cadetes: 1.º Rocha/Garcia (FC Porto); 2.º Coelho/Manuel (CNIDH); 3.º Rosendo/Bernardo (Sp. Caldas); 4.º Pereira/Viegas (Cultural das Antas). Pares veteranos: 1.º Louro/Cabral (C. Pia); 2.º Picado/Gonçalves (Sporting); 3.º Pinto/Maia (P. d'Arcos) 4.º Catarino/Oliveira (C. Pia).

●

PROVAS FEMININAS — Seniores; 1.ª Mónica Salgado (C. Pia); 2.ª Odete Cardoso (E. Amadora); 3.ª Manuela Miranda (Moscavide); 4.ª Olga Meneses (C. Pia). Juniores: 1.ª Margarida Lopes (Azambuja); 2.ª Luísa Lopes (Sp. Caldas); 3.ª Liliana Chaves (Moscavide); 4.ª Natividade Sedas (E. Amadora). Cadetes: 1.ª Isaura Amorim (Kapas); 2.ª Alexandra Filipe (FC Porto); 3.ª Cidália Cristeto (C. Pia); 4.ª Inês Louro (Kapas). Pares seniores: 1.º L. Reis/A. Pereira (Palmeiras); 2.º A. Fernandes/M. Salgado (C. Pia); 3.º C. Alves/B. Campos (E. Amadora); 4.º O. Cardoso/A. Plácido (E. Amadora). Pares juniores: 1.º L. Chaves/E. Pereira (Moscavide); 2.º P. Mendonça/M. Lopes (Azambuja); 3.º N. Sedas/C. Cardoso (E. Amadora); 4.º M. Alexandra/H. Reis (C. Pia). Pares cadetes: 1.º I. Amorim/S. Oliveira (Kapas); 2.º A. Filipe/D. Rute (FC Porto); 3.º S. Marques/C. Cristeto (P. d'Arcos); 4.º I. Louro/S. Louro (Kapas).

●

PARES MISTOS — Seniores: 1.º P. Fernandes/O. Cardoso (E. Amadora); 2.º P. Miguel/A. Fernandes (Sporting/Casa Pia); 3.º J. Carlos/C. Borges (Mirandela); 4.º J. Portela/M. Salgado (Sporting/C. Pia). Juniores: 1.º R. Sedasd/P. Mendonça (Sporting/Azambuja); 2.º N. Ribeiro/L. Lopes (Sp. Caldas); 3.º R. Alfar/S. Mendes (Benfica/Moscavide); 4.º J. Miguel/M. Alexandra (C. Pia). Cadetes: 1.º N. Rocha/A. Filipe (FC Porto); 2.º P. Silva/I. Amorim (E. Amadora/Kapas); 3.º N. Reis/S. Marques (C. Pia); 4.º R. Pedro/I. Louro (Arrudense/Kapas).

Bracarenses com «manitas de plata» não cedem terreno e em Alvalade mostraram porque ocupam a liderança da tabela

Andebol

Bracarenses com "manitas de ouro"

A 5.ª jornada da fase final do campeonato nacional de andebol foi caracterizada pela esmagadora derrota do Sporting (no seu recinto) perante os bracarenses treinados pelo professor António Cunha e pelo triunfo averbado pelo FC Porto no Pavilhão do SLB. Destaque ainda para o primeiro triunfo da turma belenense (parabéns Acácio Rosa!) obtida no Restelo, frente ao Clube TAP, o qual em cinco encontros realizados conta com igual número de derrotas.

Com esta vitória, o ABC de Braga continua a ser o principal favorito quanto à conquista do título, ainda que os «dragões» teimem em não abdicar da corrida somando apenas dois pontos menos do que os bracarenses.

No grupo «B», a relevância é merecida pelo S. Mamede, que venceu claramente a Sanjoanense por 27-19. Quanto ao Vitória de Setúbal não teve dificuldade em derrotar o Salgueiros e lidera a pauta classificativa com mais seis pontos do que o trio formado pela Sanjoanense, Salgueiros e Académico.

Vejamos os resultados e respectivas classificações:

Grupo A: Sporting - ABC, 13-22; Benfica - FC Porto, 22-25, e Belenenses - Clube TAP, 31-21.

	J	V	E	D	P
1.º ABC Braga	5	5	—	—	15
2.º FC Porto d.	5	4	—	1	13
3.º Sporting	5	3	—	2	11
4.º Benfica	5	2	—	3	9
5.º Belenenses	5	1	—	4	7
6.º Clube TAP	5	—	—	5	5

Grupo B: Vitória - Salgueiros, 28-19; S. Mamede - Sanjoanense, 27-19 e Académico - Boa-Hora, 26-19.

	J	V	E	D	P
1.º Vitória	5	5	—	—	15
2.º Sanjoanense	5	2	—	3	9
3.º Salgueiros	5	2	—	3	9
4.º Académico	5	2	—	3	9
5.º Boa-Hora	4	2	—	2	8
6.º S. Mamede	4	1	—	3	6

A selecção parte para Espanha

Parte hoje, para Espanha, a selecção nacional de seniores masculinos, que até ao próximo dia 15 disputará em Alcaladenares, um torneio com três equipas da Divisão de Honra, espanholas. A comitiva portuguesa inclui os seguintes elementos: Américo Ramalhete (chefe de delegação); Manuel Manita (seleccionador/treinador principal), Manuel de Sousa (treinador adjunto), dr. Pereira de Castro (médico), João Nunes (massagista), e os jogadores: Alexandre Barbosa, Figueiredo, Jorge Rodrigues, José Luzia, Luís Graça e Rui Manuel Ferreira (Académico de Braga), Armando Jorge, José Pires, Tó Leite e Rodrigo (FC Porto), Carlos Silva e Sérgio (Sporting), João Gonçalves, Santa Bárbara, Luís Lopes e Mário Gentil (Benfica) e José Cabaço (TAP).

Modalidades

Râguebi: derrota lusa

A selecção portuguesa de râguebi foi «cilindrada» sábado pela do Zimbabwe, por 35-9.

O desnível do resultado traduz fielmente a superioridade dos zimbabweanos sobre a equipa portuguesa, em digressão pelo Zimbabwe, dominando em todos os sectores e praticando um râguebi esclarecido e ofensivo.

Quarta-feira, Portugal defronta um misto do distrito de Mashonaland e no sábado joga em Harare, novamente com a selecção zimbabweana.

Voleibol: Portugal conquista Torneio das Quatro Nações

Portugal conquistou o Torneio das Quatro Nações, de voleibol masculino, disputado em Nafels (Suíça), ao vencer a Áustria por 3-0 na terceira e última jornada da competição, com os parciais de 15-7, 15-10 e 15-6.

Portugal, que na véspera havia derrotado a Suíça por 3-1, somou duas vitórias e uma derrota nos três encontros efectuados, tendo a Noruega sido segunda classificada, seguida da Suíça e da Áustria.

Canoagem: Crestuma renova título

O Clube Náutico de Crestuma conquistou pela terceira vez consecutiva o título nacional de canoagem por equipas, ao vencer aquela prova disputada em Melres, Gondomar, com um total de 1264 pontos.

O Vila do Conde Kayak Clube foi 2.º classificado, com 681 pontos, seguido do Estrela de Santo André, com 659. O Clube Náutico do Prado e o Clube Fluvial Vilacondense ocuparam os lugares imediatos, com 488 e 465 pontos, respectivamente.

Participaram nas oito provas um total de 203 praticantes em representação de 17 clubes.

Sindicato dos Correios discute adesão à CGTP

O presidente do Sindicato Nacional dos Trabalhadores dos Correios e Telecomunicações (SNTCT), Jorge Martins, defendeu, no sábado, a adesão desta organização à CGTP-Intersindical Nacional.

Em declarações à Lusa, no final de um plenário nacional de trabalhadores dos CTT que decorreu em Coimbra, Jorge Martins considerou que «o reforço da CGTP é determinante para a defesa da democracia e das classes trabalhadoras».

Na sua perspectiva, a possível adesão do SNTCT, que agrupa 18 500 associados, «permitirá lutar contra a retirada de direitos e regalias dos trabalhadores dos CTT».

O processo proposto pela direcção sindical para decidir sobre esta questão dominou a ordem de trabalhos do plenário de Coimbra, em que participaram cerca de 350 trabalhadores.

A proposta sindical aponta para a realização de uma votação por voto directo e secreto em todos os locais de trabalho, prevista para 5 de Maio, e considerada «como único meio de permitir a participação de todos os trabalhadores».

«Pugnamos por uma profunda democracia interna e daí a nossa preferência pelo voto directo e secreto em vez de um plenário de associados com poder deliberatório» — acrescentou Jorge Martins.

Desde 1978 que as sucessivas direcções deste sindicato inscrevem no seu programa a promessa de desencadear o processo de adesão à CGTP-IN, o que até à data não se verificou.

Sindetex quer redução do horário de trabalho

A abolição imediata do trabalho ao sábado e o máximo de 40 horas semanais nos horários diurnos e 35 nos nocturnos, foram reivindicações aprovadas no terceiro congresso do sindicato democrático dos têxteis, que se realizou no fim-de-semana no Porto.

O caderno reivindicativo aprovado por unanimidade inclui a redução da idade de reforma para os 60 anos e o pagamento do subsídio de doença em todo o período de baixa e num mínimo de 74 por cento do salário.

O Sindetex, afecto à UGT, exige a revogação da lei dos contratos a prazo e defende a obrigatoriedade de as empresas procederem à cobrança das quotizações sindicais sempre que os trabalhadores o solicitem, e ainda a criação de um organismo de gestão tripartida que coordene e fomente a construção de habitações sociais.

COTAÇÕES CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

COTAÇÕES DE NOTAS	(Por Unidade) COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	53$30	59$30
ALEMANHA FED. (marco)	76$35	77$55
ÁUSTRIA (xelim)	10$85	11$05
BÉLGICA (franco)	3$484	3$734
BRASIL (cruzado)	3$700	6$200
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	106$00	108$50
(notas de 5 a 1000)	106$50	109$00
DINAMARCA (coroa)	20$20	20$60
ESPANHA (peseta)	1$060	1$180
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	138$75	142$25
(notas de 5 a 1000)	139$25	142$75
FINLÂNDIA (marka)	31$20	31$80
FRANÇA (franco)	22$95	23$65
HOLANDA (florim)	67$65	68$75
IRLANDA (libra)	204$55	208$55
ITÁLIA (lira)	$097	$112
JAPÃO (iene)	$909	$964
NORUEGA (coroa)	20$35	20$85
REINO UNIDO (libra)	224$90	229$40
SUÉCIA (coroa)	21$90	22$40
SUÍÇA (franco)	91$60	93$10
VENEZUELA (bolívar)	5$60	6$60

OBSERVAÇÕES:

1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.

2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.

Empresários denunciam trabalho clandestino

CORTIÇA EM TERCEIRO LUGAR NAS EXPORTAÇÕES PORTUGUESAS

Portugal é o maior produtor mundial de cortiça, com 52 por cento da produção total, à frente da Espanha que detem 25 por cento e dos países do Norte de África, designadamente a Argélia, Tunísia e Marrocos, que em conjunto produzem o restante.

Nos anos mais favoráveis à produção nacional de cortiça, Portugal chega a atingir 178 mil toneladas, sendo de notar que a produção anual média mundial não vai além das 330 mil toneladas.

Num valor global de cerca de 300 milhões de contos, resultante de todos os sectores produtivos exportados, a cortiça representa entre 11 a 12 por cento desse valor.

Em termos de exportação, os têxteis ocupam o primeiro lugar, o calçado está na segunda posição e a cortiça aparece em terceiro, à frente dos vinhos, incluindo o vinho do Porto.

Deve, contudo, notar-se que as indústrias têxteis e de calçado estão dependentes da importação de matéria-prima e componentes, enquanto que a indústria corticeira se basta a si própria em termos de matéria-pria produzida no país.

Trabalho infantil

O principal cliente de cortiça portuguesa — matéria-prima e produtos acabados — e a França, seguido da República Federal da Alemanha, Itália, Estados Unidos, Reino Unido, África do Sul, Austrália e Canadá, por esta ordem.

Segundo o secretário-geral da Associação dos Industriais de Cortiça, Moreira da Costa, «a oferta é muito grande e as regras da concorrência não são respeitadas e observadas com rigor por todos os produtores nacionais».

O porta-voz da AIC atribuiu esta situação à prática de «trabalho clandestino e exploração de mão-de-obra infantil», o que «proporciona condições de preços mais baixos que se reflectem nas condições de oferta ao mercado externo».

Por este motivo — observou aquele empresário — os industriais do sector não conseguem aumentar os preços e elevar as receitas proporcionalmente ao aumento dos volumes de exportação.

Em seu entender, esta situação está também na origem de um fenómeno aparentemente inexplicável, que é o de o preço das rolhas, por exemplo, ser hoje inferior do que o praticado há alguns anos.

O concelho de Vila da Feira, distrito de Aveiro, é o maior centro rolheiro do mundo, disse ainda à Lusa o dirigente da AIC.

A indústria de cortiça está concentrada a Norte deste concelho, que integra 31 freguesias e tem cerca de 120 mil habitantes.

Parte da população residente está dependente desta indústria que emprega 11 mil dos 18 mil trabalhadores que no País se dedicam a este sector.

No entanto, o maior centro nacional de produção de cortiça situa-se no Alentejo, seguido do Nordeste transmontano.

A Associaçao dos Industriais de Cortiça está a elaborar um estudo económico do sector que tenciona apresentar dentro de dias ao Governo, revelou o secretário-geral deste organismo.

Esta semana a AIC enviou ao ministro do Trabalho uma exposição solicitando a «intervenção urgente» da inspecção de trabalho em unidades fabris que não observam «os encargos sociais obrigatórios e praticam situações de trabalho clandestino, designadamente de menores».

A associação empresarial do sector desenvolve, por outro lado, diligências junto do governo no sentido de se proceder ao repovoamento florestal e à limpeza dos montados, medidas que, no entender de Moreira da Costa, «deverão ser apoiadas pela CEE e pelo Governo».

Federação sindical do comércio reuniu o seu 3.º congresso

Emprego, CEE e novas tecnologias foram os três principais temas debatidos no III Congresso da Federação Portuguesa dos Sindicatos de Comércio, Escritórios e Serviços que ontem terminou no Porto, com a designação do novo secretariado.

O III Congresso, que decorreu durante o fim-de-semana na Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto, aprovou na sessão de encerramento, quatro moções sectoriais distintas, entre as quais, uma sobre os supermercados e outra referente á informática.

A primeira defende a preparação de uma proposta reivindicativa nacional para os trabalhadores dos supermercados, a apresentar à associação nacional do sector, que conduza à criação de melhores condições de vida e de trabalho desses trabalhadores.

O segundo documento prevê a apresentação de uma proposta de reivindicações nacionais que contemplem em particular os trabalhadores dos quadros.

Esta moção sectorial preconiza um conjunto novo de questões, que vai desde a formação continuada ao direito à criatividade e à criação de lugares de técnicos altamente especializados.

O secretáro-coordenador, Manuel Guerreiro, que foi ontem reeleito, lembrou no final dos trabalhos a alta taxa de desemprego no sector, cerca de 150 mil, o que corresponde a 30 por cento dos trabalhadores desempregados portugueses.

Os delegados presentes no III Congresso da Federação Portuguesa dos Sindicatos de Comércio, Escritórios e Serviços aprovaram ainda o novo programa de acção e o relatório de actividades do secretariado cessante.

O novo secretariado agora eleito integra 46 novos elementos, 22 por cento dos quais são mulheres.

EFACEC teve lucros de 390 mil contos

A EFACEC gerou durante o exercício de 1986 um lucro líquido da ordem dos 390 mil contos, dos quais 262 500 contos vão ser distribuídos aos accionistas (240 escudos por acção) informou a empresa.

Ávila Ramos precisou que, em assembleia geral recentemente realizada na sede da empresa, os accionistas decidiram afectar uma verba de 19 500 contos para fundos de reserva legal e 108 mil contos para reservas livres.

O volume de negócios da EFACEC — dez por cento dos quais obtidos a partir da exportação de bens de equipamento industrial — atingiram em 1986 a soma de 11,2 milhões de contos, devendo no corrente ano, de acordo com estimativas da empresa, ficar próximo dos 13 milhões de contos.

Com um capital social de 1,5 milhões de contos, a EFACEC é uma empresa que se dedica à concepção e produção de equipamentos eléctricos e electrónicos, estando o seu capital maioritariamente na posse da multinacional belga ACEC (51 por cento).

Dos restantes 49 por cento — pulverizados por investidores nacionais — o Banco Fonsecas e Burnay detém a maior parcela, ou seja dez por cento.

Dispondo de uma estrutura que emprega 3100 pessoas, a EFACEC vai, durante o ano de 1987, fazer investimentos da ordem dos 430 mil contos, 60 por cento dos quais em novas tecnologias e 40 por cento na substituição de equipamentos.

As acções da EFACEC, na sessão do dia 26 de Março, estiveram cotadas a 7800 escudos e as cautelas das acções do aumento de capital de Outubro de 1986 (500 mil contos) estiveram a 7000.

Em 1986, a EFACEC distribuiu um dividendo de 220 escudos por acção, em função dos resultados obtidos no exercício de 1985.

Consumo de petróleo continua a diminuir

O consumo de petróleo nas nações ocidentais industrializadas deverá abrandar em 1987, revelou hoje em Paris a Agência Internacional da Energia (IEA).

De acordo com os dados hoje divulados, o crescimento no consumo de petróleo deverá rondar 1,0 por cento em 1987 após um aumento de 2,3 por cento em 1986.

A IeA revela ainda que nos três primeiros meses de 1987, o consumo de petróleo nos 24 países membros da OCDE cresceu cerca de 1,0 por cento atingindo um consumo diário de 35,9 milhões de barris.

A Agência Internacional adianta, por outro lado, que o volume de petróleo transaccionado nos mercados mundiais quebrou no primeiro trimestre relativamente ao trimestre anterior.

A oferta mundial de petróleo caiu para 45,2 milhões de barris/dia nos primeiros três meses de 1987 contra 47,5 milhões de barris/dia no último trimestre de 1986.

As reservas dos principais países industrializados em 1 de Abril eram, de acordo com a IEA, de 428 milhões de toneladas, o que garante 98 dias de consumo.

Uma proposta de cessar-fogo apoiada pela Síria e um acor do para terminar com um bloqueio de quase cinco meses ao envio de alimentos e me dicamentos aos campos de refu - giados palestinianos em Beirute foram aprovados, segundo um comunicado das milícias muçulmanas xiitas Amal. Na foto o primeiro dos seis camiões carregados com sacos de fa rinha, à entrada do campo de refugiados de Bourj Al-Barajneh.

Uma mulher sul-africana emprestou o útero para dar à luz três bebés-proveta da sua filha e genro - noticiou o jornal britânico «The Mail on Sunday». Pat Anthony, de 48 anos, aceitou ser mãe de aluguer e dar à luz os seus próprios netos porque a sua filha e genro, Alcino e Karen Ferreira Jorge não podem ter mais filhos. Este é um caso que envolve dois processos: mãe de aluguer e bebés-proveta. A senhora Anthony aceitou emprestar o seu útero e foi inseminada com os óvulos da sua filha fertilizados pelo genro. A delicada operação foi levada a cabo numa clínica de Joanesburgo há três meses. O parentesco das três crianças que vão nascer terá de ser decidido pelos tribunais, mas o jornal britânico sugeriu que o sistema judicial sul-africano determinará que as crianças pertencem à sua mãe genética.

O Papa João Paulo II, que chegou esta manhã à Ar-gentina, depois de uma visita de seis dias ao Chi le, marcada por inúmeras manifestações anti-governamentais, pre para-se agora para encarar uma das mais conservadoras igrejas la tino--americanas. Nunca houve uma «teologia da libertação» na Argentina, onde, con trariamente ao que acontece no Chile e no Brasil, por exem plo, o clero nunca se opôs ao poder. A grande maioria da população da Argentina, 90 por cento da qual é católica, acusa a Igre ja daquele país de se ter mantido sempre ao lado dos poderosos, apoiando sobretudo os mi litares.

Congresso do PSF sob o signo da unidade

Um ano antes das eleições para a escolha de um novo Presidente, a oposição socialista espera ansiosamente saber se a figura principal do partido, François Miterrand, vai concorrer a um novo mandato de sete anos. Num congresso de três dias, que terminou em Lille, no Norte de França, ficou patente uma unidade invulgar num partido geralmente agitado por manifestações internas. Cerca de 15 mil militantes, de punho erguido, entoaram a Internacional, o hino tradicional do Socialismo francês, que o partido evitava discretamente desde 1970. Mas a unidade da plataforma em torno do secretário-geral, foi conseguida à custa do adiamento do debate sobre a personalidade que irá ser escolhida pelo partido para a eleição do próximo ano. Miterrand abandonou formalmente a liderança do Partido Socialista em 1981 e, como Chefe de Estado, só pode enviar uma mensagem ao Congresso de Lille. Mas a sua imagem dominou o congresso do princípio ao fim. Os militantes do partido elogiaram o nome de um homem cuja autoridade e perfil político serviram para organizar o partido e o tornar credível, levando-o ao poder. Os adeptos de Miterrand afirmam esperar que o actual Presidente da República não os abandone, candidatando-se de novo, apesar a relutância manifestada publicamente por Miterrand. Mas outros são de opinião que o Presidente, que tem 70 anos, pensa realmente fazer o que diz quando afirma que não se vai recandidatar.

Reagan em visita ao Canadá

O Primeiro-Ministro canadiano, Brian Mulroney, incitou o Presidente Ronald Reagan a estudar a assinatura de um tratado entre os dois países sobre a redução de chuva ácida que afecta o meio ambiente no Canadá - disseram funcionários canadianos. O apelo de Mulroney foi feito em breves conversações privadas com o Presidente norte-americano, no início de uma cimeira de dois dias que deverá centrar-se em questões comerciais e problemas de ambiente. Depois de ter sido recebido na base aérea de Uplands, perto de Ota va, Reagan dirigiu-se para Rideaux Hall, residência da governadora-geral do Canadá, Jeanne Sauve, onde teve a primeira sessão de conversações com Mulroney. Os dois voltam a encontrar-se hoje, antes de o Presidente norte-americano se dirigir a uma sessão conjunta no Parlamento. O Primeiro-Ministro canadiano apelou a um tratado entre os dois países, estipulando uma redução da poluição num período determinado. Tanto Reagan como Mulroney têm-se defrontado com problemas políticos que fizeram descer a sua popularidade. Para o Presidente norte-americano é a primeira viagem ao estrangeiro desdde que o escândalo da venda de armas ao Irão rebentou em Novembro passado. Por seu lado, o Governo do Partido Conservador de Mulroney tem sido afectado por uma série de escândalos e os seus opositores têm criticado a política de procurar relações estreitas com os Estados Unidos.

Timorenses retidos na Indonésia

Quatro homens naturais de Timor Leste aguardam em Jacarta vistos para poderem seguir para Portugal, mas as autoridades indonésias não os querem deixar sair do país - afirma o jornal «The Observer»,de Londres. Enquanto aguardam os vistos, os quatro timorenses vivem num bairro de lata de Jacarta, jogam xadrez e leem jornais para passar o tempo», salientou o jornal britânico. Entre os quatro timorenses, que também pediram ajuda ao Governo português, à Comunidade Europeia e à NATO, encontra-se António Gonçalves, ex-comandante do grupo guerrilheiro de esquerda «Fretilini».

COMUNIDADE EUROPEIA QUER INSTITUCIONALIZAR DIÁLOGO COM OS ESTADOS UNIDOS

Os doze ministros dos Negócios Estrangeiros da Comunidade Europeia, reunidos durante dois dias em Turnhout, na Bélgica, definiram uma série de medidas destinadas a institucionalizar o diálogo com os Estados Unidos. O presidente do Conselho, o ministro belga Leo Tindemans, referiu durante a conferência de Imprensa final que os doze ministros tinham reconhecido a necessidade de proceder a um reforço do diálogo transatlântico.

«Constatámos que o diálogo estruturado nem sempre é possível», rerferiu Leo Tindemans sublinhando a insuficiência dos contactos existentes e a necessidade de tentar encontrar «zonas de progresso».

Os ministros dos Negócios Estrangeiros chegaram a acordo sobre uma série de pontos, a apresentar ao comité político, cuja aplicação se destina a «institucionalizar» o diálogo com os Estados Unidos.

Os doze propõem a criação de uma eventual «troika» ministerial destinada a manter contactos com os Estados Unidos, e uma «utilização mais sistemática dos contactos ministeriais bilaterais para explicar aos Estados Unidos os pontos de vista dos doze».

Por outro lado, a Comunidade Europeia é favorável a um diálogo directo com os responsáveis norte-americanos. Os doze tentarão explicar melhor as suas posições ao Congresso e as representações dos doze Estados membros nas Nações Unidas serão «utilizados para manter contactos políticos com responsáveis americanos».

Ao mesmo tempo a «cooperação e a coordenação entre as embaixadas dos Estados membros e o representante da Comissão Europeia em Washington serão reforçadas». Trata-se também, e de acordo com o presidente do Conselho, de «melhor explicar os pontos de vista dos doze».

Ainda no quadro das relações comerciais, e a pedido do Reino Unido, os doze analisaram o estado das relações entre os Estados Unidos e o Japão.

Leo Tindemans recusou-se, no entanto, a referir-se à situação das relações estre Londres e Tóquio. As perspectivas futuras das relações Este-Oeste, com a mudança da situação na União Soviética e a presença de Mikhail Gorbatchev no Kremlin, foram alvo da atenção particular dos ministros, com base num documento de trabalho apresentado pela presidência.

Retirada dos euromísseis

Os ministros da CEE também se manifestaram favoráveis à retirada dos mísseis de alcance médio da Europa, segundo fontes oficiais.

Leo Tindemans disse que os responsáveis pelos Assuntos Exteriores dos países da CEE se manifestaram partidários da «opção zero», defendendo a liquidação total dos euromísseis.

Os ministros reafirmaram ainda o seu interesse pela continuação das conversações sobre os outros tipos de armamento, nomeadamente os mísseis tácticos.

Paris considera "injustificada" expulsão de diplomatas franceses pela URSS

O Governo de Paris afirmou que a decisão soviética de expulsar quatro diplomatas e dois empresários franceses é injustificada e uma pura retaliação.

Um comunicado do Ministério dos Negócios Estrangeiros descreveu a acção soviética como «pura retaliação sem qualquer justificação» e acrescentou: «O Governo da França só pode lamentar a inspiração desta medida contrária aos interesses das relações entre os dois países».

Neste comunicado, as autoridades francesas revelaram também pela primeira vez que não foram três mais seis os cidadãos soviéticos expulsos da França.

Entre os seis expulsos encontram-se três diplomatas soviéticos alegadamente envolvidos numa rede de espionagem que, segundo os serviços de segurança franceses, tentava obter segredos espaciais europeus.

A televisão soviética anunciou no sábado que dois diplomatas franceses e o representante em Moscovo de uma firma francesa de aeronáutica receberam ordens para deixar a URSS num prazo de sete dias, por «actividades incompatíveis com o seu estatuto».

Outros dois diplomatas e um empresário terão de sair da União Soviética numa data posterior.

A televisão soviética identificou os diplomatas expulsos como sendo o primeiro secretário Yves Delaunay, o adido militar adjunto capitão Pierre Lapernat, o conselheiro da embaixada Pierre de Bruchard e a adido cultural Anita Davidenkoff.

Os empresários que também foram expulsos são Patrick Chebroux, gerente em Moscovo da empresa de aeronáutica «Ofema», e Serge Berlot, da Câmara de Comércio francesa.

A França recusou no entanto revelar os nomes dos soviéticos expulsos, excepto o do adido militar adjunto Valery Konorev, que o jornal «Liberation» descreveu como o espião-mestre das sete pessoas acusadas de se terem apoderado do programa espacial europeu «Ariane».

24 HORAS

Craxi reeleito pelo PSI

O Congresso Nacional do Partido Socialista italiano que terminou em Rimini, reelegeu Bettino Craxi à presidência com o encargo de procurar, através de eleições, uma maioria alternativa à actual coligação de centro-direita. Craxi, de 53 anos, obteve o voto de confiança de 93,25 por cento dos delegados ao Congresso do PSI é, de novo, o presidente do Governo italiano, já que o presidente Francesco Cossiga rejeitou, na passada quinta-feira, o pedido de demissão do Governo de coligação que Craxi apresentou a 3 de Fevereiro último.

SPD derrotado no Hesse

Os sociais-democratas alemães federais sofreram ontem uma derrota inesperada nas eleições do Estado de Hesse, que governavam há mais de 40 anos. O Partido Social-Democrata (SPD), que obteve os seus piores resultados nas eleições federais dos últimos 25 anos há somente dois meses perdeu ontem o controlo do Estado de Hesse, pela primeira vez desde o fim da Segunda Guerra Mundial, a favor da coligação do Partido Democrata Cristão (CDU) do chanceler Helmut Kohl com os liberais. Comentadores políticos descreveram o resultado como uma catástrofe para o SPD, que está a atravessar uma crise interna causada pela escolha da futura liderança do partido.

Legislativas no Egipto

Cerca de 14 milhões de egípcios vão hoje às urnas para eleger os seus representantes no Parlamento. Em jogo estão 448 dos 458 lugares da Assembleia Popular, já que 10 são para deputados nomeados directamente pelo presidente.

De acordo com a Constituição egípcia, no entanto, os partidos disputam apenas 400 lugares, cabendo os restantes 48 a candidatos individuais, eleitos um por cada uma das 48 circunscrições existentes no país. Na disputa eleitoral estão envolvidos seis partidos: o Partido Nacional Democrático (NDP), o novo Partido Wafd, o Partido Progressista Unionista (UPP), o Partido Islâmico Umma, o Partido Trabalhista Socialista (SLP) e o Partido Liberal, surgindo os dois últimos coligados, juntamente com a Irmandade Muçulmana, sob a sigla do SLP.

A venda de armas ao Irão

Os fornecimentos de armas norte-americanas ao Irão foram suspensas, afirma um comunicado divulgado pela Casa Branca. A nota oficial surgiu como resposta a uma informação divulgada pela televisão norte-americana NBC, que afirmava que, nos últimos meses, o Governo iraniano tinha adquirido, junto de firmas norte-americanas, material electrónico destinado a fins militares.

A Casa Branca confirmou a venda ao Irão de dois ordenadores e de equipamentos electrónicos, mas assegurou que o material enviado para Teerão não é utilizável militarmente.

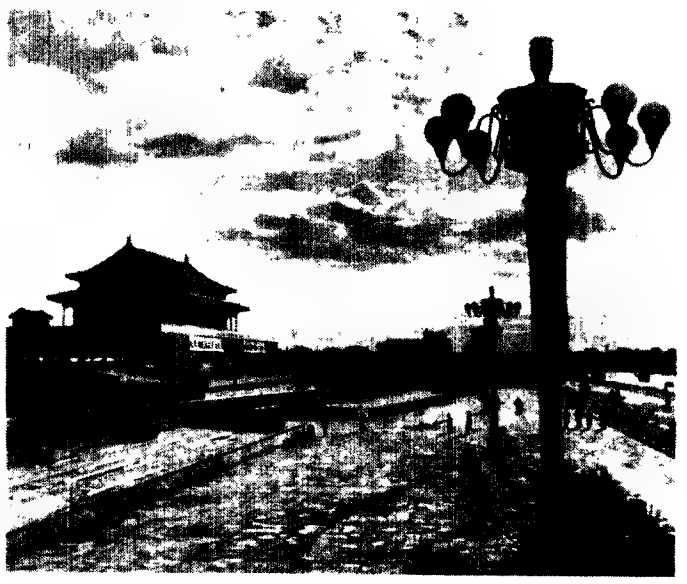
Transkei expulsa mercenários

O bantustão sul-africano do Transkei expulsou 30 mercenários brancos, após 48 horas de detenção, e deu às suas famílias um prazo de duas semanas para abandonarem o território. Os 30 homens, todos antigos «comandos» do exército rodesiano e agora agrupados numa chamada «Equipa de Conselheiros», foram expulsos para a África do Sul, depois de passarem 48 horas sob detenção militar — anunciou a rádio oficial sul-africana. O chefe do grupo, o antigo general da Rodésia Ron Reid Daly, disse à televisão estatal sul-africana que eles foram expulsos do Transkei após um motim de soldados negros fiéis a um comandante militar preso na capital do território, Umtata.

A crise política na China

QUEM GOVERNA EM PEQUIM?

Patrice de Beer



A China irá ser retomada pelos seus velhos demónios? Esses demónios que, pensava-se, tinham sido exorcisados com uma varinha mágica por Deng Xiaoping, depois da morte do «Grande Timoneiro», parecem ter acordado nas últimas semanas. Essa China a que Deng prometera a estabilidade para as próximas décadas, esse regime que, repetia-se, sobreviveria sem problemas ao seu desaparecimento — Deng tem oitenta e três anos — está de novo tomad por essa agitação política de que o país deu, no passado, duros exemplos. Os velhos «slogans»: «Contar com as próprias forças», «Sobriedade e trabalho duro», o mito de Lei Feng, o soldado modelo, ou a de Yu Kong, esse velho obstinado que queria deslocar as montanhas... voltaram à ordem do dia.

A primeira pergunta que se faz desde que a agitação estudantil de Dezembro de 1986 conduziu ao saneamento do secretário-geral do PPC, Hu Yaobang e à sua substituição «a título temporário» pelo primeiro-ministro Zhao Ziyang, é: «Quem governa a China?» Porque o país mais populoso do Mundo vive, de momento, na maior das confusões. Desde meados de Fevereiro, a Imprensa «esqueceu-se» de dar a Zhao o seu título de secretário-geral do partido. Os conservadores eomaoístas tiraram aos reformistas o controlo dos «media».

Desde a sua nomeação para a frente do partido, Zhao confinou-se — ou foi confinado — numa reserva inquietante, dando liberdade de acção aos que há anos o criticam. Esperará dias melhores para voltar ao ataque? Li Peng, vice-primeiro-ministro responsável pela Economia e pela Educação, membro do Politburo e em que os peritos vêem um futuro primeiro-ministro conservador, comporta-se praticamente como chefe do governo, pondo em causa a política de abertura e certos contratos com o estrangeiro. E se Zhao continua a afirmar que a luta **«de grande fôlego»** contra o **«liberalismo burguês»** deve limitar-se ao partido e à ideologia, ele é diariamente desmentido pelos factos.

Mais grave ainda: Que é feito de Deng? Claro que ele recebe visitantes estrangeiros, fazendo assim calar os que o diziam doente. Mas contenta-se com as banalidades usuais. Em contrapartida, a publicação a 16 de Fevereiro de um enorme discurso que Deng pronunciara em 1962, no qual defendia o **«centralismo democrático»** e denunciava o exercício do poder por um só homem, no caso Mao Zedong, põe o problema. Este texto, até então conservado secreto, terá sido publicado por instigação de Deng? Mas então porque continua o regime a atribuir as culpas a um homem caído, Hu?

Muito mais inquietante é a opinião segundo a qual este texto foi publicado pelos adversários de Deng, não só para tirar a confiança a Zhao, mas sobretudo para reduzir as prerrogativas do número um chinês. Com efeito, quem exerce a autoridade suprema, senão Deng? Voltar-se-iam assim os argumentos de Deng contra si mesmo: por exemplo, quando este diz que **«não podemos decerto ter uma situação em que uma só pessoa pode falar»**, ou então que **«devia haver uma supervisão dos dirigentes do partido, a todos os níveis»**.

Os conservadores serviram-se de outras citações de Deng para justificar a nova fase. Põe-se pois a questão: Deng fez **volte-face** e renegau o seu antigo pragmatismo, ou foi obrigado a fazer um compromisso com os conservadores, ou ainda combate em face de uma vaga de ortodoxia que se arrisca a submergir a sua política de reformas? Seria Deng vítima de uma velha prática que consiste em **«brandir a bandeira vermelha para combater a bandeira vermelha»**?

Estes velhos métodos são duradouros. Assim, a Imprensa vai buscar textos do passado para servir a polémica actual, reecontra os seus hábitos de ataques indirectos, traiçoeiros, como quando dantes denunciava Khruchtchev por interposto Tito... Os primeiros saneamentos dizem respeito a intelectuais de renome. Serão eles tão poderosos que podem pôr em causa o poder comunista ou continua a ser a cultura o campo de luta privilegiado entre facções políticas?

Este tipo de crítica também traz más recordações: denúncia de uns pelos outros, autocríticas, campanhas contra **«obras asquerosas»**. Textos ontem louvados tornam-se hoje terríveis e censura-se-lhes o dizerem uma verdade que já não agrada. Um artigo do jornalista Liu Binyan sobre a corrupção de certos dirigentes da cidade de Xian, publicado há dois anos no **Quotidiano do povo** é hoje declarado prejudicial porque volta a **«abrir velhas feridas»** e pode prejudicar a imagem do partido... Freud, «reabilitado» em 1984, e Sartre são de novo vilipendiados.

Está-se uma vez mais reduzido a estudar à lupa os enormes artigos da Imprensa, em busca da pequena frase, da obscura alusão a uma circunstância passada ou a um período histórico, do emprego ou da omissão do título de A ou B, da sua presença ou da sua ausência por altura de um acontecimento. Essa ginástica do espírito não é somente o facto dos observadores estrangeiros, mas também o dos chineses que — uma vez mais —, não sabem muito bem onde estão.

«Quem governa?» Essa pergunta, muitos chineses fazem a si próprios com angústia, porque tinham julgado, durante algum tempo, que o passado fora enterrado. Eles perguntam para quem se hão-de voltar em caso de problema ou se poderão continuar a «fazer negócios». Voltámos dez ano atrás» — a revolção cultural terminou em 1976 — disse-nos alguém, anes de se afastar bruscamente, julgando-se seguido pela omnipresente segurança pública (a Polícia).

A incerteza é ainda maior na província, onde as notícias, vindas tardiamente de Pequim, já estão por vezes ultrapassadas quando chegam. Em Cantão, em meados de Fevereiro, um oficial confiava-nos que depois da demissão de Hu, receara, durante algum tempo, o regresso às agitações da revolução cultural.

Tais reacções talvez sejam exageradas, mas mostram uma brusca mudança de atmosfera. Mesmo se a situação voltasse ao normal num futuro próximo — o que não parece ser o caso —, uma séria brecha terá sido feita na confiança dos chineses perante o carácter duradouro de toda e qualquer reforma. Já se ouve criticar os «lucros abusivos» dos comerciantes particulares e das «famílias especializadas» camponesas que — com a bênção oficial — atenuam as deficiências do sistema de distribuição e fornecem dezenas de milhões de empregos.

No domínio económico, a «porta aberta» fechou-se parcialmente. As discussões comerciais arriscam-se a ser cada vez mais difíceis, e os negociadores chineses teriam recebido instruções para fazer prolongar as oisas. A atitude de Pequim sobre a questão de uma democratização de Hong Kong endureceu. Os militares, a última parte dos conservadores, voltaram o primeiro plano. Eles reclamam a sua parte de confiança e de poder.

A vida quotidiana igual

Duvida-se de que Zhao consiga fortalecer a sua posição à frente do PCC. Para além da fachada há, na verdade, uma autêntica luta pela sucessão de Deng, antes mesmo do desaparecimento deste. O que está em causa não é somente o seu posto mas a política a seguir nos próximos anos.

A China será sempre um exemplo? A sua experiência pode ser útil aos países do Terceiro Mundo, dizia Deng ao presidente do Gabão, Bongo, em Fevereiro. Talvez, mas que China? A dos progressos económicos, sem dúvida, mas também a do fracasso de uma tentativa de reforma de um regime autoritário. Num momento em que Gorbachev busca na China a bandeira do «reformismo» comunista, o presente fracasso dos dirigentes de Pequim surge ainda mais patente. Enfim, a China mostra que ela não pôde renunciar aos movimentos políticos de repetição: um passo demasiado à esquerda, um passo demasiado à direita, excesso de abertura, depois abertura insuficiente... Coisas que quebram o ritmo do desenvolvimento económico.

No entanto uma diferença importante do passado. Neste momento a vida quotidiana continua como se nada fosse. As fábricas trabalham, as pessoas fazem as suas compras, o «disco» continua na moda. O regime parece ter agora menos influência nos indivíduos. Estes não têm o **Quotidiano do Povo** e desinteressam-se de uma política decidida na cimeira. Mas essa despolitização das pessoas, que pensam, antes de mais, em viver melhor, talvez seja a censura mais grave que os seus pares fazem a Hu Yaobang. Disso depende o futuro do marxismo na China. Porque, com reforma ou não, o regime chinês continua comunista e marxista-leninista.

OS ANTIONCOGENES

Hortência Arocena

Sabe-se, desde há muitos anos, que determinados agentes cancerígenos, — vírus, substâncias, químicas variadas, e radições — podem alterar os genes dos cromossomas, modificando a sua estrutura e dando, consequentemente, origem à produção de tumores malignos.

Contudo, quase nada se sabia acerca dos mecanismos que transformam uma célula sã numa cancerosa, até que várias equipas de investigadores (uma delas dirigida pelo espanhol Mariano Barbacid) conseguiram identificar e isolar os genes causadores do processo canceroso: descobriram-se os oncogenes.

Como se sabe, os genes possuem um código determinado, o qual comanda a célula para que esta sintetize diversas proteínas; é precisamente este processo biológico que fica afecado nas células cancerosas. Devido aos agentes cancerígenes, os genes modificam-se deixando de transmitir as ordens que deveriam comunicar, ou transmitindo-as para outros sectores, alterando profundamente o metabolismo celular. As células afectadas começam a fabricar em excesso ou defeituosamente as substâncias que deveriam sintetizar, produzindo mesmo outras completamente diferentes.

Os cientistas já conseguiram identificar os oncogenes responsáveis pelo cancro da bexiga, do cólon, do sangue e de outros tipos. Não deixa de ser surpreendente o facto de haver mais tipos de cancro do que genes responsáveis pela doença. Segundo o professor Robert Weinberger, existem cerca de 100 formas de cancro e apenas 30 ou 40 genes capazes de iniciar o processo canceroso. Para o biólogo americano, a explicação reside no facto de um único oncogene poder produzir diversas formas de cancro, de acordo com a transformação sofrida pelos agentes cancerígenos.

Efeito devido a ausência

As causas últimas do cancro não se limitam exclusivamente à acção dos oncogenes, tal como foi demonstrado pelos geneticistas da Faculdade de Medicina da Universidade de Boston. Estes cientistas revelaram a existência de antioncogenes, ou seja, genes que dariam origem ao cancro, não por acção directa sobre os mecanismos celulares, tal como ocorre com os oncogenes, mas sim, devido à sua ausência, facto causador da mesma doença devido à carência das substâncias que esses antioncogenes deveriam ter produzido se estivessem a agir normalmente na célula.

Tudo isto começou quando os geneticistas de Boston decidiram comparar diversos fragmentos de ADN de células normais da retina com células provenientes de 40 pacientes afectados com retinoblastema. Um dos segmentos de ADN presente em todas as células normais não foi registado nas células dos doentes, pelo que os cientistas deduziram ser a ausência desses genes a causa directa do retinoblastema.

Segundo os especialistas, o processo patológico começaria na mesma altura em que o ser humano fosse gerado. Logo na estrutura do óvulo fecundado é possível encontrar um gene deformado passível de originar um cancro, mas cuja acção está travada por um outro gene, defensor da integridade celular contra os oncogenes, e que é, precisamente, o antioncogene.

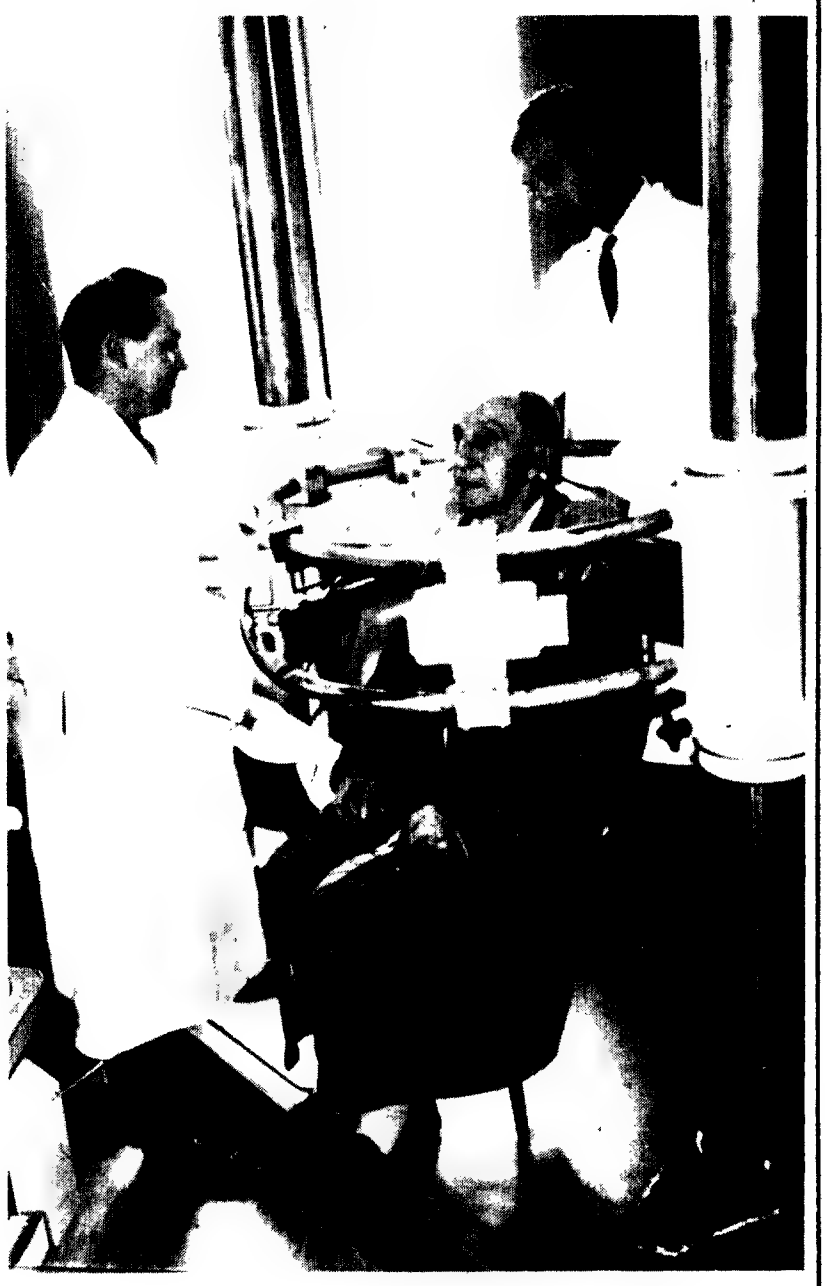
Porém, este escudo, protector, formado pelos antioncogenes pode desaparecer a qualquer momento. Por vezes, devido a uma divisão celular normal, o antioncogene pode desaparecer ou não poder agir contra o gene defeituoso, o qual, nessa altura, consegue por fim manifestar-se livremente dando origem a um processo patológico irreversível.

Segundo o famoso professor Robert Weinberger, a identificação deste gene anticanceroso descoberto em Boston poderá ser a primeira de uma vasta série de antioncogene que serão revelados de acordo com a evolução das pesquisas.

Uma possível terapia

Nos casos de desaparecimento ou destruição dos antioncogenes, uma terapia acertada consistiria em injectar nas células doentes o gene ausente mas, infelizmente, a ciência actual não permite que esses métodos passem da utopia.

Apesar disso, alguns cientistas pensam que se poderia descobrir um método capaz de aliviar o sofrimento dos doentes; se o cancro surge devido à ausência dos antioncogenes, então os tumores nascem, devido à carência de substâncias que esses genes anticancerosos deveriam sintetizar. Se os cientistas conseguissem produzir nos seus laboratórios as referidas substâncias, talvez se pudesse evitar o crescimento dos cancros desenvolvidos devido à falta dos antioncogenes.



O teste de alcoolemia não é uma brincadeira

Quase todos os países da Europa instauraram já os testes de alcoolemia nas estradas, pois a embriaguez está na origem de uma percentagem muito alta de acidentes rodoviários. De qualquer modo, ele geralmente é usado em casos de acidente ou quando o condutor mostra inais aparentes de ter ingerido demasiado álcool.

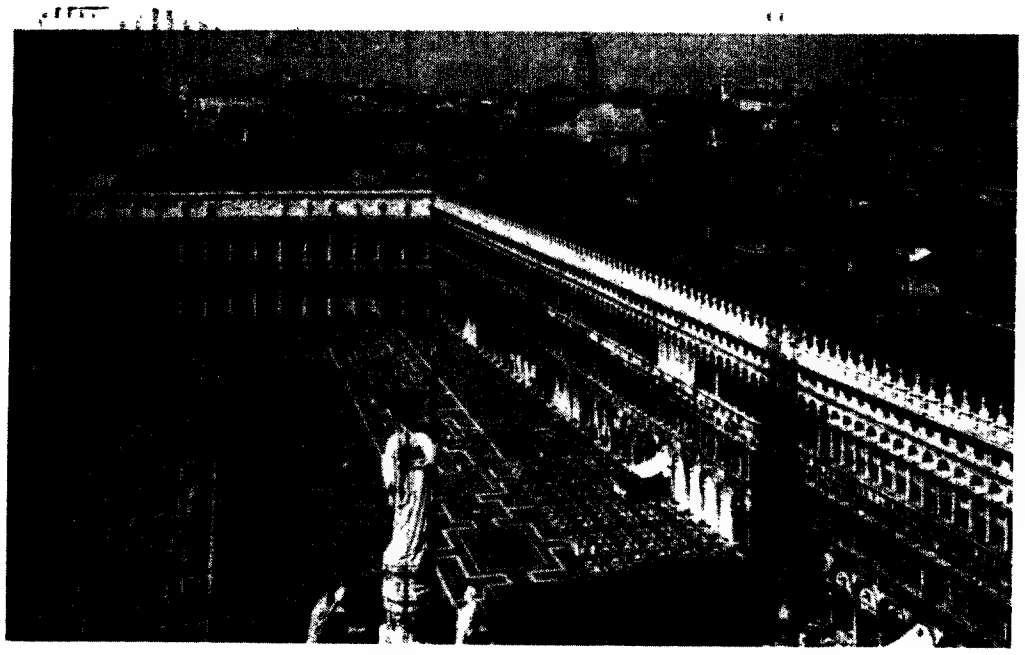
Rarament, mas acontece, os automobilistas, de repente, verem-se guardados à vista ou mesmo na cadeia, devido a um teste alcoólico positivo. Trata-se de um erro crasso, pois os representantes da ordem têm instruções expressas para levarem um condutor cujo teste seja positivo, ao médico mais próximo. Acontece que somente uma análise de sangue poderá indicar em que quantidade o automobilista ultrapassou os limites permitidos, ou seja os 0,80 gramas de álcool por litro de sangue. Naturalmente que há «sinais exteriores» que não enganam ninguém. De qualquer mod, o teste da alcoolemia não é uma brincadeir ou partida, mas sim uma medida de precaução que permite despistar as pessoas que conduzem em estado de embriaguez (pelo menos 10% dos acidentes são devidos à embriaguez). No entanto, em nenhum caso o teste de alcoolemia permite apreciar a percentagem real da mesma alcoolemia. Esta apreciação é deixada ao médico que faz a análise de sangue.

O teste da alcoolemia será negativo em três casos, ou seja, o comprimento do tubo de cristais, que muda de cor, permanecerá inferior ao limite, que indica que os 0,8 gramas são atingidos ou ultrapassados: uma hora após uma refeição em que se bebeu um terço de litro de vinho com dez graus. Quando um condutor acidentado presenta estado de choque ou sofreu traumatismo cujas consequências reproduzem os «sinais exteriores» de embriaguez ou quando o condutor mostra esses mesmos sinais, por ter guiado durante demasiado tempo no interior de uma viatura aquecida e insuficientemente arejada (ou naquela viatura em que se fumou demasiado).

Pelo contrário, o teste de alcoolemia será positivo, por exemplo, no caso de um homem de setenta e cinco quilos, quando feito uma hora após uma refeição em que tenha sido ingerido um litro de vinho, um aperitivo e um digestivo. Será também positivo depois do consumo de uma garrafa de vinho ou de três ou quatro aperitivos em jejum, ou quatro horas após uma refeição. Também será positivo após uma refeição em que se bebeu apenas um terço de litro de vinho, mas que ao mesmo tempo se ingeriram medicamentos determinados ou tranquilizantes. Há que também ter cuidado ao regressar-se de uma festa, baile ou jantar, se durante o serão se eberam algumas bebidas alcoólicas.

Muitas vezes também acontece um condutor acidentado ser confortado com algum medicamento ou bebida e logo a seguir ter lugar o teste de alcoolemia, que poderá ter resultados positivos, mas errados. Nessas circunstâncias, é necessário avisar a Polícia do que está a passar-se, pois se esta voltar a fazer o teste dentro de um quarto de hora, ele será totalmente negativo.

Há também que lembrar que a mesma quantidade de álcool consumida durante uma refeição, origina uma alcoolemia mais lenta e mais branda do que se essa quantidade for ingerida em jejum ou longe de uma das refeições. Os alimentos gordos ou muito doces também retardam a subida da alcoolemia e as proteínas baixam o seu máximo. O que quer dizer que, se deve fazer uma boa e verdadeira refeição quando se bebe, ou pelo menos, deve ingerir-se qualquer coisa sólida ao mesmo tempo. Lembremo-nos também que o consumo rápido e maciço de álcool acelera a subida da alcoolemia em relação ao normal. A alcoolemia é ao mesmo tempo função da quantidade absorvida e da percentagem de álcool de uma bebida.



SALVAR VENEZA

Para que os nossos netos e bisnetos conheçam a maravilhosa cidade dos Doges, é necessário que o homem de hoje a consiga recuperar rapidamente, travando o afundamento dos seus edifícios e palácios, igrejas e monumentos.

Para a Itália e restantes países do Mundo que ofereceram a sua ajuda, a luta para salvar Veneza desenrola-se em duas frentes. Em primeiro lugar, é necessário impedir a lenta degradação dos monumentos e das obras de arte, cujas pinturas e metal, estão já um tanto deterioradas pela corrosão do ar e pelo mofo e bolor que a humidade cria a todo o instante, devido à subida das águas nas fundações de certos edifícios. Nestes ponto, a firma americana de produtos químicos «Dow Chemical» acaba de criar um sistema de injecção de resina sintética na espessura das paredes, a fim de interromper a subida da capilaridade das águas nos materiais de construção, nomeadamente no estuque. As paredes e os frescos da igreja de Santa Maria Maior de Veneza foram tratadas desta maneira. A resina pode resistir a uma pressão aquática de oito atmosferas e oferece igualmente, uma boa resistência à acidez do ar.

Veneza afunda-se

A segunda frente de combate põe dificuldades muito maiores e mais complicadas. Diz respeito ao afundamento dos solos, sobre os quais se construiu a cidade dos Doges. Será possível interromper esta afundamento? Certamente, na medida em que se conhecem exactamente as causas. Uma equipa de cientistas franceses participa nos estudos do subsolo na lagoa de Veneza: é a equipa do Centro Naconal de Pesquisa Científica, que está encarregue, nomeadamente, de estudar o regime das águas na planície de Veneza.

Segundo Jean-Charles Fontes, responsável dest equipa, o afundamento de Veneza aparece como consequência de causas diferentes. Por um lado, o afundamento geral do solo desde há milhares de anos, sob o peso dos aluviões depositados pelos rios que desaguam no Adriático. Em Veneza, esta sobrecarga de aluviões é responsável por cerca de dez a vinte por cento do abaixamento do nível da cidade. Este fenómeno afecta apenas a região da laguna e as regiões industriais imediatas: a zona industrial de Mestre e Marghera. O afundamento, actualmente, é de seis a oito milímetros por ano, com pontas de dez milímetros localizadas no Lido de Veneza e em Mestre-Marghera.

Bombeou-se demasiada água subterranea.

A zona industrial representa uma das outras causas do afundamento de Veneza. Muitos milhares de poços aí foram furados, forçando a uma superxploração dos lençóis de água subterrâneos. Em consequência, a água que antigamente aí jaziasob pressão (oços artesianos) deve, actualmente, ser bombeada. Ora, a pressão que aí reina (nesses «lençóis captivos») é reconhecida como um elemento importante para a manutenção da coesão do subsolo. O fenómeno de abatimento dos solos, devido à exploração de lençóis de água, foi já observado no México, onde os monumentos dos princípios do século estão a afundar-se no solo. A paragem da superexploração destes lençóis e o restabelecimento artificil da pessão poderão permitir determinar rapidamente se o afundamento actual de Veneza é um fenómeno irreversível ou, pelo contrário, um acidente que pode ser irradiado com certa facilidade.

EM PORTUGAL

	T. 6 h	Min.	Prec	As 13 h.
Bragança	6	6	0,0	Encober.
V. Castelo	12	12	0,0	Chuva
Vila Real	7	7	0,0	Aguace.
Porto	13	11	0,0	Encober.
P.Dourad.	–	–	–	—
Coimbra	12	11	0,0	M. nub.
C.Carvoeiro ...	13	13	0,0	M. nub.
C. Branco	–	–	–	—
Portalegre	9	8	0,0	Neblina
Lisboa	13	11	0,0	M. nub.
Evora	11	11	0,0	Nevoeiro
Beja	13	11	0,0	M. nub.
Faro	15	14	0,0	Aguac.
Sagres	16	14	0,0	Encob.
P. Delgada	11	8	0,0	Aguac.
Funchal	18	15	0,0	Aguac.

Temp. máx. prevista para hoje: Lisboa 18, Porto 18, Faro 19, Ponta Delgada 15, Funchal 21.

Temperatura do ar em °C • Precipitação em mm

NA EUROPA

	T. 7 h	Min.	As 13 h.
Madrid	8	8	Chuvisco
Londres	8	8	Aguaceir.
Paris	6	6	M. nub.
Bruxelas	8	7	Muito nub.
Amesterd.	6	4	M. nub.
Genebra	1	0	Nevoeiro
Roma	12	11	Neblina
Oslo	-2	—	P. Nublado
Copenhaga	1	0	Nevoeiro
Estocolmo	0	-2	Muito nub.
Berlim	6	5	Neblina
Viena	9	3	M. nublado
Varsovia	3	3	Encoberto
Atenas	14	11	Neblina
Moscovo	-2	-1	M. nub.

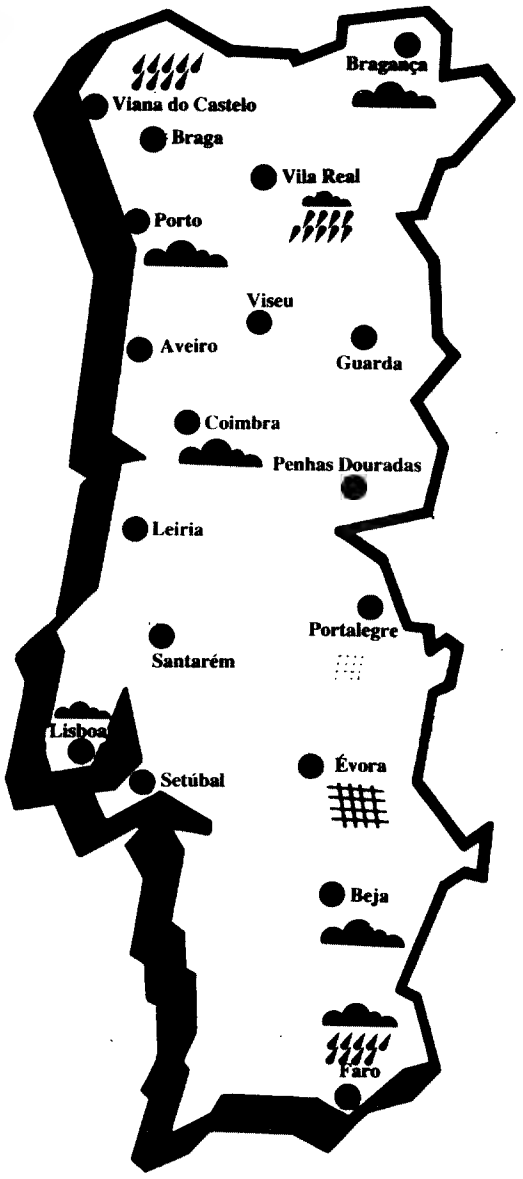
Temperatura do ar em °C • Precipitação em mm

NO MUNDO

	Min.	Máx.	Às 13 h.
Caracas	20	29	Nublado
Joanesburgo ...	18	29	Limpo
Los Angeles	9	21	Limpo
Montreal	—	—	—
Nova Deli	20	36	Limpo
Nova Iorque ...	7	14	Chuva
R. de Janeiro ..	18	25	Chuva
S. Francisco ...	10	18	Limpo
Sao Paulo	15	22	Chuva
Toquio	10	21	Limpo

Temperatura do ar em °C • Precipitação em mm

PORTUGAL AMANHÃ



TEMPO

HOJE

No continente:

Céu geralmente muito nublado, vento fraco a moderado de sudoeste, com períodos de chuva ou aguaceiros ue serão de neve na serra da Estrela. Condições favoráveis à ocorrência de chuva ou aguaceiros, em especial nas regiões do Norte.

Estado do mar:

Costa Ocidental: **Mar de pequena vaga ou cavado. Ondulação de noroeste de três metros.**

Costa Sul: **Mar de pequena vaga ou cavado. Ondulação de sudoeste de um a dois metros.**

Nos Açores:

Períodos de céu muito nublado. Vento noroeste bonançoso nos Grupos Central e Oriental. Aguaceiros fracos.

Estado do Mar: **Mar de pequena vaga. Ondulação de norte de três metros.**

Na Madeira:

Céu muito nublado. Vento sudoeste moderado. Períodos de chuva fraca.

Estado do mar: **Mar de pequena vaga ou cavado. Ondulação de noroeste de dois a três metros na costa norte e de sudoeste um metro na costa sul.**

AMANHÃ

Céu geralmente muito nublado. Vento fraco ou moderado de sudoeste. Períodos de chuva ou aguaceiros.

DEPOIS

Céu geralmente muto nublado. Vento fraco ou moderado de sudoeste, rondando para noroeste. Períodos de chuva, passando a aguaceiros a partir da tarde e condições favoráveis à ocorrência de trovoadas em especial nas regiões do Norte

MARÉS

Hoje

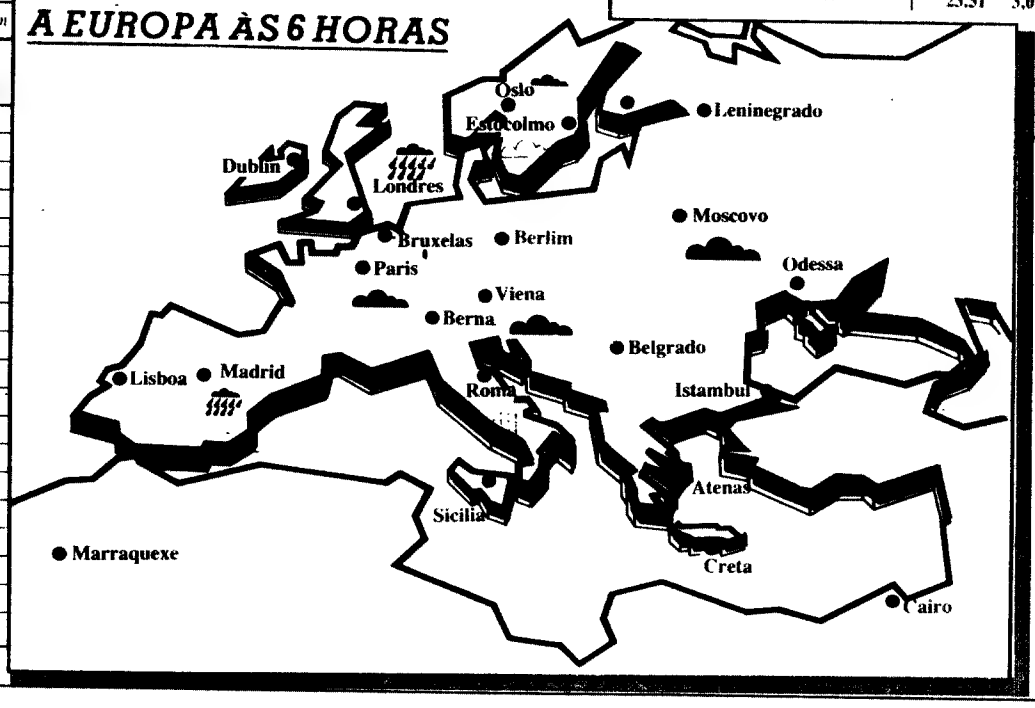
Praia-Mar		Baixa-Mar	
9.33	2,9 m	2.37	1,9 m
22.12	3,0 m	14.59	2,1 m

Amanhã

11.18	2,8 m	4.28	2,0 m
23.51	3,0 m	16.54	2,1 m

• Informação do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica.

A EUROPA ÀS 6 HORAS



• Informação da agência Lusa

EXPERIÊNCIAS DE UMA ASTRONAUTA

Marie del Valle

A vida no espaço está cheia de surpresas inesperdas. Lá em cima, a cara fica mais gorda, o corpo cresce e flutua como uma pena.

A pasta de dentes que é fornecida aos membros de uma nave espacial é digerível, já que estes não podem contar com água para as suas lavagens.

As naves não dispõem de lavatórios nem de chuveiros, pois a água das torneiras flutuaria em forma de bolhas por toda a cabina, explica Sally Ride, a primeira mulher astronauta norte-americana, no seu livro «Regresso do espaço».

Os membros da tripulação utilizam uma pistola de água, uma mangueira controlada por um disparador, com a qual molham uma esponja para se lavarem.

Fazer a barba é fácil, mas pentear o cabelo já não é brincadeira: por ser menos pesado, o cabelo flutua à volta da cabeça.

Porque a espinha dorsal não é comprimida pela gravidade, no espaço as pessoas são cerca de 2,5 cm mais altas. Também o rosto se apresenta de uma forma diferente, já que é maior a concentração de líquidos na parte superior do corpo.

Computadores vigilantes

Os tripulantes na nave espacial deitam-se todos à mesma hora. Não é necessário fazer turnos de vigia. Os computadores do veículo e os técnicos do Controlo de missão ocupam-se disso.

Não existem camas, apenas sacos de dormir, que têm que ser atados a qualquer coisa para se manterem a flutuar num ponto fixo.

No seu livro, Sally confessa que o mais agradável de estar no espaço é carecer de peso.

«É maravilhoso poder flutuar sem esforço e deslizar de um lado para o outro com grande facilidade».

No entanto, Sally teve que aprender a mover-se com o seu «corpo leve».

Comecei a tentar «nadar» através do ar — explica — mas o ar não é tão denso como a água e senti-me ridícula, como um cão a patinar sem conseguir chegar a parte alguma».

Rapidamente descobriu que tinha de tomar impulso de uma parede, empurrando o corpo suavemente. Um empurrão demasiado violento levou-a a chocar com força na parede oposta.

Também teve que superar os enjoos próprios do espaço. Durante os primeiros dias sentiu náuseas, cansaço e desorientação. As causas exactas de todo este mal-estar ainda não são conhecidas.

Menu especial

Os astronautas tomam 3 refeições por dia. Os menus são compostos de pão, atum, frutas, sopas, pudins, vegetais e pratos fortes como frango com massa, tudo congelado, seco e empacotado no vácuo em recipientes de plástico.

«As mesas são bandejas e temos que as atar às pernas — explica Sally — A maior parte do nossos alimentos são suficientemente pegajosos para poderem permanecer num recipiente sem que se ponham a flutuar enquanto comemos».

«Algumas comidas, como os ovos mexidos, não são suficientemente pegajosas, e temos que as comer, com o recipiente muito perto da boca».

Vestir qualquer coisa é também um grande desafio. «Ao princípio tinha grandes dificuldades em calçar as meias enquanto dava voltas pelo ar — disse Sally — mas logo me acostumei e cheguei a vestir as calças introduzindo as duas pernas ao mesmo tempo».

«Para evitar que nos magoássemos uns aos outros, andávamos descalços, de meias ou de sapatilhas. Como era impossível pôr os pés no chão, não era necessário protegê-los».

Nos sete dias em que Sally esteve na órbita da Terra, em cada 90 minutos e uma altitude de cerca de 322 km, a tripulação lançou 2 satélites e recolheu imensos dados.

Regresso difícil

Como depois deste período no espaço se haviam habituado à ausência de peso, a reentrada na atmosfera terrestre foi bastante traumática.

«Quatro horas antes da aterragem bebemos muito líquido para substituir aquele que tinhamos perdido — relata Sally. Se não o tivéssemos feito teríamos ficado sedentos e aturdidos. Talvez tivéssemos desmaiado, já que a gravidade empurra os líquidos corporais para as pernas».

«Devido à gravidade, o simples acto de levantar um braço requer um grande esforço e o coração, também ele acostumado à ausência de peso, tem que trabalhar duramente para se voltar a habituar — conta Sally — Mas 30 minutos depois da aterragem, tudo volta a funcionar com absoluta normalidade, tal como antes da descolagem».

CÂMARA MUNICIPAL DE SINTRA

GAB. RECUPERAÇÃO DOS B.ºs CLANDESTINOS

EDITAL N.º 56/87

FERNANDO JORGE AMARAL TAVARES DE CARVALHO, PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL DE SINTRA

FAZ PÚBLICO QUE:

Tendo-se iniciado a recuperação do Bairro Novo de Vila Verde, freguesia de Terrugem, com o convite feito pela Associação de Proprietários do Bairro Novo de Vila Verde a várias equipas técnicas para apresentação de propostas de elaboração dos planos e projectos, e sendo a recuperação financiada pelos proprietários dos lotes e dos terrenos abrangidos, torna-se necessário, nos termos da alínea C do número 1, do art.º 6.º e do art.º 9.º do Decreto-Lei 804/76 de 6 de Novembro, definir para a presente fase o montante e a forma de pagamento das comparticipações que cabem a cada um daqueles proprietários, devendo o critério proposto ser aprovado pela sua maioria.

Aprovados o montante e a forma de pagamento das comparticipações, a sua aplicação será extensiva a todos os proprietários, tenham ou não concordado com o proposto, sob pena de expropriação do seu lote ou terreno, conforme determina o número 1 do art.º 10.º do citado Decreto-Lei.

Assim, os proprietários de lotes e terrenos localizados no bairro clandestino atrás referido e deverão pronunciar-se, no prazo de um mês a partir da data da publicação do presente edital, acerca do seguinte:

1 — Todos os proprietários dos lotes e terrenos incluídos naquela área deverão entregar à Associação de Proprietários do Bairro Novo de Vila Verde, até ao dia 8, inclusivé, de cada mês, a quantia de 1 000$00, sejam sócios ou não daquela Associação.

2 — Numa fase posterior dos estudos será estabelecido um novo critério para cálculo da comparticipação a pagar por cada lote, baseado nas respectivas caracteristicas finais, sendo contabilizadas as quantias pagas até à altura.

Os proprietários que não concordarem com o estabelecido dos números 1 e 2, ou pretendam apresentar propostas alternativas, deverão fazê-lo por escrito no livro existente para o efeito na sede provisória da Associação de Proprietários do Bairro Novo de Vila Verde.

Paços do Concelho de Sintra, 17 de Março de 1987

O Presidente da Câmara

Fernando Jorge Amaral Tavares de Carvalho

CÂMARA MUNICIPAL DE SINTRA

GAB. RECUPERAÇÃO DOS B.ºs CLANDESTINOS

EDITAL N.º 54/87

FERNANDO JORGE AMARAL TAVARES DE CARVALHO, PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL DE SINTRA

FAZ PÚBLICO QUE:

Foi iniciada a recuperação do bairro Barrunchal, na freguesia de S. Pedro de Penaferrim, com a adjudicação da elaboração dos respectivos planos e projectos a uma das equipas técnicas que se apresentaram ao concurso efectuado pela Associação de Proprietários e Moradores de Barrunchal (ASPROMOB) sendo a recuperação financiada pelos proprietários dos lotes e dos terrenos abrangidos pelo Plano em elaboração, torna-se necessário nos termos da alínea C do n.º 1 do artigo 6.º e do artigo 9.º do DL 804/76 de 6 de Novembro definir para a presente fase o montante e a forma de pagamento das comparticipações que cabem a cada um daqueles proprietários, devendo o critério ser aprovado pela sua maioria.

Aprovados o montante e a forma de pagamento das comparticipações, a sua aplicação será extensiva a todos os proprietários, sob pena do disposto no n.º 1 do artigo 10.º do supracitado diploma.

Assim, os proprietários de lotes e terrenos situados no bairro de Barrunchal dentro da área delimitada na carta anexa, deverão pronunciar-se no prazo de um mês a partir da data da publicação do presente edital, acerca do seguinte:

1 Todos os proprietários dos lotes ou terrenos localizados no bairro Barrunchal deverão entregar à Associação de Proprietários do Bairro Clandestino do Barrunchal (ASPROMOB) a quantia de 13 920$00 referente a estudos e projectos.

O pagamento deverá ser efectuado da seguinte forma:

40% até 30 de Novembro de 1986
10% até 30 de Abril de 1987
10% até 31 de Maio de 1987
10% até 30 de Junho de 1987
10% até 31 de Julho de 1987
20% até 31 de Agosto de 1987

Os proprietários que não concordarem com o estabelecido no número 1 ou que pretendam apresentar propostas alternativas, deverão fazê-lo por escrito no livro existente para o efeito na sede da ASPROMOB.

Paços do Concelho de Sintra, 13 de Março de 1987

O Presidente da Câmara

Fernando Jorge Amaral Tavares de Carvalho

CÂMARA MUNICIPAL DE SINTRA

GAD. RECUPERAÇÃO DOS B.ºs CLANDESTINOS

EDITAL N.º 55/87

FERNANDO JORGE AMARAL TAVARES DE CARVALHO, PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL DE SINTRA

FAZ PÚBLICO QUE:

1 — A Associação de Proprietários do Bairro Novo de Vila Verde, freguesia de Terrugem, em colaboração com a Câmara Municipal de Sintra, está empenhada no processo de reparação urbanística e de legalização da zona.

2 — No sentido de evitar situações que de algum modo inviabilizam o Plano de Recuperação, cuja elaboração vai ser iniciada, avisam-se todos os possuidores de terrenos na zona delimitada na carta anexa, que até à conclusão do Plano e sua aprovação:

a) Não serão permitidas quaisquer obras de construção de edifícios ou vedações, incluindo a continuação de obras já iniciadas, sob pena de demolição imediata.

b) Não serão permitidos quaisquer loteamentos, sob pena de aplicação imediata das sanções previstas na Lei.

3 — Da colaboração voluntária de todos os interessados resultarão benefícios de que todos lucrarão.

4 — Toda e qualquer dúvida sobre todo este processo de legalização em curso deve ser tratada com a Associação de Proprietários do Bairro Novo de Vila Verde ou com o Gabinete de Recuperação dos Bairros Clandestinos da Câmara Municipal de Sintra.

Para constar se publique este edital e outros de igual teor nos lugares públicos do costume.

Autárquico o subscrevo.

Paços do Concelho de Sintra, 18 de Março de 1987

O Presidente da Câmara

Fernando Jorge Amaral Tavares de Carvalho

'KIÚ' DE LUIS PABLO: FALTOU O ESSENCIAL NO PALCO DO S. CARLOS

Mário Vieira de Carvalho

O louvor da beleza dos olhos claros e transparentes do cego, formulado por Carol, podia ter sido o ponto de partida de uma encenação que levasse ao extremo-limite o princípio do paradoxo, constante no libreto de «Kiú», e que fosse tão rigorosa e profunda na extracção de consequências cénicas como Luís de Pablo o foi na composição musico-dramatúrgica. Isso implicaria a elaboração de uma concepção muito mais exigente e amadurecida da obra do que aquela que parece ter estado na base do trabalho de Carlos Avilez (encenador) e Pedro Vieira de Almeida (na sua estreia como cenógrafo).

Se a ambiguidade sado-masoquista desse momento crucial entre Carol e o Cego passou despercebida face ao convencionalismo da representação - incapaz de «semantizá-la» em símbolos cénicos -, bem pode dizer-se que também passou despercebido tudo o que de explosivo existe, latente ou explícito, no texto (potenciado pela música) e está muito para além da história da viagem para «Kiú»... Faltou, em suma, o essencial: transmitir ao espectador a impressão sufocante de que na sua (dele, espectador) «sociedade racionalmente organizada» a liberdade não passa de uma aparência, transmitir-lhe o mal-estar de quem já se sentisse no S.Carlos como numa prisão...

Inserida numa estética da identificação, tanto do ponto de vista do trabalho do compositor como do ponto de vista da previsível recepção - o que, de resto, passa pela esfera de influência do expressionismo de Schoenberg ou Alban Berg, aqui claramente assumida por Luís de Pablo - uma ópera como «Kiú» supunha um palco cénico e figurinos não, decerto, naturalistas mas carregados de força simbólica e de «pathos». Se, por exemplo, a ideia central no segundo acto fosse, em contraponto com a música, negar a viagem, mostrar como aquele comboio tinha de descarrilar mesmo sem partir, então teria sido necessário criar em cena os necessários elementos de tensão entre a dinâmica da utopia, na cabeça dos passageiros, e o imobilismo da realidade (a «estação», estádio, Estado...) que se eterniza. Em qualquer hipótese, o importante era assegurar um jogo de espaços cénicos rigorosamente definidos, tanto como os figurinos, permitindo a leitura ou «descodificação» do discurso músico-dramático. Mas não foi isso o que aconteceu: à parte o sentido plástico dos volumes, tudo foi arbitrário, desde os figurinos à composição das personagens, passando pela marcação e pelas luzes. «Kiú», porém, merecia mais: com a sua orquestra tão subtil e eficazmente tratada segundo múltiplas combinações das variáveis timbre, registo, intensidade e densidade, com a sua exploração de elementos contraditórios (ritmos lisos e estriados, segmentos seriais e tonais, técnicas de desenvolvimento e justaposição, interiorização psicológica e objectivação de aspectos descritivos, canto e melodrama, etc.), com a sua escrita vocal tão expressiva - amplificando a energia da língua falada por vezes até ao paroxismo (como, por exemplo, no caso de algumas notas sobreagudas em falsete que, no revisor Babinsky, evocam o capitão do «Wozzeck», aquele um barítono, este um tenor) - a ópera de Luís de Pablo está construída com um ofício, um conhecimento da tradição músico-dramática deste século, um domínio dos problemas específicos do teatro musical contemporâneo, que não tiveram equivalente na realização cénica.

Seria precipitado, porém, derivar simplesmente da direcção cénica as insuficiências da produção. O louvável propósito de João de Freitas Branco de renovar a orientação do Teatro de S.Carlos, promovendo a estreia de obras contemporâneas, só poderá produzir frutos quando toda a concepção do teatro musical ali praticado se alterar. Se já não é possível, hoje em dia, em parte alguma do mundo, responder às exigências teatrais colocadas pela encenacão de uma ópera, mesmo tradicional, no quadro de estruturas de produção viciadas na antiga praxis italiana (onde tudo na ópera serve apenas de «décor» ao belcanto), muito menos o é tentar impor dentro desse quadro uma peça tão complexa na sua modernidade como «Kiu». Faz pena ver material humano cheio de potencialidades, de profissionalismo, de real talento, como Elvira Archer (Carol), José de Freitas (Babinsky), Fernando Serafim (Doutor), Joel Costa (Auxiliar) - isto para além dos intérpretes estrangeiros Dieter Hönig (Holmes), Manuel Cid (Foster) e Suso Mariategui(Simón, o cego), que haviam participado na estreia de Madrid e traziam já, de certo modo, «interiorizadas» as personagens (sobretudo o cego) - apresentar-se assim a meio de um trabalho de conjunto por amadurecer, a meio de personagens por compor, a meio de conflitos dramáticos por analisar. Para fazer teatro musical é preciso um tempo e condições diferentes daquelas em que se fazia outrora ópera italiana, daquelas em que ainda hoje se persiste no Teatro de S.Carlos. Em casos como este - e concluindo-se que não haveria actores-cantores da companhia residente em número suficiente para realizar todos os papéis - seria preferível «importar» de fora o espectáculo já feito, guardando-se para a companhia residente aquilo de que esta pudesse na verdade apropriar-se criativamente, através de um trabalho rigoroso, sólido, profundo, com o tempo de dramaturgia e concepção de encenação, com o tempo de ensaios musicais e cénicos, com o tempo de aperfeiçoamento e amadurecimento, sem os quais não se fará escola nem haverá «espectáculo» (o tempo é aqui apenas condição necessária, mas não suficiente...). Só assim, aliás, é que se terá força moral para vencer as resistências de uma parte do público que vai à ópera para ouvir árias e discutir vozes e que ontem não deixou de manifestar o seu desagrado por o privarem do repertório de rotina.

Note-se, finalmente, o esforço, coroado de pleno êxito, do Coro (direcção de Gianni Beltrami) e sobretudo da Orquestra do Teatro de S.Carlos, depois de uma maratona de ensaios sob a direcção de quem conhece e domina as enormes dificuldades da partitura melhor do que ninguém: o chefe de orquestra espanhol José Ramòn Encinar, que também esteve na estante de direcção quando da estreia da obra no Teatro da Zarzuela em Madrid (1983).

"Saudade" de Rui de Mascarenhas

— Um álbum com 12 temas de Rui de Mascarenhas, intitulado «Saudade», acaba de ser editado em Portugal, seis semanas depois da morte do cançonetista.

O álbum inclui canções como «Encontro às Dez», «A Noiva», «Maria Helena» e «Sê Feliz».

Rui de Mascarenhas morreu a 22 de Fevereiro, vítima de ataque cardíaco, nas vésperas de reaparecer na cena musical portuguesa com um espectáculo no «Loucuras», em Lisboa.

Cem gatos na Estufa Fria

Cerca de cem exemplares estarão presentes na II Exposição Nacional de gatos que decorrerá em Lisboa, informou a organização do certame.

Promovida pelo Clube Português de Felinicultura e aberta a felinos domésticos de todas as raças, a exposição está marcada para domingo, 12 de Abril, na Estufa Fria do Parque Eduardo VII, adiantaram os mesmos informadores.

Entre as inscrições de concorrentes, contam-se já, segundo os organizadores da exposição, proprietários epanhóis de animais.

A qualidade dos gatos concorrentes será julgada por um entendido belga, H. G. Scholler.

Editados os êxitos de "Simon and Garfunkel"

Uma colectânea com os maiores êxitos de Simon and Garfunkel acaba de ser editada em Portugal com o título «The Simon and Garfunkel Collection».

O álbum, constituído por 17 temas, abre com «I Am the Rock» (1966) e fecha com «Bridge Over Troubled Water» (1970), o maior êxito do duo desfeito há 17 anos.

O disco inclui outros temas como «The Sounds of Silence», que foi o primeiro single do duo em 1965, «Mrs. Robinson» (1968), «The Boxer» (1969) e «Cecilia» e «El Condor Pasa», ambos de 1970.

arco íris

CONCURSO RTP

nome da equipa _____

chefe da equipa _____ idade _____

morada _____

localidade _____ cod. postal _____

telef _____

Pai ou Mãe Nome: _____

2º elemento _____ idade _____

morada _____ cod. postal _____

Pai ou Mãe Nome: _____

3º elemento _____ idade _____

morada _____ cod. postal _____

Pai ou Mãe Nome: _____

RECORTE PELO TRAÇADO
PREENCHA COM LETRA MAIÚSCULAS
APARTADO 4 [illegible] LISBOA CODEX

TRIBUNAL JUDICIAL DO SEIXAL

ANÚNCIO

O DOUTOR MANUEL ANTÓNIO GONÇALVES RAPAZOTE FERNANDES, JUIZ DE DIREITO DO TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DO SEIXAL.

FAZ SABER que na Acção de Despejo N.º 94/86 que corre seus termos, pelo 1.º Juizo e 2.ª Secção deste Tribunal Judicial da Comarca do Seixal, movida pela Autora IVONE DE CASTRO FERREIRA, contra o Réu MANUEL ANTÓNIO FUNINGA PIRES, ausente em parte incerta, com última residência conhecida na Rua João de Barros, Lote 89, 6.º Andar, Frente, na Torre da Marinha, é este Réu CITADO para comparecer neste Tribunal no próximo dia 5 de Maio de 1987, pelas 14 horas, a fim de intervir na tentativa de conciliação a realizar nos Autos acima referidos, podendo-se fazer representar por procurador com poderes especiais, para transigir, sob pena de multa faltando.

MAIS FICA CITADO de que no caso da tentativa de conciliação se frustrar deve contestar no prazo de DEZ DIAS, a contar da data da tentativa de conciliação, finda que seja a dilação de MINIMA e que a falta de contestação importa na condenação do pedido.

O Duplicado da petição inicial encontra-se nesta Secção onde pode ser levantada durante as horas normais de serviço.

Para constar se lavrou o presente anúncio a fim de ser publicado em dois dias seguintes no jornal de maior leitura na área da residência do réu.

Seixal, 31 de Março de 1987

O Juiz de Direito
a) Manuel Rapazote Fernandes
O Escriturário
a) M. Cruz Pinto

«DL» 6/4/87 — 1.ª Pub.

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

15.º JUÍZO

ANÚNCIO

Execução ordinária, n.º 2892, 2.ª Secção.

Exequente — António Maria Lico Heleno, com domicílio na Rua João Silva, 6-2.º-A, Lisboa.

Executado — ISABEL MARIA ALVES COELHO, residente na Av.ª Ivens, 16- r/c-esq.º, Alfragide, Amadora.

Por este Tribunal correm éditos de vinte dias, que começarão a contar-se da data da segunda e última publicação do anúncio citando os credores desconhecidos daquela executada para, no prazo de dez dias, posterior ao dos éditos, virem à execução deduzir os seus direitos. Para constar se passou o presente edital, que vai ser devidamente afixado.

Lisboa, 87.04.01

O Juiz de Direito,
Flávio do Casal

Pel'O Escrivão de Direito,
Luís M. Rocha Cândido

«DL» 6/4/87 — 1.ª pub.

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA
11.º JUÍZO

ANÚNCIO

FAZ SABER QUE, pela 1.ª secção, do 11.º Juízo Cível de Lisboa, correm éditos de TRINTA DIAS, nos autos de Inventário Facultativo registados sob o n.º 3819,. em que é REQUERENTE: — JOÃO ALVES DINIS CHAVES, JÚNIOR, residente na R. Padre Sena de Freitas, n.º 11-1.º Dt.º em Lisboa e Requerida: — CARMEN PEREZ MARTINEZ CHAVES, com última residência conhecida na R. Padre Sena de Freitas n.º 11-1.º Dt.º em Lisboa, e no qual desempenha o encargo de cabeça de casal o Requerente supra indicado, CITANDO A INTERESSADA CARMEN PEREZ MARTINEZ CHAVES, com última residência conhecida na morada acima referenciada, para os termos do Inventário supra identificado, nos termos do disposto no art.º 1329º do CPC.

Lisboa, 2 de Março de 1987

O Juiz de Direito
a) M.ª João Alfredo Dinis Nunes

A Escriturária
a) M.ª Manuela A. Serrano

«DL» 6/4/1987 — 1.ª Pub.

CRITICA

DISCURSOS GARRETTIANOS

Carlos Porto

MÉROPE — LIBERDADE OU MORTE, sobre textos de **Almeida Garrett.** Dramaturgia / Encenação: **Castro Guedes.** Cenografia / Figurinos: **Moura Pinheiro.** Música / Sonoplastia: **José Prata.** Interpretação: **António Capelo, Fátima Castro, Luís Correia, Jorge Mota, Jorge Pinto, Luís Duarte, Jorge Paupério, Celso Castro, António Cruz, Clara Nogueira, Ana Elvira. Grupo TEAR. Estreia:** TEAR / 28-03-1987.

Tendo sido sucessivamente adiado, em preparação intermitente há mais de um ano, acabou por se estrear no TEARTO o novo espectáculo do TEAR, «Mérope — Liberdade ou Morte», sobre textos de Almeida Garrett.

Trabalho de dramaturgia bastante complexo, «Mérope...» exigia uma recreação cénica capaz de compatibilizar essa complexidade om a capacidade em tornar-se comunicante tal como o teatro o exige. Tanto a nível dramatúrgico como a nível cénico, o espectáculo do Tear funciona mais do que satisfatoriamente, é por vezes um trabalho notável. No entanto, como tem acontecido quase sempre em relação a espectáculos da responsabilidade do encenador Casto Guedes, o balanço deste joga-se entre factores fortemente positivos e outros talvez desnecessariamente negativos, ou seja, entre factores de inapelável contradição.

É de sublinhar a fluidez, a eficaz concatenação dos vários elementos que constituem esta leitura: a marcação, a luz, a cenografia, os fatos, a música, o som — elementos que jogam como uma máquina bem oleada. É evidente tratar-se de um espectáculo bem preparado, amadurecido como projecto e como realidade cénica. É este um dos seus aspectos positivos em contraste com o que acontece com frequência no nosso teatro em que os espectáculos de estreia precisam de rodagem.

O texto de «Mérope — Liberdade ou Morte» assenta fundamentalmente m em duas tragédias de Garrett, «Mérope» e «Catão», opção desde logodiscutível na medida em que se situam a níveis de qualidade de discurso dramáticos diferentes. «Mérope» é, como se sabe, uma peça da juventude do autor: «Tinha 18 anos, quando fiz esta tragédia, foi nos meus últimos tempos de Combra, tempos de memória saudosa porque eram todos de inocência e de esperança. Não sei se é por isso que ainda tenho amor a tão imperfeito ensaio, e não me atrevo a queimá-lo, como fiz a tantos versos e a tantas prosas da minha criancice.» (Garrett.) Quanto a «Catão», trata-se de uma obra amadurecida que o dramaturgo repetidamentge aperfeiçoou e cuja estreia, em 1821, foi um grande êxito de público, embora António José Saraiva / Óscar Lopes digam ter «pouca originalidade», afirmando ter sido «decalcada no 'Bruto Secondo', de Alfieri, com trechos traduzidos do «Catão» de Addison».

Discutível, pois, esta opção por textos que parecem irrenediavelmente datados, embora «Catão» conserve ainda valores a rever. Não é isso, no entanto, o que no espectáculo interessa mas sim o jogo que o dramaturgista / encenador criou à volta dos trechos escolhidos das duas obras (mas não haveria necessidade de uma maior exigência nessa escolha?), e ainda do «Alfageme de Santarém», estes surgindo só na segunda parte, e entre essas cenas, de tragédia (aquelas), de drama (esta), e os trechos do autor (dos «discursos parlamentares» e de «Portugal na Balança da Europa»), trechos ditos pela personagem Garrett criada para o espetáculo e evoluindo através da alteração dos fatos que a actualizam. Se este prsonagem funciona como o coro da tragédia, há uma evidente desfocagem entre os seus discursos, de uma espantosa actualidade, parecendo por vezes conter referências directas ao 25 de Abril, e os discursos românticos das tragédias e do drama. Mesmo sem esquecermos que o que está em cena é um tríplice discurso sobre a revelação (Liberdade ou Morte), a verdade é que a colagem nem sempre consegue operar eficaz e claramente. Se o espectáculo se joga, portanto, num mesmo registo político, a produtividade dos níveis em que ese registo funciona é que é desigual.

São fáceis de calcular os problemas levantados pela coordenação dos textos citados, apesar da sua aproximação temática e dramática, em ordem à sua clarificação. Foi através dos fatos, capacetes e insígnias, das cores usadas, da luz (vermelhos, cores quentes para Mérope; azuis/verdes, luzes frias para Catão; cores brancas para o Alfageme); atrav´da música, menos perceptivelmente; através da marcação, da alteração dos elementgos cenográficos, e do próprio estilo («Alfageme» com uma nota naturalista distingue-se das outras representações) que os vários discursos são caracterizados e definidos. Desse modo, Castro Guedes desmultiplica os planos desses textos que constituem o «corpus' deste espectáculo garrettiano.

A utilização de elementos cenográficos verticais e móveis permitem dar ao espectáculo uma grande fluidez a jogar com linhas múltiplas que enriquecem a tradução cénica do material dramatúrgico. No entanto, também neste domíonio o espectáculo denuncia aspectos contraditórios. Está dito e redito que Castro Guedes é um encenador que não consegue administrar o seu talento de forma produtiva. É um artista que não sabe dominar as suas tentações. Deixa-se tentar pela ideia da superprodução (daí a promoção do espectáculo em termos de grandes estatísticas), o que é um erro por todas as razões evidentes, além do mais porque é totalmente inviável, mas deixa-se também tentar pelo jogo experimental marcado por um grande hermetismo, pela construção de um discurso cénico cujo código o espectador não conhece. Castro Guedes usou desta vez, e não é a primeira, processos de espectaculosidade que evocam efeitos cinematográficos sobretudo através da luz e do som (nalgumas cenas) — o que lhe permitiu criar imagens muito belas, mas também outras que parecem gratuitas.

Mas não foram só esses os riscos que o encenador correu. Como no caso de outros espectáculos em que ele mais apostou e em que provavelmente mais apostas venceu, onde ultrapassou as medidas e desafiou a vertigem, foi no jogo sonoro que esses riscos foram levados mais longe, jogo sonoro com que quis reelaborar, destruindo / reconstruindo o texto. Diga-se que Castro Guedes, com a colaboração de José Prata, tem critiado alguns dos mais inventivos espectáculos do teatro português nesse campo. Neste caso, o jogo da sonoplastia — música, ruídos, passos, vozes sobrepostas — visava apagar determinadas passagens das falas e sublinhar outras. Isto é, ao abafar ruidosamente certas passagens do texto, a encenação cria, quando esse ruído cessa, uma zona de silêncio que impõe a atenção do público para as falas que se seguem. Como o público estava a tentar apreender o texto apagado, mantinha-se atento para com as palavras que passam a ser audíveis. Acontece, no entanto, pelo menos numa cena, que o acto de abafamento é demasiado prolongado e a atenção do público inevitavelmente dispersa-se e o efeito buscado, perde-se. É a estes problemas de equilíbrio que Castro Guedes nem sempre está atento.

Um processo, discutível embora, é o que tem a ver com projecto dramatúrgico e estético que faz dessa rede de palavras, música, ruídos e silêncios uma tessitura de signos. Outra coisa é o que no texto é involuntariamente ocultado atrás de vozes que não se entendem, nem quando berram nem mesmo, por vezes, em tons baixos. Aqui parece evidente que o espectador tem direito a protestar: a técnica da voz devia fazer parte do ofício do actor e de quem o dirige mas no teatro português isso nem sempre acontece. É muitas vezes uma das debilidades dos espectáculos do TEAR e portanto dos trabalhos de Castro Guedes. A este respeito gostaria de lembrar as palavras de um grande homem de teatro, Louis Jouvet, a um aprendiz, e que Carlos Rin fixou no seu livro de memórias «Le Grenier d'Arlequin»: gostaria que todos os actores, estudantes de teatro, professores, encenadores meditassem nestas palavras mesmo com o que têm de excessivo:

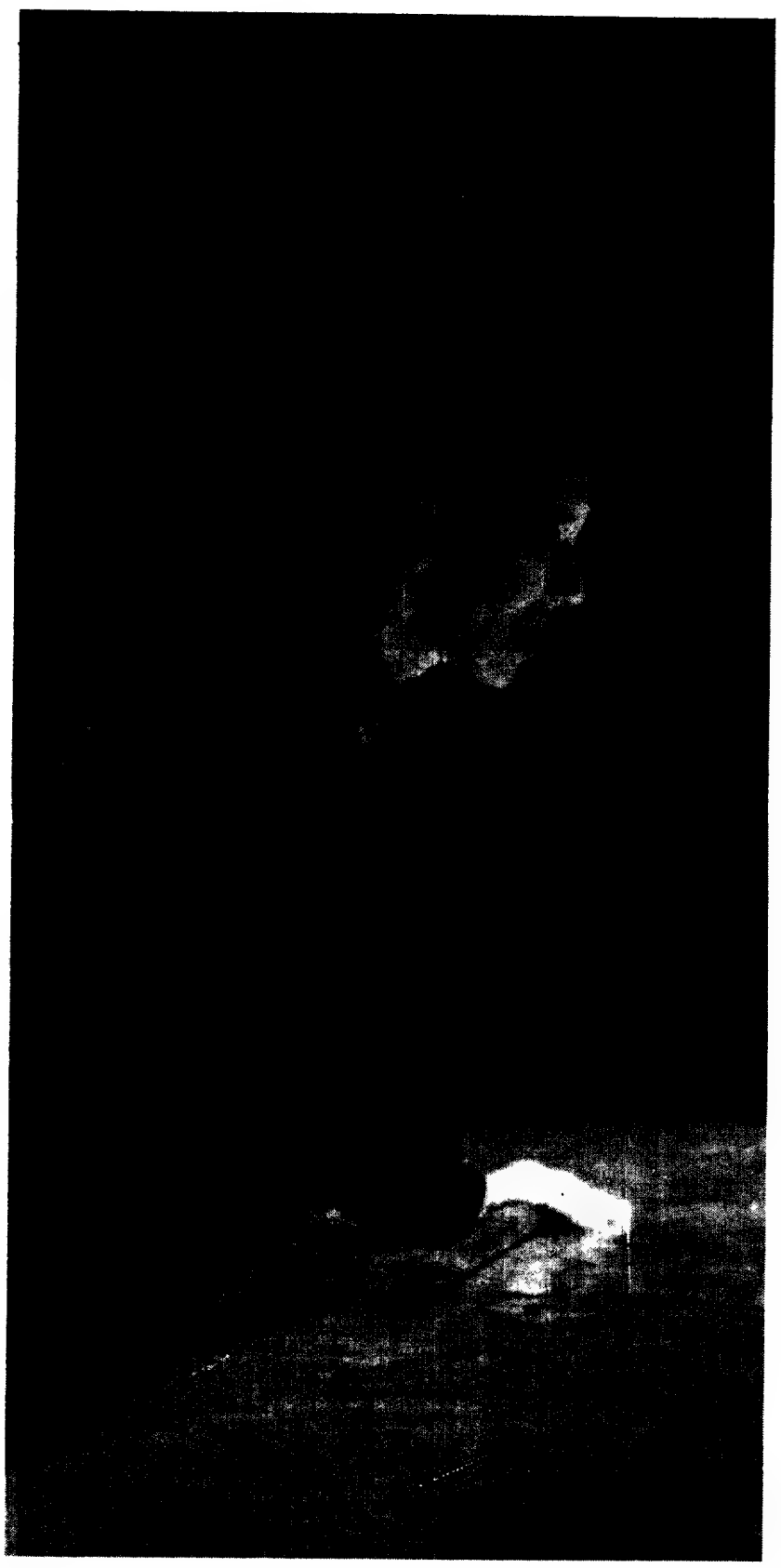
«O que conta, meu caro, é falar correctamente (**dire juste**). O talento vem depois, ou não vem nunca, isso não tem importância. Falar bem é tão útil na vida como ter boa vista ou uma bexiga que trabalhe em condições. Um tipo que fala mal é um enfermo, um falhado. Mesmo para fazer campismo é preciso falar correctamente, estás a ver? Ou então deixa de ser campismo, é um bivaque, e nós não passamos de cómicos de quartel!.»

«Mérope...» é pois um espectáculo que nos alicia e nos repele, o que de resto é frequente em espectáculos deste grupo. Agora com um elenco reforçado, com possibilidades publicamente reconhecidas pelo seu principal responsável, espera-se que o TEAR consiga superar problemas que são de duas ordens: por um lado, problemas técnicos, como vimos; por outro, problemas de incoerência de linguagem. Não se pode utilizar dentro do espectáculo processos publicitários, chamativos, e processos dirigidos a segmentos muito minoritários e especializados do público, como se o encenador estivesse a tirar coelhos de uma cartola e ao mesmo tempo a piscar o olho a um espectador que está a topar o truque. Parece cada vez menos aceitável a tentativa de compatibilização entre um projecto complexo, uma realização elaborada com um imaginário bastante rico, e falhas técnicas elementares como seja a da incapacidade de actores em dominar o seu instrumento vocal.

Nos espectáculos de Castro Guedes, o actor é ao mesmo tempo um elemento importante e uma figura menorizada. É importante porque é nele que se joga muito da comunicação que o espectáculo emite. Neste caso, há cenas em que o corpo do actor é dado em planos — grandes planos — quando acontece por exemplo, os intérpretes surgirem com as cabeças decapitadas pelo cenário para que sejam sublinhadas outras partes do corpo, ou quando grades ou redes ou posições no espaço impõem uma outra leitura das personagens, num jogo que parece formalmente rico mas nem sempre parece ser suficientemente produtivo. É de resto o que acontece com a repetição coral ou não de certas passagens da peça.

Mas, por outro lado, o actor é diminuído porque se sente ser muito pequena a zona de criatividade de que dispõe. Há uma marcação rígida, um rigor de gestos, movimentos, composição marcações colectivas, que são da encenação e condicionam o trabalho do intérprete. O actor talvez mais livre é aquele que está fora da tessitura criada por Castro Guedes, embora nela se integre: é o intérprete de Almeida Garrett (Jorge Mota) do qual não se perde uma palavra (mas não chega a haver nele uma transmutação do actor em personagem). Os restantes intérpretes cumprem o que lhes foi pedido, embora talvez sem atingirem as zonas que Castro Guedes quereria. São as vozes, repito, o seu ponto fraco, mesmo no caso de Fátima Castro cuja voz tão rica de registos um dia descobri e não voltei a ouvir. É no entanto com ela, com António Capelo, com Jorge Paupério, com Clara Nogueira, que descobrimos alguma da energia substantiva deste espectáculo.

Espectáculo importante, como proposta e como realidade, mesmo com o que nele é do domínio do virtual, mesmo com o que nela há de falhado, o novo espectáculo do TEAR.



CINEMAS

Alfas Triplex
— T. 806496

Alfa 1
PERIGOSAMENTE JUNTOS
(m. 12 anos)
14.16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Alfa 2
O NOME DA ROSA
(m. 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Alfa 3
FILHO DE UM DEUS MENOR
(m. 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Alfa 4
MONA LISA
(m. 16 anos)
13.30 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24 h

Alfa Club
T. 763319

A MISSÃO
(m. 6 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Shopping Center de Lisboa

Auditório 1
O NOME DA ROSA
(m. 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

Auditório 2
QUARTO COM VISTA SOBRE A CIDADE
(m. 12 anos)
14.15, 16,45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Auditório 3
PERIGOSAMENTE JUNTOS
(m. 12 anos)
13.45, 16.45, 18.45, 21.15 e 24.00 h

Auditório 4
MONA LISA
(m. 16 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24.00 h

Auditório 5
A COR DO DINHEIRO
(m. 12 anos)
14, 16.30, 19, 21.30 e 24.00 h

Auditório 6
A MISSÃO
(m. 6 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Apolo 70
A COR DO DINHEIRO
(maiores 12 anos)
14, 16.30, 19.00 e 21.30 h

A
— T. 539930

A VIDA É ASSIM
(Comédia)
(m. 12 anos)
15, 17, 19.10, 21.15 e 23.45 h

A
— T. 547163

EXPLORADORA EXTRA-TERRESTRE
(Int. m. 18 anos, com cenas chocantes)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Berna
— T. 776098

O NOME DA ROSA
(m. 12 anos)
14, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Uma cena do filme MATADOR, realizado por Pedro Almodovar. Interpretação de Assumpta Serna, Antonio Banderas e Julieta Serrano. Distinguido no FANTASPORTO 87 com os seguintes prémios: Melhor Realização, Melhor Actriz (Julieta Serrano. Menção Honrosa da Imprensa e Prémio Especial do Júri. Filme de qualidade, em exibição no Estúdio 444 e Quarteto.

Capitólio
— T. 372358

PRAZERES OCULTOS
(Int. m. 18 anos)
15.15, 17.00, 19.00, 21.00 e 23.00 h

Castil
T. 530194

BALADA DA PRAIA DOS CÃES
(m. 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Cinebloco
— T. 556824

A MISSÃO
(m. 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h
A NOITE DAS FACAS LONGAS
(maiores 12 anos)
24.00 h

Cinebolso

CONSULTÓRIO SEXUAL
Porno
(int. m. 18 anos)
14.30, 16.45, 19.00, 21.30 e 23.30 h

Cine Camões
T. 324194

ESMERALDAS SANGRENTAS
(maiores 12 anos)
14.15, 16.30 e 21.30 h

Cine 222
— T. 579460

O SARGENTO DE FERRO
(m. 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h
UM AMOR NA ALEMANHA
(n/acons. 18 anos)
24.00 h

Cine Portela
— T. 2524761

Estúdio Stereo
8 MILHÕES DE MANEIRAS PARA MORRER
(maiores 12 anos)
16.00 e 21.45 h

Estúdio Mono
O NAVIO FAROL
(maiores 16 anos)
15.30 e 21.30 h

City Cine
— T. 549999

PEGGY SUE CASOU-SE
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00, 21.30 e 23.45 h

Condes
— T. 322523

PLATOON – OS BRAVOS DO PELOTÃO
(m. 16 anos)
14, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Eden
— T. 320768

O MISTÉRIO DO INVISÍVEL
(int. m. 18 anos)
14, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Estúdio
— T. 555134

LEMBRAS-TE DA ÚLTIMA NOITE?
(m. 12 anos)
14.30, 17, 19.30 e 21.30 h

Estúdio ACS
— T. 887255

SARGENTO DE FERRO
(m. 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Estúdio 444
— T. 768078

O MATADOR
(m. 18 anos)
15, 17, 19 e 21.30 h

Fonte Nova
— T. 7145109

Sala 1
O CAMPO DO INFERNO
(m. 16 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Sala 2
SOCORRO
(m. 16 anos)
14.45, 16.30, 19.15 e 21.45 h

Sala 3
A FÁBRICA DE LOUCURAS
(m. 6 anos)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.15 h

Fórum Picoas

BROADWAY DANNY ROSE
(m. 12 anos) 19.00 e 22.00 h

Gemini
— T. 734009

PERIGOSAMENTE JUNTOS
(m. 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Hollywood
— T. 806847

Sala 1
PLATOON – OS BRAVOS DO PELOTÃO
(m. 16 anos)
14.15, 16.30, 19, 21.30 e 23.45 h

Sala 2
A MOSCA
(m. 12 anos)
14.30, 16.45, 18.45, 21.30 e 24 h

Imperio
— T. 555134

FORA DOS LIMITES
(m. 12 anos)
15.15, 18.30 e 21.30 h

Las Vegas
— T. 631162

Sala 1
PLATOON – OS BRAVOS DO PELOTÃO
(m. 16 anos)
15.15, 18.30 e 21.30 h

Sala 2
THÉRÈSE
(m. 12 anos)
14.15, 16.30, 18.45, 21.30 e 23.45 h

Londres
PLATOON – OS BRAVOS DO PELOTÃO
(m. 16 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h

Mundial
— T. 538743

Sala 1
PERIGOSAMENTE JUNTOS
(m. 12 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Sala 2
QUARTO COM VISTA SOBRE A CIDADE
(m. 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 h

Sala 3
A COR DO DINHEIRO
(m. 12 anos)
13.45, 16.15, 18.45 e 21.15 h

Nimas
BALADA DA PRAIA DOS CÃES
(maiores 12 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Odeon
— T. 326283

COMANDOS EM FÚRIA
(m. 16 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h

Olimpia
T. 325309

TORMENTOS DE CARNE
A partir das 14 horas
Sessões contínuas
(Int. men. 18 anos)

Pathé
— 821933

ENCERRADO PARA BENEFICIAÇÕES
Reabre brevemente

Politeama
T. 326305

COMANDOS DE ELITE
(m. 12 anos)
14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Quarteto
T. 771378

Sala 1
THERÉSE
(m. 12 anos)
15, 17, 19 e 21.30 h
PAIXÃO
(maiores 16 anos)
23.30 h

Sala 2
O MATADOR
(int. 18 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30
CHRISTINE, O CARRO ASSASSINO
(maiores 16 anos)
23.30 h

Sala 3
O LOCAL DO CRIME
(m. 16 anos)
15, 17, 19 e 21.30 h
O INTRUSO
(m. 16 anos)
23.30 h

Sala 4
O REI DOS GAZETEIROS
(m. 12 anos)
15.00, 17.00, 19.00 e 21.30 h
EXORCISTA I
(m. 16 anos)
23.30 h

Roma
T. 889192

O MISTÉRIO DO INVISÍVEL
(Int. 18 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Roxy
T. 548560

O RAPTO DA CIGANA
(n/ac. m. 18 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

S. Jorge
T. 579144

Sala 1
PERIGOSAMENTE JUNTOS
(m. 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.15 h

Sala 2
O REI DOS GAZETEIROS
(m. 12 anos)
14.30, 16.30, 18.45 e 21.15 h

Sala 3
FILHOS DE UM DEUS MENOR
(m. 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 h

Arte
— T. 730715

A VIDA É ASSIM
(Comédia)
(m. 12 anos)
15, 17, 19.10, 21.45 e 23.45 h

Star
— T. 804210

AS CHAVES DO PODER
(m. 12 anos)
15.00, 18.15 e 21.30 h

Terminal
— T. 371573

FORA DOS LIMITES
(m. 12 anos)
14.00, 16.30, 19 e 21.30 h

Tivoli
— T. 570595

A COR DO DINHEIRO
(m. 12 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Turim
T. 706666

UM VAGABUNDO NA ALTA RODA
(m. 12 anos)
15.00, 17.30 e 21.30 h

Varanda
— T. 880808

POLTERGEIST II — O OUTRO LADO
(maiores 16 anos)
15.30, 18.30 e 21.00 h

Xenon
T. 368480

CORRIDA PARA O ABISMO
(m. 18 anos)
14.15, 16.30, 19 e 21.30 h

Zodíaco
— T. 570151

Exibição permanente de filmes indianos
(m. 13 anos)
15.15, 18.15 e 21.30 h

Linha de Sintra

AMADORA — Cineteatro — «Entre o Amor e o Medo», às 15.30 e 21.15 h (m. 16 anos)

AMADORA — Cinestúdio — «Voando sobre um Ninho de Cucos», às 15.30 e 21.30 h (m. 16 anos)

AMADORA — Babilónia — «O Último Tango em Nova Iorque», às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h (m. 18 anos)

CACÉM — Cinestúdio Flores — «FX — Efeitos Mortais», às 15 e 21.30 h (m. 12 anos).

ALGUEIRÃO — Cine Teatro Chaby — «Regresso à Escola», às 21.30 (m. 12 anos)

MEM MARTINS — Estúdio Dois Eme — «O Golpe do Génio», às 21.30 h (m. 12 anos).

Linha de Cascais

ESTORIL — Casino Estoril — «A Cor do Dinheiro», às 17.00 e 21.15 h (maiores 12 anos)

ALGÉS — Cinema 2000 — «Aliens — O Recontro Final», às 15.30 e 21.30 h (maiores 16 anos).

OEIRAS — Alto da Barra — Sala 1 — «Ran — Os Senhores da Guerra», às 15.15 e 21.30 h (m. 12 anos)

Sala 2 — «O Passageiro da Noite», às 15.30 e 21.45 h (m. 16 anos)

CARCAVELOS — Atlântida Cine — «Quarto com vista sobre a Cidade», às 15.30 e 21.30 h (m. 12 anos)

CASCAIS — Miramar — Sala 1 — «Os Bravos do Pelotão», às 15.15 e 21.30 h (m. 16 anos)

Sala 2 — «O Nome da Rosa», às 15.30 e 21.30 (m. 12 anos)

Outra Banda

ALMADA — Academia — «Missão Cobra», às 15.30 e 21.30 h (m. 12 anos)

ALMADA — Cinestúdio — «Mona Lisa», às 15.30, 18.15 e 21.30 h (m. 16 anos)

ALMADA — Incrível Almadense — «Quarto de Aluguer», às 15.30 e 21.30 h (n/ac. a m. 18 anos)

CLUBE PIEDENSE —«O Nome da Rosa», às 15.30 e 21.30 (maiores 12 anos)

COSTA DE CAPARICA — Oceano — Sala 1 — «O Rei dos Gazeteiros», às 15.45 e 21.30 h (m. 12 anos)

Sala 2 — «O Nome da Rosa», às 16.15 e 21.45 h (m. 12 anos)

BARREIRO — Cinestúdio Barreirense — «A Fábrica das Loucuras», às 15 e 21.15 (m. 6 anos)

LINDA-A-VELHA — Cinetropical — «Nove Semanas e Meia», às 15.30 e 21.30 h (m. 18 anos)

ODIVELAS — Cineodivel — «Amigo Mortal», às 15.30 e 21.30 (m. 16 anos).

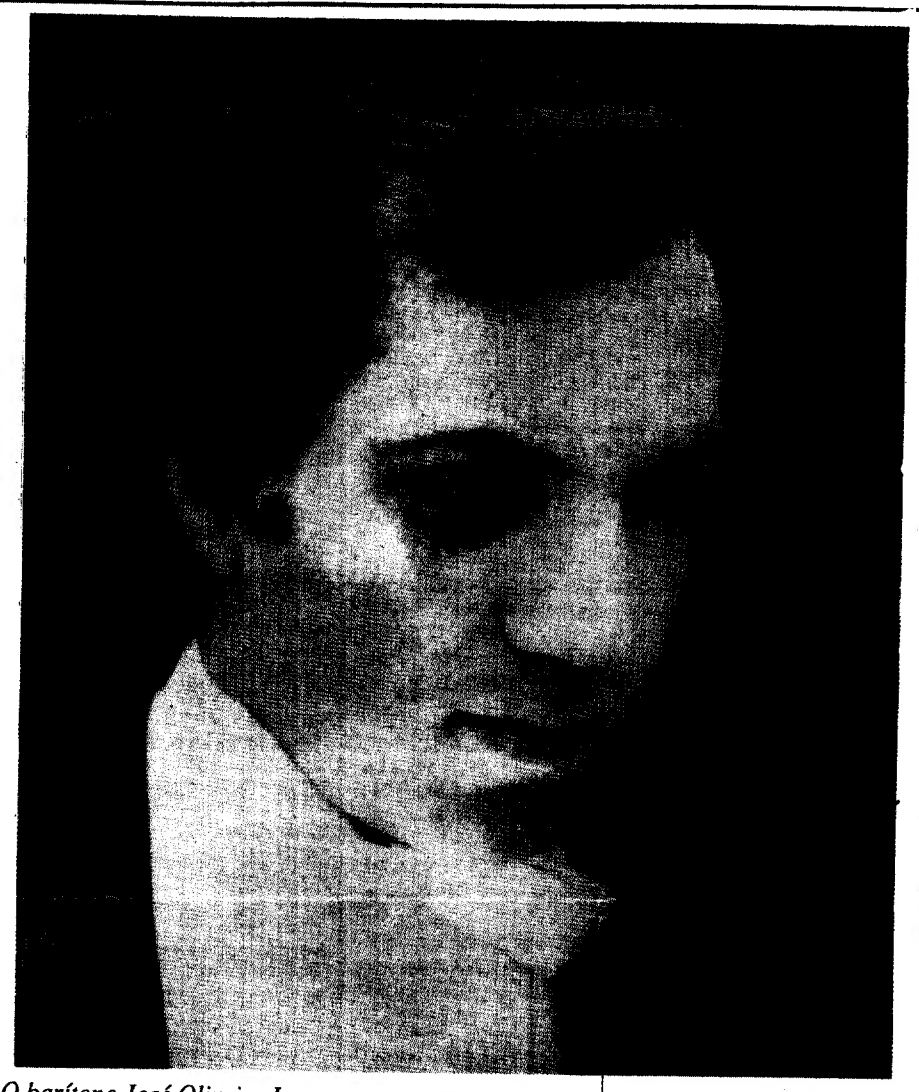
CRUZ DE PAU — Cinema Lord — «A Missão», às 16 e 21 h (m. 12 anos)

OLIVEIRA LOPES NA GULBENKIAN

Acompanhado ao piano por Fernando Azevedo, o barítono José Oliveira Lopes vai apresentar-se de novo ao público português, no Grande Auditório da Fundação Gulbenkian, num concerto que se realizará no próximo dia 9 e em que interpretará obras de Mozart (Abendempfindung Trennungslied); de Mussorgsky (Sans Soleil) e de Britten (Songs and Proverbs of William Blake, op. 74).

Oliveira Lopes diplomou-se no Conservatório de Música do Porto, onde foi aluno de Martha Amstad e de Croner de Vasconcelos. Foi bolseiro da Fundação Gulbenkian, tendo estagiado quatro anos na Alemanha, tendo trabalhado também com Gino Bechi em Lisboa e Alfredo Kraus, em Madrid. Como concertista tem-se distinguido tanto em Portugal como no estrangeiro, tendo dado recitais nos principais centros da Europa, Ásia, África, América do Sul e Estados Unidos da América. Participou também em importantes festivais no Estoril, Sintra, Algarve, no Festival de Música Religiosa de Cuenca, os festivais Ravel na França e Bélgica, assim como na Polónia, S. Paulo, Brasil, etc., assim como nas comemorações de Brahms no Japão. É galardoado com o Prémio da Casa da Imprensa e foi distinguido na Alemanha, por unanimidade do júri, como o melhor cantor do «Lieder», entre cerca de 80 concorrentes no XIX Concurso Internacional de Canto de Munique.

Oliveira Lopes estreou-se também no campo da ópera como protagonista em «Dido e Eneias», de Purcell, numa iniciativa da juventude musical portuguesa, no Teatro de S. João do Porto. Participando depois em várias realizações operatórias do Círculo Portuense de Ópera, de que é um dos fundadores, bem como no Teatro de S. Carlos, em Lisboa. Entre as figuras que interpretou contam-se a de Arsénio (Spinalba); Conde de Almaviva Bodas de Fígaro, Scarpia (Toca) Sharplesse (Madame Butterfly), Orfeu em «Orfeu e Euridice», (Albert, de Werther), Creonte (Oédipus Rex) e Dom Alfonso em (Cosi fan Tutte).



O barítono José Oliveira Lopes

Pintura na exposição do Tea tro das Quatro Estações em Leiria

EXPOSIÇÕES

• SNBA (R. Barata Salgueiro, 36): exposição de Fotografia de Valente Alves até 26 de Abril, todos os dias excepto segundas, das 14 às 20.

• GALERIA JN (Porto): exposição de Pintura de José Mouga com o título «Memórias/Bestiário», patente das 14,30 às 19,30, excepto domingos e segundas.

• INTER-ATRIUM (Av. da Boavista, Porto): exposição de óleos de Pedro Olayo (filho), até 18 de Abril, de segunda a sábado das 10,30 às 23, domingos das 14,30 às 20.

• FUNDAÇÃO ENG. ANTÓNIO DE ALMEIDA (R. Tenente Valadim, 231-Porto): exposição sobre «Castelão, Nós e o Acordo Ortográfico», até 11 de Abril.

• EX-CAVES VIDIGAL (Leiria): o Teatro das Quatro Estações promove uma exposição dos três artistas plásticos Gonçalo Ruivo (pintura), Armanda Duarte (pintura) e Sérgio Taborda (escultura)

• GALERIA NOVO SÉCULO (R. do Século, 23-A): «Bar Atlântico-Pinturas de Carlos Barroco», até final de Abril.

• GALERIA DE ARTE FONTE NOVA (Est. de Benfica, 503): exposição de trabalhos de Nuno Sam Payo até 23 de Abril, patente todos os dias das 10 às 24.

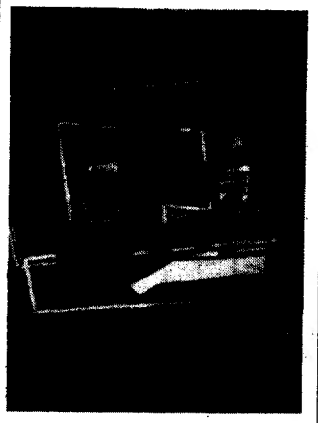
• MUSEU REGIONAL DE SINTRA: exposição de Pintura de Maria Brígida, patente das 9,30 às 12 e das 14 às 18.

• HOTEL DOS NAVEGADORES (Monte Gordo): a Galeria Olharte de Lisboa apresenta, no âmbito da inauguração do Hotel Apartamentos Atlântico, uma exposição de jovens artistas da galeria, sob o título «Escadas no Sul». Patente até ao próximo dia 11, com trabalhos de Carlos Augusto Ribeiro, Gil Heitor Cortesão, João Jacinto, Sérgio e Teresa Inácio, das 15 às 23 horas.

• SEDE DO MDM (Av. Duque de Loulé, 111-4º): exposição de Pintura de Maria Antónia Santos, até dia 27. Esta pintora tem o curso superior de Pintura da ESBAL, foi professora na Escola António Arroio e bolseira da Gulbenkian. Tem exposto, colectiva e individualmente, desde 1960, em numerosas cidades do país e do estrangeiro.

• COOPERATIVA ÁRVORE (Porto): duas exposições, de Filipe Rocha da Silva (Fundo sob Figuras), 25 desenhos recentes e outra de Fotografia de Mário Cabrita Gil, em colaboração com a Galeria «Cómicos» de Lisboa, «A Idade da Prata» acompanhada pelo livro com o mesmo título, editado pela Imprensa Nacional.

• GALERIA DA POUSADA DE PALMELA: exposição «Varandas de Lua Cheia», da autoria do artista moçambicano Chichorro, patente até 6 de Maio.



Óleo de Pedro Olayo (filho)

• GALERIA TRI^ANGULO 48 (Av. D. Vasco da Gama, 48-A): esta galeria, agora inaugurada, apresenta uma exposição de Pintura com trabalhos de Espiga Pinto. Patente até 27 de Abril, de segunda a sexta das 14 às 20, sábados das 10 às 13 e domingo dia 26 das 15 às 20.

• CENTRO DE ARTE MODERNA (Gulbenkian): exposição de Fotografia de Manuel Magalhães. Dia 9 às 18,30, visita guiada por Bernardo Pinto de Almeida; dia 14 à mesma hora, «Diálogo com o Fotógrafo» - mesa redonda com Natália Correia, Joaquim Matos Chaves e Pedro Frade.

• INSTITUTO ALEMÃO: «Ser ou não Ser», uma exposição de Pintura de Ana Leonor, até 29 de Abril.

• SNBA (R. Barata Salgueiro, 39): exposição com os mais recentes trabalhos de Pintura de José Ribeiro, patente até 12 de Abril.

• SNBA (R. Barata Salgueiro, 39): exposição de esculturas de Álvaro Carneiro, até 26 de Abril.

• IAM-GALERIA (R. da Misericórdia, 92-1º): exposição de trabalhos de Aldina Costa, até 8 de Abril.

• GALERIA «A MONUMENTAL» (Campo dos Mártires da Pátria, 101: exposição de fotografias de Mariano Piçarra, até 14 de Abril, de terça a domingo das 15 às 20.

• GALERIA DO RESTAURANTE ESCORIAL: exposição de Pintura de Rui Cunha, até 30 de Abril, todos os dias das 12 às 24.

• MUSEU NACIONAL DO AZULEJO: exposição e cerâmica de Mário Castanheira, patente durante o mês de Abril.

• GALERIA DE ARTE CRIS SHOP (Centro Comercial Girassolum-Coimbra): exposição de Pintura de Kira, até 9 de Abril, patente todos os dias das 10,30 às 22,30.

Fotografia de Mariano Piçarra, na Monumental

• CETÁRIA-GALERIAS DE ARTE (Pousada de S. Filipe, Setúbal): exposição de José Duarte Saraiva e de Olivia Fletcher (pintura), até 24 de Abril, diariamente das 10 às 22.

• ALLIANCE FRANÇAISE (Almada): exposição «Almada Velha», pintura de Albino Moura, patente até 10 de Abril na R. D. Francisco Manuel de Melo, 38, naquela cidade.

• GALERIA DE ARTE DE TAVIRA: exposição de pintura de Carlos Lança, até 17 de Abril, todos os dias das 10 às 13 e das 15 às 19.

• GULBENKIAN - HORÁRIOS: a partir do dia 1 de Abril, o horário das exposições patentes ao público nas galerias de exposições temporárias passa a ser idêntico ao do Centro de Arte Moderna e do Museu Calouste Gulbenkian. Assim, os horários passarão a ser os seguintes: Inverno (de 1 de Novembro a 30 de Junho) - segundas e feriados, encerrados; de terça a domingo, das 10 às 17; Verão (de 1 de Julho a 31 de Outubro) - igualmente encerrados às segundas e feriados; terças, quintas, sextas e domingos, das 10 às 17; quartas e sábados, das 14 às 19,30). As exposições nas galerias das exposições temporárias manter-se-ão abertas até às 18,30, apenas nos dias em que haja espectáculos no grande auditório e durante o intervalo dos mesmos, como se tem vindo a praticar.

CINEMA

• CINEMATECA PORTUGUESA: «Francis Ford Coppola em Contexto», às 18,30 o filme «Dementia 13» com Luana Anders e William Campbell; às 21,30, «Uma Mulher da Rua» com Barbara Hershley e David Carradine.

• FORUM PICOAS: Ciclo New York, New York com «O Agente da Broadway» de Woody Allen, com o próprio e Mia Farrow.

Farmácias

Linha de Sintra: AMADORA: Amadora P. 25 de Abril 3-A (T. 4935518). Perm. **CAMPOS** — R. Elias Garcia, 185 (T. 4930072) Até às 22h. **CLABEL** — R. António Sardinha, 23-D (T. 4938551) Até às 19 h. **Queluz: PINTO LEAL** — Perm. **Camarate: FLORES** — Av. Forças Armadas, V.Mor — CATUJAL (T.2510850) Até às 19 h. **Cacém: CENTRAL** — R. Elias Garcia, 55 (T. 9240034) Perm. **Mem Martins: QUÍMIA** — EST. Mem Martins, 285 (T. 9214820) Perm. **Mercês: CLARO RUSSO** — r. Abade Faria, 2-A (Telef. 9215275) Até às 22 horas.
Rio de Mouro: RIO MOURO — Av. Oscar Monteiro Torres, 6 (T. 9260194) Até às 22 h. Sintra: SIMÕES — R. Heliodoro Salgado, 26 (T. 9230832) Perm. Colares: ABREJA — (T. 9290088) **OUTRAS FARMÁCIAS: — Moscavide: JANELA** — Av. Moscavide, 44-B. (T. 2518520) Até às 22 h. **Sacavém: LOURENÇO — Av. Almirante Reis, 31, (T. 2518151) Perm. Loures: SARAIVA** — Av. República, 86 (T. 9830027) Até às 22 h. **Aveiro: AVEIRENSE** — R. Coimbra, 13 (T. 24833) Perm. **Outra Banda — Almada: MACEDO HENRIQUES** — R. Bem. Franc. Costa, Lote 1 (T. 2751297) Perm. **Cova da Piedade: CERQUEIRA** — L. 5 de Outubro, 18 (T. 2750254) Perm. **Monte Caparica: NOVA — R. Trab. Rurais, 82 (T. 2954436) Até às 19 h. Costa da Caparica: CHAi** — Av. General Humberto Delgado, (T. 2403218) Até às 19 h. **Feijó: TOVAR CHAVES** — R. dr. Antonio Elvas, 104-D. (T. 2296119) Até às 22 h. **Sesimbra: LEÃO** — Av. Liberdade, 13 (T. 2233471) Até às 19 h. **Lavradio: J. CONSOLADO — Av. Joaq. J. Fernandes, 17-C (T. 2043126) Até às 19 h. Barreiro: PIÇARRA** — Av. Bocage, 65-A (T. 2074771) Perm. **Baixa da Banheira: ALIANÇA** — Est. Nacional 178-B (T. 2040302) **Corroios: ABREU CARDOSO — B.º Cid. Setúbal, 1-B (T. 2291192) Até às 19 h. Amora: MATOS LOPES** — R. 1.º de Mario, Lote, 401 (T. 2216355) Até às 22 h. **Torre da Marinha: ALVES VELHO,** — L. Camões, 27 (T. 221132) Até às 22 h. **Montijo: MODERNA** — R. Bulhão Pato, 60 (T. 2310156) Até às 22 h. **Moita: SILVA ROCHA** — P. República, 16 (T. 2390029) Até às 19 h. **Alhos Vedros: GUSMÃO** — R. Cândido Reis, 30 (T. 2040020) Até às 19 h. **Alcochete: GAMEIRO** — L. António Santos Jorge, 15 (T. 2340100) Até às 19 h. **Setúbal: LISBOA** — R. dr. Paulo Borga, 70 (T. 222448) Perm. — **TAVARES DA SILVA,** — R. Gaivotas, 68 (T. 29316) Perm. — **ISABEL,** L. Batalha Viso, Lote 86 (T. 21677) Até às 22 h. **Linha de Cascais: — Algés: Combatentes** — Av. Comb. G. Guerra, 166 (T. 42104953) Perm. **Linda-a-Velha: MELO ALMEIDA** — R. D. Diogo Couto lote 182 (T. 4191697) Até às 19 h.
Tires: GUIMARÃES — L. Duartes, Lote A-r/c (T. 2441616) Até às 22 h. **Alcabideche: CARVALHO** — B.º Padre P. Correia, 4 — (T. 2690363) Até às 22 h. **Porto Salvo: FERREIRA BASTOS** — R. D. Firmino Rebelo (T. 2421015) Até às 22 h. **Caxias: NOVA** — R. Benardino Ribeiro, 1-A (T. 2432839) Até às 22 h. **Carcavelos: CENTRAL** — R. 5 de Outubro, 25 (T. 2470037) Perm. **S. D. Rana: GODINHO SILVEIRA** — R. A. Albuquerque, Lote B-Lj. (2470361) Até às 22 h. **Malveira da Serra: LUZ** — Estrada Nacional (T. 2850635) Até às 22 h. **Oeiras: ALCÂNTARA GUERREIRO** — P. Residencial dr. Augusto Castro, Lote 10 (Perm. 2430691) Perm. **Parede: MACAU** — R. J. Elias Garcia, 482 (T. 2471755) Perm. **Sassoeiros: AMARAL** — Quinta das Encostas (T. 2461312) Até às 22 horas. **Birre: IMANI** — Lote 7-B-Hera (T. 2852121) **Madorna: MADEIRA** — Rua A (T. 2476326) Até às 22 h. **Amoreiras: ABRANTES** — Viv.ª Maria Carlos Anjos (T. 2682313) Até às 22 h. **Estoril: MARQUES DOS SANTOS** — R. Ferreira J-A, 15 (T. 260116) Até às 22 h. **Cascais: MARGINAL** — Av. Marginal (T. 280078) Perm.

PERMANENTE

AJUDA: Moura, Travessa da Memória, 55 (T. 630944); **ALCÂNTARA: Vieira Rosa,** Rua Prior do Crato, 72 (T. 660187);
AREEIRO: Vera Cruz, Praça Afrânio Peixoto, 2-B (T. 884941); **BENFICA-ESTAÇÃO-URUGUGAI: Santa Cruz,** Av. Gomes Pereira, 34-B (T. 704828); **CAMOES: Sanitas,** Praça Luís Camões, 22-24 (T. 322798); 2CAMPO GRANDE: Nova Iorque, Av. Estados Unidos América, 140-B (T. 760658); **CAMPOLIDE: Oliveira,** Rua de Campolide, 54-A (T. 684424); **ENCARNAÇÃO: Ascenso,** Praça do Norte, 11-A (T. 311216); **ESTEFÂNIA: ESTEFÂNIA:** Rua Pascoal Melo, 90 (T. 544438); **GOMES FREIRE: Salutar,** Rua Conde Redondo, 9-B (T.683694); **GRAÇA: Monte,** Rua Senhora do Monte, 30 A-B (T. 867892); **LUMIAR: São Tomé,** Estrada do Desvio, lote 12-C (T. 790704); **PICHELEIRA: Marluz,** Calçada da Picheleira, 140 B-C e Rua Prof. Mira Fernandes, MAF (T. 880703); **SÃO SEBASTIÃO: Novais,** Av. Luís Bívar, 11-13 (T. 544324); **CARNAXIDE: H. Amaral,** Praceta António Boto, 11-A (T. 4108056); **COLINA SOL-BRANDOA-AMADORA: Vidal Reis,** Urb. Alfornel — Célula G — lote 35 (T. 996540); **PATAMEIRAS-ODIVELAS: Amaral,** Rua Antero Quental, 8-8 A (T. 9825455); **PONTINHA: Leitão Ribeiro,** Rua A. do Falcão, 3-A (T. 993912).

REFORÇO

ALFAMA-ESCOLAS GERAIS: Anunciada, Rua do Vigário, 72-74 (T. 866260); **ALTO SÃO JOÃO: Nova Luz,** Rua D. Domingos Jardo, 28-A (T. 843439); **ALVALADE: Alentejo,** Av. da Igreja, 28-B (T. 892682); **ANJOS-CHILE: Antolin,** Av. Almirante Reis, 88 B-C (T. 821773); **AV. REPÚBLICA: Cardote,** Av. Visconde Valmor, 28 A-B-C (T. 772291); **BAIXA-COLISEU: Frazão, Rua Portas Santo Antão, 70-72 (T. 328180); BENEFICÊNCIA-SETE RIOS: Laranjeiras,** Rua Filipe da Mata, 160-162 (T. 721035); **CEMITÉRIO INGLESES: Urbano Freitas,** Rua Silva Carvalho, 1-5 (T. 662838); **CHELAS: Lopes Cortez,** Rua Rui Sousa, 65-A (T. 886565); **SANTO AMARO-CALVÁRIO: Lisbonense,** Rua Leão de Oliveira, 2-B (T. 637020); **BURACA-AMADORA: Vaz Martins,** Rua António Ferro, 6-A (T. 970660); **OLIVAL BASTO: Nova,** Rua Açores, 11-A (T. 9810305); **PRIOR VELHO: Matos,** Travessa das Prioras (T. 2519939).

PORTO/TURNO — Reforço: das 9 às 12 e das 14 às 22 h

FOZ — R. Senhora da Luz, 380-Foz; PENINSULAR — R. Chã, 100; DO CAMPO — Praça da República, 118; CONSTITUIÇÃO — R. da Constituição, 93; MARQUES DE MENDONÇA — R. do Ameal, 251.

De dia e toda a noite

ESTÁCIO — R. Sá da Bandeira, 120; ALVES MOREIRA — Avenida Rodrigues de Freitas, 167; DA GIESTA — R. D. Afonso Henriques, 206-Areosa; AZEVEDO — R. de Azevedo, 136 (a Campanhã); PINHEIRO MANSO — R. S. João de Brito, 25-29.

COIMBRA/TURNO

S. SEBASTIÃO — R. A. Jardim, 23 (permanente); OLIVEIRA RAMOS — Monte Formoso (reforço); NAZARETH — Av. João Regras (permanente).

TEATROS

Comuna — Sala 2

P. Espanha (Telef. 7260818)
De 3.ª a sáb., às 21.30, e domingos, às 17 h.
«VICTOR OU AS CRIANÇAS NO PODER» de Roger Vitrac, Enc. de João Mota.

CAFÉ-TEATRO

Sextas e Sábados, às 24 h. **«FARSA VOCÊ MESMO»** — um espectáculo de café-teatro — coordenação geral de Carlos Paulo e João Mota.

Oficina do Grotesco

R. da Palma, 268
5.ª, 6.ª e sábado, às 21.00; domingo, às 17.00

«MINHA MÃE E SUAS QUATRO FILHAS». Escrito e interpretado por Maria Morais.

Trindade

R. Nova da Trindade — Tel. 32 00 00
De 3.ª a sábado, às 21.00; domingos, às 16.00

«A MULHER DO CAMPO», de William Wycherley. Pelo Teatro da Cornucópia. Música de José Mário Branco.

Maria Matos

Av. Frei Miguel Contreiras — Tel. 89 70 17
De 3.ª a sábado, às 20.30 e 22.45; domingo e feriados, às 16.00

«ESCRITA EM DIA». Nova versão de «Isto É Maria Vitória», original de Henrique Santana, Francisco Nicholson, Rogério Bracinha com a colaboração de Mário Zambujal.

Laura Alves

R. da Palma, 251 — Tel. 86 47 56
De 3.ª a domingo, às 20.30 e 22.45; domingos e feriados, às 16.00

«CÁ ESTÃO ELES«, texto de César de Oliveira e Varela Silva.

Teatro Nacional D. Maria II

Pç. D. Pedro IV — Tel. 32 22 10
De terça a sáb., às 21.30; domingos, às 16.00

«ANATOL», de Arthur Schnizler. Enc. Ricardo Pais. Cen./fig. de António Lagarto. Música de António Emiliano.

Sala Experimental
De terça a sábado, às 21.45; sábado e domingo, às 16.30

«O DIABINHO DA MÃO FURADA». Pelo Grupo da Barraca.

Porto — Teatro Campo Alegre

R. Campo Alegre, 627 — Tel. 38 21 31
De 3.ª a domingo, às 21.45; domingo, às 16.00

«O MOTIM», de Miguel Franco; pelo Seiva Trupe. Encenação de Norberto Barroca. Intérpretes: António Reis, Estrela Novais, Alfredo Correia, Luís Cunha e Lourdes Rodrigues.

Porto — Teatro Sá da Bandeira

R. Sá da Bandeira, 108 — Tel. 22 550
Quintas, sextas e sábados, às 20.30 e 23.00; domingos, terças e quartas, às 21.30; domingos e feriados, às 16.00

«LISBOA, TEJO E TUDO», de César de Oliveira, Raul Solnado e Fialho Gouveia. Intérpretes: Carlos Miguel, Camacho Costa, Helena Isabel, Henrique Viana, Mariema, Paulo César, etc.

Setubal — Teatro de Bolso

R. Dr. Aníbal Álvares da Silva, 9 Tel. 29130
De 5.ª a domg., às 21.30

«ATÉ AMANHÃ», Sobre textos de Jaime Salazar Sampaio. Pelo TASS. Enc. de João Manuel.

Sociedade Guilherme Cossoul

Av. D. Carlos, 61, 1.º — Tel. 66 59 06
Sábados e domingos, às 16.00

«MORTE NO BAIRRO», de Alfonso Sastre. Versão e encenação de Hermínio Fernandes. Interpretação do Grupo da Sociedade Guilherme Cossoul.

Teatro «A Barraca»

R. Alexandre Herculano, 70 — Tel. 68 63 00
Dias 3 e 4, às 21.45

«EM BIZANGO DE BIZANGONGO», d Manuel Geraldo. Pelo Teatro em Construção. Encenação de M. Oliveira. Música de Jonel Abreu.

TEATRO ABERTO

P. de Espanha — Tel. 77 09 69
4.ªs e 5.ªs, às 21.30; domingos, às 16.00 e 21.30

«O JARDIM DAS CEREJEIRAS», de Tchekov. Versão de João Lourenço e Vera San Payo de Lemos. Música de Eduardo Paes Mamede. Cenografia de José Manuel Castanheira.

Algés — Teatro 1.º Acto

De quinta a sábado, às 21.30; sábados e domingos, às 17.00

«ALZIRA POWER», de António Bivar. Por três elencos do Grupo Teatro Espaço. Encenação de Águeda Sena.

Vasco Santana

Av. da República, 16 — Tel. 76 86 09
3.ªs, 4.ªs e 5.ªs, às 19.00; 6.ªs e sábados, às 21.30; domingos, às 16.00

«SYLVIA PLATH — QUEM MATOU?», de Barry Kyle. Tradução de Teresa Guerreiro. Direcção de Luzia Maria Martins. Montagem de Fernando Filipe.

Teatro Maizum

R. Santiago, 19, Alfama — Tel. 86 55 03
Na sala do IFICT
2.ª, 3.ª e 4.ª, às 19.00; 5.ª, 6.ª e sábado, às 21.30.

«UM JIPE EM SEGUNDA MÃO», de Fernando DaCosta. Encenação de Adolfo Gutkin. Cenografia de José M. Castanheira.

Porto — Tearto

R. do Heroísmo, 86 — Tel. 57 32 65
5.ª e 6.ª, às 21.30; sábado e domingo, às 16.00 e 21.30

«MÉROPE — LIBERDADE OU MORTE». Pelo TEAR. Encenação de Castro Guedes.

Cascais — TEC — Espaço 2

Av. Marechal Carmona, 6-B — Tel. 286 79 33
De 2.ª a 4.ª, às 18.00; 5.ª e 6.ª, às 18.00 e 21.30; sábado e domingo, às 16.00 e 21.30

«ATO DA ÍNDIA E D'OUTRAS ANDANÇAS», de Guilherme Filipe, com base em Gil Vicente.

Teatro Ibérico

R. de Xabregas, 54 — Tel. 38 25 31
De 3.ª a sábado, às 18.30; domingo, às 17.00

«O PRANTO DE MARIA PARDA» e **«QUEM TEM FARELOS?»**, de Gil Vicente. Encenação de Blanco Xil. Cenários e figurinos de António Filipe.

Variedades

Parque Mayer — Tel. 32 60 37
Todas as noites, às 21.30; domingos e feriados, às 16.00

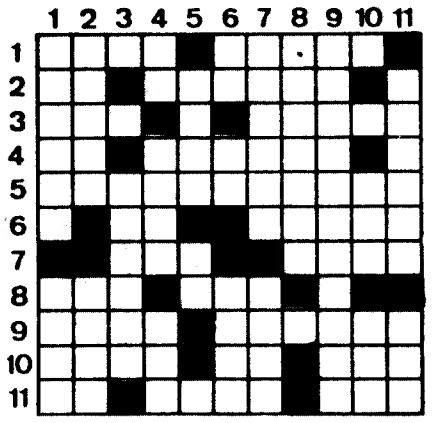
«AQUI HÁ FANTASMAS», original em português de Henrique Santana. Encenação de Henrique Santana. Intérpretes: Henrique Santana, Rita Ribeiro, Henrique Santos, Carlos Quintas, Armando Cortez, Maria Helena Matos, Luís Alberto e António Feio.

PALAVRAS CRUZADAS

COM PROVÉRBIO PROBLEMA N.º 17 001

HORIZONTAIS:

1 Aquele que. Expele cuspo.
2 Pátria de Abraão. Aguçai.
3 Herdade delimitada por marcos. Cabrito de um ano.
4 O lado do vento. Triste (fig).
5 Dissipar. Vi.
6 Antiga unidade mnetária da Alemanha. Pavio.
7 Unidade monetária do Japão. Triturar.
8 Utensílios domésticos. Ferro temperado.
9 Cidade da Grécia. Cinge com os braços.
10 Vassourar o forno depois de aquecido. Batráquio. Rio de Portugal.
11 Preposição e artigo. Amanhã (ant). Suspiros.



VERTICAIS:

1 Roubo de casa (gir). Um dos Estados do Brasil.
2 Freguesia do concelho de Mogadouro. Jarro (planta).
3 Penoso.
4 Ruim. Equipe. Donzela de Orleães.
5 Cume. Em a.
6 Cério (s.q). Prata (s.q). Rosto.
7 Rezaram. Espécie de mangueira do Gabão.
8 Esgotem (fig).
9 Brinquedo em forma de pêra que gira apoiado num bico. Doce de coco.
10 Pronome pessoal complemento. Tomba.
11 Imitar. Preposição e artigo (pl).

Resolveu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º 17 000

HORIZONTAIS:

1 A. AGULHA. Br.
2 Ródano. Ea.
3 Rs. Biron. Cp.
4 Iaco. Ovar.
5 Samoa. Reina.
6 Ion. Oe! Vai.
7 Val. Sud. Ela.
8 Abater.
9 Surrara. Mm.
10 Aoro. Hauy.
11 Essa. Safras.

VERTICAIS:

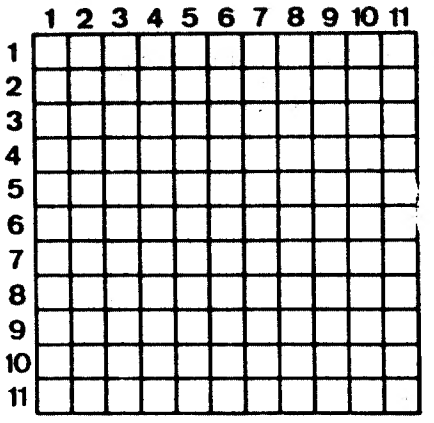
1 Arras. VESTE.
2 OS. Aia.
3 Ad. Imolaras.
4 Gabaon. Broa.
5 Única. Saar.
6 Loro. OUTROS.
7 Rédea.
8 Noé. Hf.
9 E. VIVE. Mar.
10 Bacanal. NUA.
11 Praias. Ys.

PROBÉRBIO: A agulha veste os outros e vive nua.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 15 830

HORIZONTAIS:

1 Designação japonesa do leque de bambu e papel. Marido de Betsabé.
2 Consumia. Ruténio (s.q).
3 Época. Saíra frequentemente à rua.
4 Preposição e artigo. Atacar.
5 Protector. Reis.
6 Serra de Portugal.
7 Galanteio.
8 Ave pernalta. Adulador (fig).
9 Descobriram (pop). Serra de Portugal.
10 Freguesia do concelho de Oliveira do Bairro. Nome africano da noz da cola. Arara.
11 Sadias. Fecho as asas para descer mais depressa. Pedras de moinho.



VERTICAIS:

1 Cidade da Suécia. Povo da Gália.
2 Caldo de arroz, temperado com sal (Bras). Abertura no alto de uma muralha de uma fortaleza por onde se visava o inimigo.
3 Ilha do Estado da Baía. Frutos da tamareira.
4 Vossa alteza. Composição dramática.
5 Alcançaremos com a vista.
6 Legislador de Atenas, um dos sete sábios da Grécia 640 - 558 aC. Bismuto (s.q).
7 Invulgar. Jovial (ant).
8 Nome de homem. Medida itinerária do Japão.
9 Travaram luta com.
10 Cidade de França. Roedor africano, vizinho do esquilo.
11 Transpirar. Carvões incandescentes.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º 15 829

HORIZONTAIS:

1 Iacoba. Irea.
2 Lâmia. Única.
3 Frita. Marão.
4 Olá. Car.
5 Rem. Omar.
6 Diabo. Me.
7 Cr. Raiva.
8 Aah. Ailó. Pê.
9 Adivinharas.
10 Roças. Ar. It.
11 Ou. Usasse.

VERTICAIS:

1 Ilford. Aaro.
2 Aar. Elrado.
3 CMI. Machico.
4 Oito. Vau.
5 Baal. Orais.
6 Ás. Ain.
7 Um. Bilhas.
8 Inaco. Voara.
9 Riram.
10 Ecaram. Pais.
11 São. Releste.

Radio

ANTENA UM

16.00: Pequeno Jornal; **18.00:** Regressos — João Coelho; **19.00:** Informação e Música; **20.00:** No Estúdio e no Estádio Informação desportiva-2.ª edição); **20.15:** Música portuguesa; **20.30:** Diálogo; 21.00: Musical; **21.30:** Imaginário; **23.30:** Títulos do «Jornal da meia-noite». Noticiário de hora a hora.

PROGRAMA 2

15.00: Antologia Haydniana; **16.20:** Solos de cravo por Albert Fuller; **16.30:** Álbum musical — Introdução e Rondó caprichoso op. 25, de Saint-Saens — Ária do 2.º acto da ópera «As Bodas de Fígaro», de Mozart — Fantasia de «Bachianas Brasileiras n.º 6», de Vila-Lobos — Orbe e Ceptro, marcha da Coroação de Isabel II de Inglaterra, de William Walton; **17.00** Terra viva, planeta azul; **17.30:** Trechos de óperas; **18.40:** Música instrumental — Abertura da opereta «O Barão Cigano», de Johann Strauss — Dança, de Debussy — Orquestração de Ravel; — Valsa das flores, do bailado «Quebra-Nozes», de Tchaikowski; **19.00:** Integrais — Música concertante de Bela Bartock; **19.26:** Música; **19.45:** Foletim: 10.º Episódio de «Avieiros», de Alves Redol; **20.05:** Música; **20.40:** Música para viola dedilhada — Sarabande em mi menor, de Bach — Duo em sol maior op. 34, de Fernando Carulli — «Romanza» do concertino em lá menor, op. 72, de Salvador Bacarisse; **21.00:** Concerto sinfónico — Abertura da ópera «Genoveva», op. 81, de Schumann — Concerto como um divertimento, para violoncelo e orq., de Joaquim Rodrigo — Tasso — Lamento e Triunfo, poema sinfónico n.º 2, de Liszt; **22.00:** Vida e obra de grandes músicos; **23.00:** O canto e os seus intérpretes; **24.00:** Música de Vivaldi — As Quatro Estações; **00.50:** Último andamento; **0100:** echo. Noticiário de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL
Onda Média (283, 290 e 397m)

14.00: Programa da tarde; **17.00:** Feira mágica; **20.00:** Peça que a gente passa; **22.00:** Portugal e a CEE; **22.15:** Religiosos; **23.30:** Tempo e resultados; **23.00:** 24.ª hora; **01.00:** É de noite... já se vê; **03.00:** Guarda-nocturno. Noticários de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.00: A casa da música; **17.00:** Rock em stock; **18.00:** Círculo em FM; **19.00:** Em órbita; **20.00:** Nova geração; **21.00:** O sabor da música; **22.00:** As mil e uma noites; **00.00:** Morrison Hotel; **02.00:** O rock pode esperar; **03.00:** Guarda-nocturno. Noticiários de hora a hora.

TELEVISÃO

RTP

17.32 - Brinca Brincando
18.00 - Sumário
18.05 - Santa Tersa de Avila

1º Episódio: - Série de inegável interesse histórico coproduzida pela TVE e pela RAI que retrata em oito episódios a apaixonante e atribulada vida de Santa Teresa de Ávila, carmelita espanhola, descendente de uma família de judeus que mais tarde se convertera ao cristianismo.

Realização de Josefina Molina

Interpretes: Concha Velasco, Maria Massip, Francisco Rabal, Hector Alterio, Patricia Adriani, Tony Isbert, Emilio Gutierrez Caba, Silvia Munt, Lina Canalejas, Eduardo Calvo, Franchesco Carnelutti, Carmen Lozano, Virginia Mataix.

19.30 - Telejornal
20.00 - Boletim Meteorológico
20.10 - Palavras Cruzadas

Episódio: -Helena encontra-se com Oswaldo e com Vitor que tentam convencê-la a assumir a direcção da empresa e a afastar Marta. Helena pede-lhes que em trocam consigam tirar João da Clínica. Entretanto, os dois homens mandam Helena ao acroporto buscar uma encomenda para a entregar em determinado local. Mina vai visitar o pai, leva-lhe um presente e verifica que ele está quase cego. Ela sabe através da tia que o pai tem de ser operado. Toma nota do nome do médico e promete tratar de tudo. Helena fica furiosa quando sabe que Rui costuma sair com Fátima que é filha de um camionista da empresa e diz a Isabel que não perdoa nem esquece o facto de o irmão, já depois de internado, ter passado uma procuração a Marta, por intermédio de Luis. Isabel continua a trabalhar na sua reportagem sobre contrabando, vindo à baila o nome de Oswaldo Moreira. Mário conta a Paulo que Marta mandou preparar duas camionetas para um serviço importante e que só no último minuto irá saber quem fará o serviço. Inesperadamente aparece junto deles Alberto que ouve parte da conversa.

20.50 -Sargento Getúlio

Realizado por Hermano Penna, o filme, baseia-se numa história homónima de João Ubaldo Ribeiro. Os principais intérpretes são: Lima Duarte, Orlando Vieira, Inêz Maciel, Fernando Bezerra, Flávio Porto e António Leita.

22.30 - 24 Horas
23.20 - Boa Noite
23.05 - Remate

RTP 2

15.05 - Agora Escolha!
16.30 - Notícias
16.35 - Trinta Minutos Com...

Carlos do Carmo

17.10 - Countdown
18.05 - Estádio
19.00 - Nino Show
20.05 - 5ª Dimensão

122º Episódio: - Jared Garriety chega a uma cidade do Arizona - Happiness - numa tranquila manhã de 1890. Happiness é famosa pelo seu cemitério, onde não faltam mortos a recordar o passado violento da cidade. Garrity afirma que pode vencer a morte e, para provar os seus talentos, restitui a vida a um cão que fora atropelado. Em seguida, e mediante determinado pagamento, ele concorda em esvaziar o cemitério nessa mesma noite...

Realizador: Ted Post

No 1º Canal, às 18.05, o 1º episódio de «Santa Teresa de Ávila»

20.30 - Uma Família às Direitas

98º Episódio: - Depois da «babysitter» de Joseph ser despedida, é o avô Archie quem acaba por ficar obrigatóriamente de serviço.

No 2º canal, às 16.30, «Trinta Minhutos Com...» Carlos do Carmo

21.00 - Jornal das Nove
21.30 - Montra de Livros

«Obras várias de Teixeira de Pascoaes»

21.35 - Teatro Estrangeiro: As Bacantes

(1ªParte): - Uma visão actual da tragédia de Eurípedes. Um dos espectáculos mais importantes de Schaubuhne que consagrou mundialmente o encenador Klaus Michael Grueber como um dos mais visionários dos artistas contemporâneos.

Interpretes: Michael Konig, Bruno Ganz, Edith Clever, Peter Fitz, Heinrich Giskes.

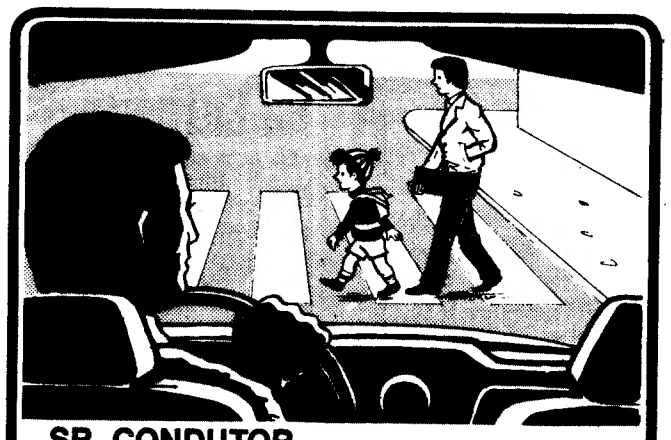
AMANHÃ

RTP-1

17.32 - Brinca, Brincando
18.00 - Sumário
18.20 - Santa Teresa de Ávila
19.30 - Telejornal
20.00 - Boletim Meteorológico
20.10 - Palavras Cruzadas
20.05 - Primeira Página
21.55 - Pedro, O Grande
23.30 - 24 Horas
24.00 - Remate

RTP-2

15.05 - Agora, Escolha!
16.30 - Notícias
16.35 - Trinta Minutos Com...
17.05 - Countdown
18.00 - Estádio
19.00 - Nino Show
20.05 - 5ª Dimensão
20.30 - Uma Família às Direitas
21.00 - Jornal das Nove
21.30 - Montra de Livros
21.35 - Teatro Estrangeiro: As Bacantes (2ª Parte)



SR. CONDUTOR

Nas passadeiras os peões têm prioridade

ANO EUROPEU DA SEGURANÇA RODOVIÁRIA

GRUNDIG seleccionou para si...

RTP 1 Sargento Getúlio

RTP 2 Teatro Estrangeiro

GRUNDIG PORTUGUESA
comércio de artigos electrónicos, Lda.
Rua Bento Jesus Caraça, 17
Cruz Quebrada-1495 LISBOA
Telef. 4197570

«Santa Teresa D'Ávila»

PORTE PAGO

DL

Fundador Joaquim Manso

Director A. Ruella Ramos

Director adjunto Fernando Piteira Santos

DEPÓSITO LEGAL: 1426/82

ÚLTIMA HORA

O decreto-lei que prorroga o mandato do general Brochado de Miranda no cargo de Chefe do Estado Maior da Força Aérea está em Belém aguardando a assinatura do Presidente da República. A proposta de nomeação de Brochado de Miranda para mais dois anos naquele cargojá foi debatida no Conselho Superior Militar e em Conselho de Ministros. O decreto aguardou até agora o regresso do Presidente da sua viagem oficial ao Brasil.

Totoloto: 10 393 contos para sete apostadores

Sete apostadores com a «chave certa» (7, 9, 12, 14, 21, 37 + 41) do Totoloto de sábado passado tinham sido apurados, até à hora do fecho do nosso jornal, pelo que, a manterem-se estes resultados, irão receber cada um deles 10.393 contos. Os totalistas são Maria Odete Roque, do Montijo, e anónimos de Lisboa, Penafiel, Santo Tirso, Cabeceiras de Basto e Sátão. Entretanto, os escrutinadores da Santa Casa da Misericórdia apontam para 54 concorrentes com o 2.º prémio (250.870 escudos), 2 092 com o 3.º (19 575 escudos) e 109 557 com o 4.º (1 370 escudos). Por não ter atingido os 75 escudos o valor do 5.º prémio reverterá a favor do 4.º prémio.

Quanto ao Totobola (resultados definitivos) foram encontrados 196 apostadores com treze apostas certas (prémio de 93 053 escudos), 1 348 com doze (3 410 escudos) e 5 629 com onze (360 escudos).

Serra da Estrela debate-se com o maior nevão deste ano

As estradas da zona da serra da Estrela permaneciam esta manhã fechadas ao trânsito devido aos nevões que têm caído. Segundo um porta-voz do Centro de Limpeza de Neve da região, encontram-se cortados ao tráfego os troços Covilhã-Seia (via Torre), Manteigas-Nave de Santo António e Manteigas-Gouveia (via Mondeguinho).

A neve que cai desde a passada quinta-feira atinge já os três metros de altura nas trincheiras e zonas abrigadas da Torre, enquanto nas zonas mais baixas há camadas de um metro de altura, tendo constituído o maior nevão deste ano.

Os acessos à Guarda e à fronteira de Vilar Formoso estão transitáveis, apesar da existência de gelo nos locais mais abrigados. Quanto à temperatura, desceu a zero graus em toda a zona da serra da Estrela, Guarda e Trancoso.

Publicada concessão de verbas para o distrito de Setúbal

O governo atribuiu mais 500 mil contos das verbas da acção social do Orçamento da Segurança Social ao «plano de emergência para o distrito de Setúbal», segundo uma resolução do Conselho de Ministros hoje publicada no «Diário da República».

A resolução do Governo refere que os 500 mil contos são destinados ao financiamento de programas de ocupação de jovens em actividades socialmente úteis e de ocupação de jovens e adultos em actividades independentes.

A verba aprovada destina-se ainda a financiar programas de apoio e actividades de tempos livres a crianças, jovens e idosos, de integração de adultos em situações especiais e de obras e equipamentos sociais.

O Governo nomeou ainda a Governadora Civil do distrito para gerir a aplicacão das verbas nas acções previstas, em articulação com os programas do Ministério do Trabalho e Segurança Social na área de emprego e formação profissional financiadas pelo Instituto do Emprego e Formação Profissional e Fundo Social Europeu.

Número especial de aniversário

A edição de amanhã do «Diário de Lisboa» — número especial de aniversário — terá 64 páginas, incluindo um caderno especial onde se recordam alguns nomes grandes que nestes 66 anos passaram pelas páginas do nosso jornal. Por tal motivo, não se publicará o suplemento «Sete Ponto Sete», que este semana sairá na quarta-feira

DECARAS

VITOR MENDES, o seu bandarilheiro (e ex-matador) Manolo Montoliú e o ganadeiro madrileno Victorino Martin ganharam os mais apetecidos troféus das «fallas» de Valência. O diestro português, que cortou quatro orelhas aos dois toiros «victorinos» que lhe saíram, ganhou o troféu da EFE (agência espanhola de notícias), da Assembleia Municipal de Valência e do «Hogar Castelhano-loenes» (Cantinho Castelhano-Leonês), e ainda o do Hotel «Rei D. Jaime» e «Le Privé». O banadrilheiro Manolo Montoliú, que é natural de Valência arrecadou os prémios relativos à melhor brega (também outorgado pela «Diputatíon», Assembleia Municipal) e à tertúlia «tinto e oiro».

PEDRO CALDEIRA CABRAL acaba de publicar mais um álbum, intitulado «Duas Faces». Com 11 temas originais do guitarrista, contam-se entre eles «Castro Daire», «Jogo de Sons», «Dança dos Alfaiates» e «Estudo em Harpejos». O Lp tem também a participação de Rui Luís Pereira, João Nuno Represas e Francisco Perez.

MANOEL DE OLIVEIRA será o realizador de «Os Canibais», o primiero filme-ópera feito em Portugal. A ópera que o cineasta projecta filmar é baseada na novela. «Os Canibais», do escritor português Álvaro de Carvalhal, considerado um cultor do «romance gótico», na linha de Edgar Allan Poe e de Hoffman. Para a sua realização foi já assinado um acordo para o seu financiamento, no valor global de 42 750 contos, entre o Instituto Português de Cinema (IPC) e a firma produtora «Filmargem».

DENG XIAOPING, líder chinês, gracejou hoje com o primeiro-ministro sueco, Ingvar Carlsson, dizendo que está tão velho que dificilmente pode participar no Dia da Plantação da Árvore, celebrado anualmente na China. Deng, com 82 anos, explicou que se sentou à direita de Carlsson, ao contrário do estabelecido pelo protocolo, porque dificilmente ouve do ouvido direito. «Politicamente sou considerado de esquerda, por isso é natural que me sente à esquerda», respondeu Carlsson. O líder chinês afirmou que as relações sino-suecas eram boas e que a visita de seis dias de Carlsson à China permitiria intensificá-las ainda mais.

JOSÉ EDUARDO DOS SANTOS chegou ontem a Pyongyang, para uma visita à Coreia do Norte — noticiou a agência norte-coreana KCNA, captada em Tóquio. Depois de uma cerimónia de boas-vindas no aeroporto, Eduardo dos Santos e membros da sua comitiva efectuaram uma visita de cortesia ao Presidente Kim Il-Sung, que completa 75 anos no próximo dia 15. O presidente angolano regressava do Vietname, onde se deslocou em visita oficial.

N'KAMA: o zairense do Vitória de Guimarães que ficou ao lado do conimbricense Marito na galeria-TV do «golo do mês», é hoje homenageado no Páteo Alfacinha, pelas 20 horas. A Central de Cervejas, a Sagres e a Infoplan vão entregar-lhe a placa «Viva o golo», perante convidados como Eusébio, Costa pereira, Maria da Fé, Laura Soveral e Tony de Matos. Festa grande em perspectiva.

Associações de pais defendem regionalização

A presidente da Confederação das Associações de Pais defendeu na Figueira da Foz a necessidade de regionalização imediata e modernização da gestão das escolas do País.

Maria Tomé, que falava no 12.º Encontro Nacional de Associações de Pais, sublinhou que «os problemas não podem continuar abafados por um macroministério, cujas deficiências resultam fundamentalmente da sua dimensão e da concentração de poderes».

Sobre o despacho que determina o carácter eliminatório da disciplina de Português, Maria Tomé sublinhou não se entender «como se pode continuar a fazer lei quando nem sequer há um número suficiente de professores da disciplina».

Aguiar e Silva, professor catedrático da Faculdade de Coimbra, afirmou, por seu turno, que «as funções da escola só são pervertidas se a sociedade implicar a uniformização do ensino em nome de critérios ideológicos, políticos ou religiosos».

Cerca de 150 associações de pais participam no 12.º Encontro Nacional que se prolonga até domingo, encerrando com uma assembleia geral e a leitura das conclusões.

"Eurocheque" dá direito a levantamentos na Europa

Os cem mil detentores dos cartões «Eurocheque» podem desde sábado levantar dinheiro sem limitações cambiais em mais de 2200 máquinas automáticas de pagamento instaladas em Espanha, Grã-Bretanha, Alemanha Federal e Dinamarca.

A nova vantagem é concedida aos clientes da conta multi-serviços do BPA e permite o levantamento diário até 25 mil pesetas, 100 libras, 400 marcos ou 1200 coroas, consoante os países em que os seus portadores se encontrem.